



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

HELDER ALBERTO SEIXAS DE SOUSA

Educar para a Partilha

Uma reflexão teológica, pedagógica e didática sobre a Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, do 6º ano do Ensino Básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2018**

“Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes;
mas que é isso para tantos?”

Jo 6,9

RESUMO

Indo de encontro às problemáticas e desafios que o mundo atual coloca à educação e tentando responder às exigências do momento presente, caracterizado pela imprevisibilidade e pelas mudanças aceleradas, desencadeou-se a presente indagação teológica e pedagógica – Educar para a Partilha. Perante o alheamento e a indiferença dos alunos diante as necessidades e dificuldades dos pares, bem como o desinteresse em geral pelos mais frágeis e abandonados, procurou perceber-se como é que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode contribuir na educação dos valores da partilha.

Feita a pesquisa documental sobre importância da educação para os valores e compreensão da relevância dos valores da partilha, na formação integral da pessoa, desenvolve-se uma proposta pedagógica baseada no modelo de ensino cooperativo com o fim de potenciar nos alunos experiências de partilha e desenvolver valores que combatam o desinteresse perante as necessidades dos que estão ao seu lado.

Considera-se essencial que as novas gerações sejam educadas no espírito da partilha, da justiça e da verdade, realizado pela via da caridade com objetivo de dar continuidade ao mandato de Jesus Cristo, de ir ao encontro dos frágeis, dos desprotegidos, dos pobres e torná-los irmãos.

Palavras-chave: pão; partilha; educação; aprendizagem cooperativa; solidariedade.

ABSTRACT

By facing the problems and challenges that the present world poses to education and by trying to respond to the demands of the present moment, characterized by unpredictability and by accelerated changes, the present theological and pedagogical report – Educate for Sharing- has been developed. Faced with the students' alienation and indifference to the needs and difficulties of their peers, as well as the disinterest in general for the most fragile and abandoned in society, it was sought to understand how the subject of Moral and Religious Catholic Education can contribute to the education of the values of sharing.

After documental research on the importance of education for values and the understanding of the relevance of the value of sharing in the integral formation of the person, a pedagogical proposal based on the model of cooperative teaching was developed with the purpose of promoting in the students experiences of sharing and developing values that fight against the detachment from the needs of those around them.

It is considered essential that the new generations should be educated in the spirit of sharing, of justice and truth, carried out by means of charity in order to continue the command of Jesus Christ to meet the fragile, the unprotected and the poor and look at them as brothers.

Key-words: bread; share; education; cooperative learning; solidarity.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	07
CAPITULO I – O PÃO	09
1. O pão na história	09
2. O pão, símbolo de todos os bens	19
3. A simbologia judaico-cristã do pão	22
<i>3.1. O pão ázimo e o pão com fermento</i>	23
<i>3.2. O maná</i>	25
<i>3.3. A Páscoa</i>	28
<i>3.4. A Eucaristia</i>	32
4. Síntese conclusiva	38
CAPITULO II – EDUCAR PARA A PARTILHA	39
1. A educação	40
2. A educação para os valores	51
3. A partilha	60
<i>3.1. A simbologia da partilha no estar à mesa</i>	61
3.1.1. Aliança entre as pessoas	63
3.1.2. Aliança com Deus	64
<i>3.2. Os valores da partilha</i>	65
<i>3.3. Importância da solidariedade/voluntariado</i>	70
4. Síntese conclusiva	73
CAPITULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 3, A PARTILHA DO PÃO, DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE	74
1. A experiência pedagógica e didática	75
<i>1.1. A criança entre os 10 e os 12 anos</i>	75
<i>1.2. A Aprendizagem Cooperativa</i>	79
<i>1.3. O perfil do professor</i>	84
<i>1.4. Apresentação da Escola</i>	88
<i>1.5. Caracterização da Turma</i>	90

2. A Unidade Letiva 3, A Partilha do Pão, do 6º ano de escolaridade	93
2.1. <i>A apresentação e conceção da Unidade Letiva</i>	93
2.2. <i>A planificação e a sua contextualização</i>	96
2.2.1. Aula 1 – Introdução à Unidade Letiva	101
2.2.2. Aula 2 – A importância da alimentação	103
2.2.3. Aula 3 – O significado simbólico-religioso do alimento	105
2.2.4. Aula 4 – Autoavaliação	106
2.2.5. Aula 5 – A solidariedade	107
2.2.6. Aula 6 – O voluntariado	109
2.2.7. Aula 7 – A Última Ceia	112
2.3. <i>Avaliação</i>	128
CONCLUSÃO	131
BIBLIOGRAFIA	133
ANEXOS	140

INTRODUÇÃO

O presente Relatório é realizado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, variante em Educação Moral e Religiosa Católica, inserido na Prática de Ensino Supervisionada, sob o título *Educar para a Partilha* e o resultado de um percurso de aprofundamento dos conteúdos da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, que é parte do programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, lecionada ao sexto ano de escolaridade do ensino básico.

A escolha da Unidade Letiva 3 resulta do interesse pela temática da partilha e pela importância que a mesma assume, através da solidariedade e do voluntariado, no atual contexto sociocultural do nosso país.

Considera-se essencial que as novas gerações sejam educadas no espírito dos valores da partilha, como a justiça e a verdade, realizada pela via da caridade com objetivo de dar continuidade ao mandato de Jesus Cristo, a fim de ir ao encontro dos frágeis, dos desprotegidos, dos pobres e torná-los irmãos.

A educação para os valores da partilha constitui um papel preponderante na educação integral da pessoa, nomeadamente das crianças e jovens. Neste sentido, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, pelas suas características e natureza, pode garantir essa formação integral com a aposta na educação para os valores.

Educar para partilhar, para ser pão para os outros, indo ao encontro dos que mais precisam, é o objetivo principal desta Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, e a sua estrutura desafia-nos a educar as novas gerações e a nós próprios para uma verdadeira consciência da necessidade de construção de um mundo mais solidário, um mundo onde haja pão para todos. O desafio será levar à experimentação a possibilidade da multiplicação do pão para todos os necessitados através de Jesus Cristo. Sem essa atitude de partilha, não podemos ser chamados discípulos de Cristo. “O Evangelho ensina-nos não a amontoar, mas a multiplicar. Jesus revela-nos as possibilidades de vida que um único pão esconde. Com um só pão podemos fazer muita coisa, se aprendermos a arte de multiplicar a vida. Multiplicar a generosidade, a solidariedade, a ternura, a capacidade de sofrer com os outros e de se pôr no seu lugar”¹.

Este Relatório encontra-se estruturado em três capítulos.

O primeiro capítulo detém-se no aprofundamento da simbologia do pão que é assumido como o alimento essencial e símbolo de partilha na cultura judaico-cristã. Símbolo do alimento essencial, o pão é interpretado na cultura bíblica como dádiva e bênção de Deus e, por isso, motivo de agradecimento por parte do ser humano. O pão, símbolo de todos os bens, materiais e espirituais, é também sinal de aliança e elemento fundamental na relação entre as pessoas e entre estas e Deus. Atendendo que para os

¹ José Tolentino Mendonça, *Pai-Nosso que estais na terra* (Prior Velho: Paulinas, 2014), 107.

judeus é elemento essencial das refeições, o pão é utilizado por Jesus Cristo para o anúncio da Boa Nova, aparecendo na oração, em gestos e em milagres até ao ponto de se apresentar a si próprio como “o pão da vida” (Jo 6,48). Jesus, durante a sua vida pública, sentou-se inúmeras vezes à mesa participando até em vários banquetes. No entanto, é na Última Ceia que o pão ganha um extraordinário significado: “Tomai, comei: isto é o meu corpo” (Mt 26,26). Os discípulos de Emaús reconheceram Cristo pelos gestos e palavras na fração do pão (cf. Lc 24,13-35), tornando-se prática dos cristãos no sacramento da Eucaristia. Os cristãos ao celebrarem a Eucaristia, a presença real de Cristo, são impelidos a anunciar o Evangelho através do testemunho e das ações de partilha baseadas na caridade.

Dado que o pão é símbolo de partilha, fundamento da vida, da solidariedade, da esperança, no segundo capítulo, aborda-se o tema da partilha na escola e a necessidade deste valor na educação. A educação para os valores e a sua presença na escola através da visão da Igreja apresenta-se como solução para os tempos conturbados que se vivem nas instituições de educação apontado o rumo a dar à educação na sociedade contemporânea. Educar para a partilha é um imperativo na nossa sociedade, sendo necessário desenvolver a consciência da necessidade de criar condições para que haja pão para todos. A presença da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas instituições de educação é fundamental para tornar o desafio de educar para a partilha uma realidade.

O terceiro e último capítulo divide-se em duas partes. A primeira parte centra-se na Prática de Ensino Supervisionada, começando por caracterizar a faixa etária dos dez aos doze anos, o modelo de ensino escolhido, o seu contexto escolar, a descrição do Agrupamento de Escolas Emídio Garcia e a caracterização da turma A do sexto ano de escolaridade, por ter sido nessa turma que foi desenvolvido o estágio.

A segunda parte deste capítulo, apresenta as propostas de planificação e a lecionação da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, num total de sete aulas de quarenta e cinco minutos, concluindo com uma avaliação das aprendizagens ao longo da unidade letiva e das estratégias utilizadas no processo ensino-aprendizagem.

Para a elaboração do Relatório, seguiu-se a metodologia da norma Chicago 16^{a2} e obedeceu-se ao Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 2006.

² “Chicago-Style Citation Quick Guide”, acedido em 22 de abril de 2018, http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html.

CAPÍTULO I – O PÃO

“O Pão é o símbolo do alimento essencial”³ e foi sempre um alimento muito importante na vida do ser humano, garantindo muitas vezes a sua sobrevivência. O pão ao longo da história da humanidade tornou-se no alimento primário nas culturas do Mediterrâneo, do Norte de África e do Médio Oriente e dessa forma adquiriu ao longo dos tempos um carácter simbólico na nossa cultura. Encontramos também noutras culturas alimentos primários, equivalentes ao pão, que foram adquirindo uma determinada simbologia. Em particular na cultura judaica, o pão adquire uma simbologia profundamente religiosa. Torna-se símbolo de comunhão com Deus, que mais tarde Cristo adota para se tornar presente na Eucaristia.

Neste capítulo, abordaremos o pão como símbolo antropológico e teológico. O pão não pode só ser visto materialmente como alimento para o ser humano, mas também de forma significativa como alimento espiritual. O alimento espiritual está carregado de um importante significado simbólico-religioso.

1. O pão na história

O pão é um alimento essencial ao ser humano ao longo da história da humanidade, tornando-se o mais cultuado. Em todas as culturas, há pelo menos uma versão dele.

No momento presente, é o alimento mais conhecido e utilizado, sendo produzido em quase todas as sociedades. Ao longo da história, até chegar ao que nós consumimos hoje, a confeção foi-se alterando na forma e no aspeto, devido às mudanças tecnológicas à adaptação às novas necessidades dos consumidores e à evolução dos hábitos e culturas.

O pão por definição é uma descoberta química, sendo “um produto obtido por cozedura no forno, feito a partir de uma massa de farinha que é aglutinada e levedada por um fermento ou outro agente semelhante”⁴.

O início da confeção do pão situa-se na fase da sedentarização do Homem e conseqüente desenvolvimento da agricultura, permitindo, assim, desenvolver a produção do trigo e centeio necessários para a laboração do mesmo. Segundo Heinrich Jacob, “aquilo a que nós chamamos propriamente pão não se consegue fazer com sorgo,

³ Cristina Sá Carvalho (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 89.

⁴ Heinrich Eduard Jacob, *6000 Anos de Pão* (Lisboa: Antígona, 2003), 53.

aveia ou cevada. Assim, a história do pão assenta fundamentalmente no trigo e no centeio”⁵.

O ser humano aprendeu a refinar os cereais há cerca de 12000 anos, na Mesopotâmia, tendo aí começado a assar pães, baixos e chatos, em pedras, no chão. Em 7000 a.C., no Egito, foi criado o forno de barro para assar pão. Pouco mais tarde, os mesmos egípcios descobriram, completamente por acaso, o fermento. Aliás, descobriram o que chamamos hoje fermento natural, microrganismos presentes no ar que ao entrar em contato com a farinha e a água criam bolhas de ar na massa, resultantes da sua digestão do amido (forma de açúcar presente na farinha). Para Heinrich Jacob, o “pão assim obtido com a utilização de um fermento (...) está ligado à civilização ocidental há seis mil anos”⁶ e a técnica foi difundida por várias civilizações da Antiguidade.

Só a química moderna pôde determinar o que é exatamente o processo de fermentação. O ar contém uma quantidade enorme de microrganismos que estão apenas à espera de encontrar uma superfície onde possam alimentar-se. Foram precisamente esporos e fungos de levedura que se lançaram sobre os restos de açúcar contidos na mistura de água do Nilo e de farinha: em consequência da ação desses microrganismos, o açúcar divide-se em ácido carbónico e álcool. As bolhas do ácido carbónico não conseguem escapar através do material enrijecido à superfície e fazem inchar a massa tornando-a fofa. Durante a cozedura, o ácido carbónico e o álcool acabam por escapar de facto. Este último – que é tão importante no processo de confeção da cerveja – desaparece completamente na panificação. Quanto ao ácido carbónico, esse deixa o seu vestígio na porosidade interior do pão.

Os egípcios foram os primeiros a usar fornos, sendo uma grande inovação para a história do pão.⁷ Também lhes foi atribuída a descoberta do acréscimo de líquido fermentado à massa do pão para o tornar mais fofo e saboroso,⁸ dando-lhe o aspeto que ainda hoje conhecemos.

O pão teve sempre um papel de relevo na história da humanidade: moldou civilizações, foi instrumento político e religioso nos mundos da Antiguidade, permaneceu e fez subsistir nos séculos de fome da Idade Média, foi arma na Revolução Francesa e ajudou a terminar com o conflito da I Guerra Mundial.

⁵ Jacob, *6000 Anos de Pão*, 53.

⁶ *Ibidem*, 54.

⁷ Cf. Margarida Pereira-Müller, *Pão feito em Casa* (Feitoria dos Livros, 2011), 9.

⁸ Cf. Pereira-Müller, *Pão feito em Casa*, 9-10.

Na Antiguidade, chamavam aos egípcios “comedores de pão”⁹, porque faziam do pão o alimento principal da refeição. O pão também era uma unidade de medida, pois com ele pagavam os salários dos trabalhadores. Um trabalhador rural ganhava três pães e duas canecas de cerveja por dia de trabalho.¹⁰ Este produto foi usado, durante muitos séculos, como moeda, por ser um produto de extrema necessidade à alimentação e os faraós também o utilizavam como meio de pagamento aos serviços realizados. A partir do domínio das técnicas de confeção e cozedura, o pão, no Egito, tornou-se o alimento principal da refeição. Ainda hoje, os anciãos egípcios comem os legumes, o peixe ou a carne dentro do pão. As camadas mais pobres da população viviam apenas de pão e recusar pão a um mendigo era visto como um enorme pecado.

Os Hebreus “não podiam deixar de sentir espanto perante um povo que passava o dia todo ocupado com tudo o que dizia respeito à confeção do pão. O pão que agora aprendiam a produzir não era invenção sua. Se tivessem continuado a ser pastores nómadas nunca a teriam adotado”¹¹. Desta forma, o povo de Israel só conheceu o pão através do contacto com os egípcios.

Os judeus começam o fabrico do pão na mesma altura, mas não utilizam fermento, resultando o pão ázimo. Este pão era usado nas celebrações religiosas. Acreditavam que o pão era “um auxiliar de memória”¹², associando-o ao acontecimento de Moisés recordar ao povo o acontecimento histórico da libertação e saída dos filhos de Israel do Egito, sendo tão “apressada que não tiveram tempo de confeccionar completamente o pão”¹³. Por isso é que a Bíblia relata que os judeus não puderam esperar que os pães levedassem antes da fuga do Egito, levando um pão de massa pesada e azeda.¹⁴ Este episódio é lembrado ainda hoje na Páscoa judaica, ao comerem o pão ázimo, tal como acontecia com Javé que só oferecia pão ázimo, sem fermento.¹⁵ “Comer pão levedado nas proximidades de Deus (...) era (...) ofender um princípio, uma lei natural religiosa, cuja violação tinha consequências prejudiciais para todo o

⁹ Jacob, *6000 Anos de Pão*, 73.

¹⁰ Cf. *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*, 77.

¹² *Ibidem*, 80.

¹³ *Ibidem*, 79.

¹⁴ “O povo levou a sua farinha amassada antes de levedar, e sobre os ombros as suas amassadeiras envoltas nos seus mantos” (Ex 12,34); “Eles cozeram a farinha amassada com que tinham saído do Egito em bolos sem fermento, pois não tinha fermento. Tinham, na verdade, sido expulsos do Egito, e não puderam demorar-se; nem sequer fizeram provisões para eles” (Ex 12,39).

¹⁵ “Guardarás a festa dos pães sem fermento. Durante sete dias comerás pães sem fermento, como te ordenei, no tempo fixado do mês de Abib, porque foi nele que saíste do Egito. E ninguém se apresente diante de mim de mãos vazias” (Ex 23,15).

povo”¹⁶. O pão fermentado, uma novidade com 4000 anos, demorou séculos a tirar a primazia ao pão ázimo, considerado pão puro, sagrado e adequado a alguns fins religiosos para os hebreus, romanos, católicos e muçulmanos.¹⁷

Também na Grécia e em Roma, o pão ocupou um lugar importante na história dos dois impérios. Na Grécia, ocorreu na mesma época que no Egito, uma vez que havia sempre cereal à venda; já em Roma foi bem mais tarde (800 anos a.C.), porém com uma grande importância.

Os Gregos, sem grandes condições naturais para o cultivo dos cereais, revestiram-no de um valor emocional e deificaram-no; os Romanos entenderam o seu valor e aproveitaram-no como utensílio político.

A Grécia, por sua vez, não estava dotada das mesmas características naturais que fizeram do Egito, sediado nas margens do Nilo, um apogeu da agricultura. As especificidades dos terrenos gregos estavam bastante longe de reunir as condições para uma produção agrícola satisfatória: “Por muito que o clima mediterrânico fosse ameno e favorável à agricultura, a verdade é que os terrenos eram maus. Terrenos calcários cobertos por uma fina camada de húmus pobre em argila. Demasiado fina para reter a água e tão pouco abundante”¹⁸. Por conseguinte, a produção de cereais era insuficiente e a cidade de Atenas era obrigada a importar mais de um milhão de medidas de cereal, o que constituía uma terça parte da totalidade que consumia.¹⁹

A forte relação dos gregos com o mar, em conjunto com a necessidade de trazer cereal para o seu território, fizera com que a sua economia se orientasse para o comércio de importação de cereais. Só a partir dos finais do século VI e inícios do século V a.C., com a tomada de poder por parte de *Sólon* e a potenciação dos agricultores, através do perdão de dívidas que estes tinham perante os proprietários dos terrenos e a ascensão de partidos políticos compostos por trabalhadores rurais, é que os gregos começaram a desenvolver “um autêntico instinto de cultivo”²⁰. A partir desta altura, o indivíduo que trabalhasse a terra era visto quase como um sacerdote e o trabalho que até então era visto como vergonhoso, por tornar o ser humano escravo do esforço e do suor, passou a enobrecer quem o praticava.²¹

¹⁶ Jacob, *6000 Anos de Pão*, 83.

¹⁷ Cf. Emílio Peres, “pão”, in *Enciclopédia Verbo, Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XXII, Jorge Colaço e George Vicente (coord.), (Braga: Editorial Verbo, 2002), 53-54.

¹⁸ Jacob, *6000 Anos de Pão*, 91.

¹⁹ Cf. *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*, 94.

²¹ Cf. *Ibidem*.

A civilização grega desenvolveu o culto do pão através da deusa *Deméter*. Era uma deusa toda-poderosa, que dava ensinamentos sobre o domínio das técnicas da agricultura, não tinha qualquer ligação a artes guerreiras e salvava o povo ateniense na batalha da Maratona. O culto de *Deméter* generalizou-se por toda a Grécia e surgiram vários santuários dedicados à deusa dos cereais e do pão. Segundo Platão, *Deméter* transformou-se, igualmente, em legisladora e protetora da vida sedentária.

No Império Romano, mais do que analisar o culto ou a evolução de algumas técnicas agrícolas ou de confeção do pão, interessa atentar na ideia central de que a apologia da agricultura era feita pelo próprio Estado. Não é que se deva desvalorizar o culto de *Ísis* e mesmo da deusa grega *Deméter*, ou a existência de uma deusa dos fornos: *Fornax*! Também não esquecemos que aqui surgiram os moinhos mecânicos, em substituição dos manuais. “Desenvolveram um complexo sistema de moagem e cozedura, de que resultaram mais de 70 tipos de pão”²². No entanto, a facilitação ou não das ferramentas e dos diferentes meios de criação dos cereais e do pão guiou a política romana, condicionando e hierarquizando, por exemplo, a necessidade e a importância das conquistas de determinadas zonas.

O pão era um dos componentes da política do *panem et circenses* (pão e circo), que consistia na distribuição de trigo em espetáculos públicos pela administração do Império. Esta política era utilizada pelos imperadores para manter uma satisfação aparente da população, desviando a atenção das disputas de poder e das condições de vida a que o povo estava submetido.

Analisada a história de Roma acaba por mostrar as razões do declínio do império pelo aproveitamento indevido do valor que o alimento por excelência, o pão, tem para a população. Em Marx, é célebre a afirmação de que a revolução nasce quando há fome. Em Roma, o lema “Pão e Circo” para o povo teve sucesso até quando este percebeu que os mais ricos da estrutura social não permitiam que existisse uma distribuição minimamente democrática das possibilidades de riqueza.

O hábito de consumir pão, devido à expansão do Império Romano, difundiu-se por uma grande parte da Europa Ocidental.²³

A Idade Média representa um período da história da Humanidade em que não se verificaram significativos avanços globais da sociedade, que permitissem alguma melhoria das condições básicas de vida.

²² Maria Fernanda M. Soares e Vitor Wladimiro Ferreira (Direção Editorial), “Pão”, in *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, vol. XIII (Alfragide: Ediclube, 1996), 4633.

²³ Cf. António de Oliveira, “pão”, in *Enciclopédia Verbo, Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XXII, Jorge Colaço e George Vicente (coord.), (Braga: Editorial Verbo, 2002), 53.

As padarias deixaram de existir e a produção de pão, que era escuro e teria que se comer duro, era feita artesanalmente pelos camponeses, acompanhando outros alimentos. Assim, as pessoas voltaram a comer pão sem fermento. A situação de fome, ou da necessidade de um trabalho extremo para conseguir alimentar as suas famílias, fazia com que o servo nada mais fizesse do que trabalhar a terra, de manhã à noite, para dela conseguir tirar algum proveito, depois de pagas as contribuições ao Rei e ao proprietário. A vida era muito dura e só sobreviviam os mais fortes.

O pão era o alimento por excelência das classes mais pobres e, ainda assim, estas comiam o pão mais escuro e duro, uma vez que os cereais que faziam um pão mais branco, fofo e saboroso estavam destinados às classes altas. Um sinal de que a fome existia na Idade Média foi a existência de pestes e infeções que dizimavam populações desnutridas e fisicamente vulneráveis. A mais famosa foi a Peste Negra, que chegou à Europa, vinda do Oriente, no século XIV.

Em Portugal, a situação económica e social é muito semelhantes à do resto da Europa, sendo a fome um dos grandes flagelos que mortificavam a população, pelo que se desenvolve a ação solidária para com as vítimas da fome, muitas vezes com o aparecimento milagroso de alimentos. Daí o surgimento de contos e lendas sobre o pão, ligados a modelos e exemplos cristãos de vida.

Nesta época, encontram-se milagres semelhantes nas lendas biográficas de quase todos os Santos, à semelhança do que acontece com a Bíblia que faz referência a vários milagres que estão relacionados com a multiplicação ou o aparecimento milagroso de alimentos.²⁴ Um exemplo disso é a figura de Santo António, que é um modelo de vida cristã de dedicação aos pobres.²⁵ “Visitava amiúde as igrejas e mosteiros da cidade e era compassivo com os pobres, a quem socorria nas necessidades”²⁶. A trajetória da sua existência terrena foi breve: trinta e seis anos ou talvez quarenta, como parece mais provável.²⁷ Mas foi uma caminhada humana e cristã vivida com intensidade. A dedicação da sua entrega à busca interior de Deus e à proclamação do Evangelho encheu em plenitude a brevidade dos seus anos de vida.

²⁴ Cf. Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 84.

²⁵ Cf. José Leite (organ), *Santos de cada dia*, vol. II (Braga: Editorial A.O., 1985), 193.

²⁶ Leite (organ), *Santos de cada dia*, vol. II, 193.

²⁷ Cf. Franciscana, *Fontes Franciscanas III - Santo António de Lisboa*, vol. I (Braga: Editorial Franciscana, 1998), 9-11.

Fernando Martins,²⁸ seu nome de batismo, começou a frequentar, ainda criança, a catedral de Lisboa, situada ao lado da casa de seus pais, para as lições de catequese, a participação nas celebrações litúrgicas e ainda para aprender as primeiras letras.²⁹

Entre os quinze e os dezoito anos, ingressou no Mosteiro dos Cónegos Regrantes Agostinhos de S. Vicente de Fora, que nessa altura se encontrava mesmo fora da cidade. Dois anos depois, mudou-se para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, também dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, pois em Lisboa, os parentes e amigos provocavam dispersão com as suas frequentes visitas, já o mosteiro de Santa Cruz, longe de Lisboa, proporcionava “entregar-se a Deus e em paz cultivar a perfeição”³⁰.

Santa Cruz era então um centro notável de cultura eclesiástica e civil instituída muito antes da fundação da Universidade em Portugal. Vários dos seus mestres tinham frequentado escolas em Paris.³¹ Ao fim de dez anos de permanência “em Santa Cruz estava doutor consumado nas ciências divinas e humanas”³². O período que viveu entre os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho - escreveu o Papa João Paulo II na carta comemorativa do oitavo centenário antoniano - foram “dez anos de vida caracterizados pela busca diligente e ativa de Deus, pelo estudo intenso da Teologia e pela maturação e aperfeiçoamento interior”³³.

Entretanto, os Franciscanos, fundados em 1209, tinham chegado a Portugal. Fernando, entusiasmado pelo exemplo dos primeiros mártires franciscanos em Marrocos, transferiu-se para a nova Ordem, trocando o nome de batismo por Fr. António, seguindo para Marrocos no final de 1220.³⁴ O seu desejo era ser mártir do Evangelho nessas terras muçulmanas.

A Providência de Deus reservara-lhe, porém, outro destino. Vitimado por grave doença, vê-se obrigado a embarcar de novo para regressar a Portugal. Mas uma tempestade empurrou o navio para as costas da Sicília. Assim, António passou na Itália e na França os últimos dez anos de vida até à sua morte, em Pádua, a 13 de junho de 1231.

²⁸ Nome dado a Santo António no batismo, provavelmente em homenagem a um tio cónego. Cf. Henrique Pinto Rema, o.f.m., *Santo António de Lisboa. Obras Completas*, vol. I (Lisboa: Editorial Restauração, 1970), XII.

²⁹ Henrique Pinto Rema, ofm, *Santo António de Lisboa. Obras Completas*, vol. I (Lisboa: Editorial Restauração, 1970), XII.

³⁰ Cf. Franciscana, *Fontes Franciscanas III - Santo António de Lisboa*, vol. I, 36.

³¹ Cf. Henrique Pinto Rema, ofm, *Santo António de Lisboa. Obras Completas*, vol. I, XIV.

³² P. Fernando Félix Lopes, ofm, *Santo António de Lisboa-Doutor Evangélico* (Braga: Editorial Franciscana, 1992), 62.

³³ João Paulo II. *Mensagem ao Padre Lanfranco Serrini por ocasião do VIII centenário do nascimento de Santo António de Pádua*, AAS 87 (1994), 2.

³⁴ Cf. Henrique Pinto Rema, ofm, *Santo António de Lisboa. Obras Completas*, vol. I, XVI.

A lenda do Pão de Santo António remonta a um acontecimento que é assim narrado:

“António comovia-se tanto com a pobreza que, certa vez, distribuiu aos pobres todo o pão do convento onde vivia. O frade padeiro ficou em apuros, quando, na hora da refeição, percebeu que os frades não tinham o que comer: os pães tinham sido roubados.

Atônito, foi contar ao Santo o ocorrido. Este mandou que verificasse melhor o lugar em que os tinha deixado. O Irmão padeiro voltou estupefato e alegre: os cestos transbordavam de pão, tanto que foram distribuídos aos frades e aos pobres do convento”³⁵.

Até hoje, o Pão de Santo António é uma tradição em muitas igrejas, sobretudo franciscanas. Habitualmente, a distribuição faz-se às terças-feiras e, conforme os lugares, além do pão, distribuem-se outros géneros alimentares. Em Bragança, esta tradição está vincada na Igreja de Nossa Senhora das Graças, sendo uma referência para os mais necessitados. Parte da tradição é ainda a realização de uma trezena a Santo António, terminando com a bênção do pão e entrega do mesmo aos presentes.³⁶ “É convicção firme da gente que este pão bento nunca apodrece”³⁷.

Uma outra lenda desta época é a Lenda das Rosas, em que a Rainha Santa Isabel, inspirada pela ação fraterna de Jesus Cristo, ficou conhecida pela bondade que teve para com os mais necessitados e pobres, a quem distribuía os seus alimentos. Para atenuar a situação de fome que se vivia à altura, a rainha empenhou as suas jóias e mandou vir trigo de diversos lugares para abastecer o celeiro real e assim distribuir o pão pelos mais pobres.

“Santa Isabel, rainha de Portugal, nasceu em 1270 e faleceu em 1336. Era filha de Pedro III de Aragão e de Dona Constância da Sicília. Foi dada com doze anos em matrimónio ao rei D. Dinis de Portugal, que lhe deu total liberdade para praticar as suas devoções”³⁸. Diz-se que os pobres lhe chamavam mãe, ainda em criança. A sua festividade é celebrada a 4 de julho e o túmulo encontra-se na Igreja de Santa Clara, em Coimbra.

Durante a Revolução Industrial, a fabricação do pão desenvolveu-se muito, tanto ao nível do aumento de terras para ser semeado o trigo, como ao nível do

³⁵ Frei Alberto Beckhauser, “O Pão de Santo António”, *Franciscanos*, acessido a 22 de abril de 2018, <http://franciscanos.org.br/?p=18122>.

³⁶ Cf. Belarmino Afonso, *O cozer do Pão - aspetos de uma atividade artesanal transmontana* (Bragança: Escola Tipográfica, 1982), 31.

³⁷ Afonso, *O cozer do Pão - aspetos de uma atividade artesanal transmontana*, 31.

³⁸ Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 85.

desenvolvimento de técnicas de moagem do cereal. Os moinhos para moer o trigo desenvolvem-se deixando a forma mais artesanal para adotar o moinho a vapor.

Hoje, devido à globalização, existe uma variedade enorme de tipos e qualidades de pães, cuja fabricação envolve diferentes métodos. Cada cultura, cada região do mundo tem o seu pão típico.

Para concluirmos este ponto, a importância do pão também é revelada através da grande variedade de lendas, superstições e provérbios que o povo português guardou. Estes géneros literários apresentam imagens com um grande valor moral e expressões que se traduzem em ensinamentos e regras sociais. Neste trabalho, vamos só dar alguns exemplos disso em Trás-os-Montes.

Segundo um testemunho recolhido na vila de Vinhais, distrito de Bragança, em 1990,³⁹ uma mulher em vez de guardar o dia de sexta-feira santa, decidiu fazer pão. Enquanto amassava a farinha apareceu-lhe na massa um formato de uma hóstia com pintas de sangue. Isto trouxe-lhe à consciência o sofrimento de Cristo pelo seu pecado. Pecado este que foi reparado pela distribuição de todo o pão amassado pelos pobres da sua aldeia:

“Nos domingos e dias feriados o povo rural ainda hoje cumpre a tradição de não ir para o campo trabalhar. E é de tal forma o respeito por esses dias, que há certos feriados em que nem no campo nem em casa o povo trabalha. Assim acontece na Sexta-Feira-Santa. Contam os antigos que em Rebordelo, Vinhais, uma mulher resolveu não guardar o feriado de Sexta-Feira Santa e, desdenhando dos seus vizinhos, disse: Ides ver se eu vou ou não cozer hoje o meu pão! Pôs-se então a amassar a farinha, e, quando já ela estava a levedar, apareceu-lhe na masseira o formato de uma hóstia salpicada com pintas de sangue. A mulher ficou admirada, mas não se importou muito com isso. Vai daí, despejou a farinha e pôs-se a amassar outra, para tentar fazer o trabalho que tinha começado. Contudo, na masseira voltou a aparecer uma hóstia com pintas de sangue. Muito aflita, correu a casa do padre para se confessar e pedir a sua ajuda. O padre disse-lhe: Se estás arrependida do que fizeste, vai para casa, coze todo o pão que amassaste e vai depois distribuí-lo pelos pobres da aldeia. Ela assim fez. E nunca mais voltou a encontrar daqueles sinais na levedura do pão”⁴⁰.

Existe um conjunto de superstições depois do pão cozido que lhe dão um certo valor mágico: “não se deve partir com a faca o primeiro pão que se tira do forno. Iria

³⁹ Cf. Alexandre Perafita, *Antologia de Contos Populares*, vol. I (Lisboa: Plátano Editora, 2001), 58.

⁴⁰ Perafita, *Antologia de Contos Populares*, vol. I, 58.

prejudicar o que ficou no forno (Dárida Pardal, Sendim de Miranda) e vai contra as forças de quem o amassa (Rui Carvalho - Vila Flor) (...). O pão ao contrário indica que Nosso Senhor está em penas (Laviados - Bragança). Antes de o deitar a um cão, deve beijar-se e dizer: vai alimentar este animal (Maria da Purificação Afonso - Babe, Bragança)”⁴¹.

Estas práticas revelam um temor reverencial, tão comum nestas gentes tão simples, sendo também extensivo a outros aspetos da vida como: “Se caísse uma criança ao lume ou à água, e o pão estivesse virado ao contrário, primeiro devia pôr-se o pão direito, e só depois é que se deveria salvar a criança. O pão é sagrado e deve ser a primeira coisa a colocar sobre a mesa, numa refeição”⁴².

A grande diversidade de provérbios referentes ao pão, também reflete a importância deste alimento como símbolo na cultura popular portuguesa. A alusão ao pão está presente nos provérbios sobre os efeitos das condições climáticas, a qualidade das colheitas, a sazonalidade do meio rural, o comportamento humano, as relações sociais, a alimentação, os laços familiares e a religião.⁴³

Alguns provérbios:

“Casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão.
Com pão e vinho se anda o caminho.
Em toda a parte se come pão.
Ganhar o pão com o suor do seu rosto.
Pão, pão; queijo, queijo.
Saber o pão que o diabo amassa.
Se fores a Lomba, leva pão, que vinho t’o darão”⁴⁴.

Estes provérbios aconselham o uso do pão e julgam-no indispensável na alimentação. “Comer sem pão, é sinal de ser glutão, pouco educado, na ótica tradicional. Não comas sem pão - dizem as mães transmontanas aos filhos”⁴⁵.

Apesar de o pão estar espalhado por todo o mundo, sabemos que muita gente não tem acesso a este bem essencial. O pão, como já foi referido, é entendido como alimento essencial, é um direito que todas as pessoas têm. Porém, a realidade atual não é bem assim. Mais do que nunca existe uma sensibilidade e consciência do problema da fome à escala mundial. Tem sido preocupação de governos, de organização, de instituições, criadas para combater este drama. Mas não basta haver uma maior

⁴¹ Afonso, *O cozer do Pão - aspetos de uma atividade artesanal transmontana*, 31.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ Cf. Carla Brites e Margarida Guerreiro, *O pão através dos tempos* (Lisboa: Apenas Livros, 2008), 17.

⁴⁴ Afonso, *O cozer do Pão - aspetos de uma atividade artesanal transmontana*, 32-33.

⁴⁵ *Ibidem*, 33.

sensibilidade e consciência do problema da falta de pão, pois como reconhecemos, quando olhamos para a realidade sabemos que esta sensibilidade e esta consciência em pouco a alteram.

O desafio será educar para a partilha, pois como o papa Bento XVI refere, “a caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira”⁴⁶. Torna-se fundamental, então, a vivência da caridade.

2. O pão, símbolo de todos os bens

O símbolo é a maneira encontrada no processo de comunicação, encontrando-se presente no mais básico do quotidiano e nas mais variadas vertentes do saber humano. O ser humano utiliza símbolos para exprimir a dimensão espiritual da realidade abordada, agindo como ponte que une duas realidades que apesar de poderem existir separadas, só assumem sentido quando se unem. “Podemos, pois, dizer que os símbolos são um modo, como outro qualquer, de captar a realidade e traduzi-la para os outros, a quem nos dirigimos. Esta linguagem simbólica é, mesmo, a que traduz as realidades mais difíceis, mais íntimas e mais profundas”⁴⁷.

Etimologicamente, símbolo deriva da junção das palavras gregas *syn-ballo*.⁴⁸ Atendendo à etimologia, significa lançar junto, unir, juntar, reunir, pôr em ligação, pôr em relação sendo o antónimo, separar, dividir, criar distância. Ou seja, “comparar duas realidades, que têm alguma coisa a ver uma com a outra e que estão em relação de união uma com a outra: uma é imediatamente perceptível pelos sentidos do corpo; a outra, invisível. Esta última está implícita na primeira e a primeira adquire o seu pleno significado na segunda. A parte material é o significante, a parte espiritual é o significado”⁴⁹.

Este significado provém do direito pré-escrito. Quando dois indivíduos faziam um contrato ou uma amizade partiam um anel em forma de oito em duas partes, ficando cada um com uma parte, como sinal de identificação, compromisso, fidelidade e hospitalidade. A união das partes era sinal de reencontro. O símbolo, sendo uma realidade nova, é também uma realidade intermédia e como tal mediadora. O símbolo é

⁴⁶ Papa Bento XVI. *Carta Encíclica «Caritas in Veritate»*, AAS 101 (2009), 1.

⁴⁷ Herculano Alves, *Símbolos na Bíblia* (Fátima: Difusora Bíblica, 2017), 7.

⁴⁸ Cf. Alves, *Símbolos na Bíblia*, 8.

⁴⁹ *Ibidem*.

a união de dois elementos distintos que tendem a estar unidos. O mundo simbólico é o que mantém a união adequada entre as suas realidades. Só através do símbolo os elementos podem ser conhecidos. O símbolo, enquanto tal, não é nada em si mesmo, nem para si mesmo: é ponte e ponto de união.

O simbolismo é uma dimensão da vida e da existência histórica do ser humano e do seu modo de conhecer a realidade e de se relacionar com ela. No simbolismo e através dele, o ser humano encontra uma nova relação com a realidade e descobre uma possibilidade de comunicar e comunicar-se com quanto o rodeia de um modo muito mais profundo do que a abordagem racionalista da realidade, isto é, experimenta que as coisas que o rodeiam são mais que simples coisas materiais, são sinais cuja significação se estende mais para além do que a sua força sensível e imediata. “O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano, precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspetos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser”⁵⁰.

O simbolismo é um método de leitura e aceitação da realidade.

Como refere Mircea Eliade, o simbolismo desempenha um papel considerável em todas as religiões: “é, graças aos símbolos, que o Mundo se torna «transparente», suscetível de «mostrar» a transcendência”⁵¹.

O pão é um dos símbolos com maior importância em toda a Bíblia. A linguagem bíblica está cheia de símbolos que se tornam fundamentais na relação do ser humano com Deus. “Ora, ao tentar falar de Deus, tem que se usar necessariamente a linguagem dos símbolos e da poesia, pois Deus não se vê nem se pode falar dele como se fala de um objeto que se vê e se deixa tocar”⁵².

Dada a sua importância no quotidiano do ser humano, primeiramente, o pão é símbolo de todos os bens materiais, de todo e qualquer alimento diário.⁵³

Na Palestina, o pão era o alimento principal, a expressão “comer pão” (Gn 37,25) estava relacionada com qualquer ingestão de alimentos. Ainda hoje, nas aldeias do Nordeste Transmontano, é muito frequente usar a expressão: “que não nos falte o

⁵⁰ Mircea Eliade, *Imagens e Símbolos* (Lisboa: Arcádia, 1979), 13.

⁵¹ Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões* (Lisboa: Livros do Brasil, 1999), 140.

⁵² Alves, *Símbolos na Bíblia*, 13.

⁵³ Cf. *Ibidem*, 339.

pão”, quando alguém manifesta preocupação com a ausência dos bens essenciais para a subsistência do ser humano.

Na maioria das culturas, o pão ganha a excelência em relação aos outros alimentos. Segundo Heinrich Jacob:

“O pão é uma generosa dádiva da natureza, um alimento que nenhum outro substitui. Quando estamos doentes a última coisa de que perdemos o apetite é do pão. Quando voltamos a sentir a falta dele é sinal de que a saúde regressa. O pão tem correspondência com cada hora do dia, com cada idade da vida do homem, com cada estado de espírito: melhora o resto da alimentação, é o pai da boa ou da má digestão. Saboreado com carne ou com outro alimento não perde nada do seu encanto. É de tal forma feito para o homem que pouco depois de nascermos já lhe dedicamos todo o nosso amor e até à hora da nossa morte nunca dele nos cansamos”⁵⁴.

A oração do Pai-Nosso, ensinada por Jesus aos seus discípulos: “O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje” (Mt 6,11), refere-nos o pão também como símbolo dos bens materiais. Aqui, o pão de cada dia surge como símbolo do alimento e das condições mínimas para a subsistência. Nesta oração, Jesus sublinha o mais importante que o ser humano deve ter em conta quando se refere a Deus. Jesus, através deste pedido, revela a importância que atribui ao pão porque “o pão é a única coisa terrena que ele pede; fora disso as suas preocupações são sempre espirituais. E não pede pão em geral. Pede o pão de cada dia! Não se retrai de pedir, como os pobres do Império, o *panis quotidianus*, à semelhança daquele que era distribuído pelo imperador. Com uma diferença. O seu pedido é dirigido a alguém infinitamente maior do que o imperador romano”⁵⁵. O Papa Bento XVI comenta esta quarta petição do Pai-Nosso, dizendo que nos aparece “como a mais humana de todas: o Senhor que orienta o nosso olhar para o essencial, para a única coisa necessária, também sabe das nossas necessidades terrenas e reconhece-as”⁵⁶.

Nesta petição do Pai-Nosso, que chama os cristãos a orarem com sinceridade para assumirem uma “responsabilidade efetiva em relação aos seus irmãos, tanto nos seus comportamentos pessoais como na solidariedade para com a família humana”⁵⁷, para desta forma combater o drama da fome existente.

Pode-se dizer que o pão simboliza todos os bens vitais: materiais e espirituais. “O pão é alimento. Autêntico, que alimenta realmente. Saboroso e forte, a ponto de

⁵⁴ Jacob, *6000 Anos de Pão*, 74.

⁵⁵ *Ibidem*, 156-157.

⁵⁶ Bento XVI, *Jesus de Nazaré* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007), 199.

⁵⁷ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 2831.

nunca nos fartarmos dele. (...) Mas na figura do pão torna-se Deus alimento vital para os homens. Santo Inácio de Antioquia escreve aos fiéis de Éfeso: 'Partimos um pão que é remédio de imortalidade.' É uma comida que nutre todo o nosso ser com o Deus vivo, e nos faz morar n'Ele e Ele em nós"⁵⁸.

Não se pode viver sem este alimento, pois ele permite viver. Desta forma o pão é símbolo de vida, o mais precioso dom que Deus concede ao ser humano. A Bíblia no Salmo 104,14-15 apresenta o pão como sendo um dom de Deus:

“Fazes germinar a erva para o gado
e as plantas úteis para o homem,
para que da terra possa tirar o seu alimento (...)
e o pão que lhe robustece as forças.”

O pão é também símbolo de partilha. Cada um de nós recebe o dom da vida para partilhar parte dele com os outros. Temos como exemplo Jesus Cristo que sofreu, morreu e ressuscitou para salvação de todos. O milagre da multiplicação dos pães realizada por Jesus é uma grande lição para toda a humanidade (cf. Mc 6,31-44; Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,5-15). “Este milagre de Jesus é um anúncio do maior milagre da multiplicação do verdadeiro pão, porque é para sempre: a Eucaristia. Mas é também a maior lição dada aos discípulos de Jesus de todos os tempos: cada um é chamado a repartir, a multiplicar o pão, como fez Jesus”⁵⁹.

O pão é um dos elementos mais decisivos na cultura bíblica, sendo considerado alimento essencial. Torna-se um dos elementos constitutivos na relação de Deus com o Homem, como dádiva divina.

3. A simbologia judaico-cristã do pão

Ao longo da história da humanidade, o pão tornou-se o símbolo do alimento mais importante, é o alimento com maior simbolismo nas várias culturas, como já foi referido.

A relação bíblica de Deus com o ser humano está baseada no amor e na sua reciprocidade. O Povo de Israel, face às maravilhas de Deus, à criação e à saída do exílio do Egito e à sua presença numa caminhada de libertação e salvação, sente necessidade de agradecer.

⁵⁸ Romano Guardini, *Sinais Sagrados* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 50.

⁵⁹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 341.

O mandamento do amor de Deus, manifestado por Jesus Cristo, é o grande desafio à condição humana. Cristo utiliza o pão, a partir de situações concretas do quotidiano, para manifestar os desígnios salvíficos de Deus.

Quando S. João escreve, citando o Mestre: “Eu sou o pão da vida; quem vem a mim não mais terá fome” (Jo 6,35) demonstra o significado atribuído ao pão em toda a Bíblia, cujo ponto central é a Última Ceia de Jesus com os seus discípulos.

3.1. O pão ázimo e o pão com fermento

No fabrico do pão, o fermento tornou-se peça fundamental, permitindo que este alimento cresça mais e que fique com mais gosto. No processo de levedura da massa com o fermento, é necessário deixá-la em repouso durante algum tempo, o que pressupõe uma vida estável. “Os povos nómadas, habituados a contínuas mudanças, por causa dos rebanhos, utilizavam o pão sem fermento, ou seja, a massa simplesmente assada”⁶⁰. Devido à pressa com que os pastores o faziam, o pão ázimo foi chamado o pão da pressa. A quando da libertação do Povo de Israel do Egito, este pão da pressa também ficou conhecido pelo pão dos peregrinos (Ex 12,8.11).⁶¹ O termo ázimo significa sem fermento. O pão ázimo é assado sem fermento, feito de farinha de trigo, aveia, cevada ou centeio e água.

Ao longo da história, o fermento foi desenvolvendo um simbolismo positivo e, paralelamente, negativo. O aumentar a massa do pão e o gosto eram vistos como positivos, mas eram vistos de forma negativa ao corromper de forma mais rápida a massa. O primeiro simbolismo do pão sem fermento é o sentido do primeiro pão, do pão novo. Na festa do pão novo pretendia-se agradecer às divindades ligadas à terra, o feliz início do novo ano de colheitas. A essa festa de pão novo chamou-se, posteriormente, a Festa dos Ázimos. A novidade que o povo de Deus imprimiu a esta festa foi o facto de a colocar e instituir na saída da escravidão do Egito, dando-lhe, por isso, um sentido muito próprio.⁶²

O pão ázimo ganha um novo significado de renovação total de vida espiritual, simboliza a negação de um passado que não interessa recordar.⁶³ A festa dos ázimos,

⁶⁰ *Ibidem*, 343.

⁶¹ “Comer-se-á carne naquela noite; comer-se-á assada no fogo com pães sem fermento e ervas amargas (...) Comê-la-eis desta maneira: os rins cingidos, as sandálias nos pés, e o cajado na mão. Comê-la-eis à pressa. É a Páscoa em honra do Senhor” (Ex 12,8.11).

⁶² Cf. Alves, *Símbolos na Bíblia*, 184-185.

⁶³ Cf. *Ibidem*, 343.

celebrada pelo povo de Israel, juntou à festa da Páscoa, sendo celebrada da seguinte maneira:

“Durante sete dias comereis pães sem fermento. No primeiro dia, fareis desaparecer o fermento das vossas casas, pois todo aquele que comer pão fermentado, do primeiro dia ao sétimo, será eliminado de Israel (...). Guardareis a festa dos pães sem fermento, porque foi precisamente nesse dia, que Eu fiz sair os vossos exércitos da terra do Egito. Guardareis este dia nas vossas gerações, como uma lei perpétua” (Ex 12,15.17).

A Páscoa evolui para uma festa dos pães sem fermento (cf. Ex 13,6) e festa dos primogénitos (cf. Ex 13,1-2). A Páscoa toma o significado da passagem da escravidão à liberdade, promovida por Deus. Os pães sem fermento são utilizados por Cristo na Última Ceia para que se tornem o seu corpo.

Na Bíblia, o pão com fermento e o fermento aparecem numa perspectiva negativa e positiva. “O pão com fermento tem dois sentidos opostos, (...) como processo de decomposição é negativo, é algo impuro; mas, como elemento que faz crescer a massa, é positivo e simboliza o crescimento do Reino”⁶⁴.

O pão oferecido a Deus não pode ter fermento. Pois, é chamado coisa santa (cf. Lv 6,10; 10,12) e deve ser comido num lugar santo (cf. Lv 6,9; 10,13). “O pão sem fermento é ‘santo’, o fermento é símbolo de imperfeição, de morte e de pecado. De algum modo, o fermento é semelhante às ofertas impuras. Por isso não pode ser matéria dos sacrifícios (cf. Ex 23, 8; 34,25; Lv 2,11)”⁶⁵.

Contudo, na Bíblia, o pão com fermento também tem sentido positivo, principalmente nos Evangelhos. É comparada a Boa-Nova de Cristo ao pão com fermento. Como o fermento faz crescer a massa, assim também a Boa-Nova chegará a todos e frutificará, ou seja, a palavra de Jesus fará crescer o Reino, a massa da Igreja. “O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo esteja fermentado” (Mt 13,33).

O sentido negativo do fermento simboliza, ainda, a falsa doutrina que destrói. Jesus menciona-o de várias formas: o “fermento dos fariseus” (Lc 12,1) relacionado com a hipocrisia, o “fermento de Herodes” (Mc 8,15) e o “fermento dos fariseus e saduceus” (Mt 16,6.11). Aqui, Jesus refere-se especialmente à deturpação das Escrituras provocada pela má doutrina destes grupos. “Como é que não compreendeis que não era

⁶⁴ *Ibidem*, 186.

⁶⁵ *Ibidem*, 187.

de pão que falava, quando vos disse: Acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? Compreenderam então que Jesus não havia dito que se defendessem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus” (Mt 16,11-12).

3.2. *O maná*

Durante a passagem pelo deserto do Sinai, o povo de Israel experienciava a compaixão de Deus para com o povo através de um pão miraculoso. O livro do Êxodo relata-nos o maná como sendo “pão do céu” (Ex 16,4), o alimento diário dado por Deus ao povo de Israel durante os quarenta anos da sua passagem pelo deserto em direção à terra prometida: “Eis que à superfície do deserto havia uma substância fina e granulosa, fina como geadas sobre a terra. Os filhos de Israel viram e disseram uns aos outros: “que é isto?”, pois não sabiam o que era aquilo. Disse-lhes Moisés: “Isto é o pão que o Senhor vos deu para comer” (Ex 16,14-15). Maná é uma substância “granulada, como saraiva caída na terra” (Ex 16,14), “provavelmente produzida pela secreção do tamarisco (fruto da tamargueira). De acordo com o texto bíblico, parecia-se com semente de coentro, era branco e sabia a bolo de mel”⁶⁶. O tamarisco, sendo uma planta existente no deserto do Sinai e que segregava uma seiva que ao endurecer dava para comer, esteve na origem do maná.⁶⁷

A designação de maná surge “da pergunta feita pelos israelitas, apesar de o texto bíblico lhe chamar ‘alimento’ ou ‘pão’. O maná simboliza, portanto, o pão caído do céu para alimentar o povo”⁶⁸.

Para além do maná, o povo ter-se-á alimentado, também, de codornizes (cf. Ex 16,12-13; Nm 11,31-32), de “ovelhas, bois e gado” (Ex 12,38) que trouxe consigo do Egito e de outros alimentos encontrados nos oásis onde repousavam (cf. Ex 15,27).

O maná não é apenas alimento para o povo de Israel, mas sim a afirmação da glória de Deus no meio dele. Através deste alimento, Deus responde às dúvidas do seu povo que tinha murmurado contra Ele (cf. Ex 16,7).

Os salmos referenciam esta tradição judaica do maná que efetivou a presença de Deus perante o seu povo. O maná é o “pão dos céus” (Sl 105,40). “Fez descer o maná para comida, / dando-lhes o trigo dos céus. / Comeram todos do pão dos fortes; / mandou-lhes víveres em abundância” (Sl 78,24-25).

⁶⁶ Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 89.

⁶⁷ Cf. Alves, *Símbolos na Bíblia*, 249.

⁶⁸ Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 89.

No livro da Sabedoria, o maná revela um Deus cuidador e atento às necessidades do seu povo: “Deste ao teu povo um alimento dos anjos, enviaste-lhe do céu um pão, sem esforço deles, capaz de todos os sabores e adaptado a todos os gostos. Este alimento manifestava a tua doçura para com os teus filhos, já que se acomodava ao gosto de quem o comia e se transformava segundo o desejo de cada um” (Sb 16,20-21).

No maná, Deus encontra-se presente entre o seu povo de uma forma eficaz (cf. Ex 16,12), tornando-se um sinal de tal maneira tão expressivo que deverá ser conservado num vaso junto com as tábuas da lei na arca da aliança (cf. Ex 16,32; 25,21; Heb 9,4) para ser visto pelas gerações futuras. Este episódio originou uma crença messiânica, segundo a qual o Messias, quando viesse ao mundo, ao descobrir a arca da aliança, traria também o maná que se encontrava aí guardado (cf. II Mac 1,8).⁶⁹

Já antes de Jesus, os rabinos falavam do maná em sentido simbólico, como um alimento próprio dos tempos do Messias. Jesus apresenta-se como a presença viva do Deus do Antigo Testamento, o mesmo que alimentou com o maná o povo de Israel.

Jesus é o alimento dos que nele acreditam sendo identificado com o novo maná, o Pão de Deus descido do céu.⁷⁰ Jesus revelou-se como verdadeiro “Pão do Céu” capaz de saciar todo aquele que está disponível para o acolher. “Ele é a presença viva do mesmo Deus do Antigo Testamento que alimentou com o maná o seu povo no deserto”⁷¹.

“E depois de ordenar à multidão que se sentasse na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu depois os pães e deu-os aos discípulos, e estes distribuíram-nos pela multidão. Todos comeram e ficaram saciados; e, com o que sobejou, encheram doze cestos” (Mt 14,19-20).⁷²

O milagre da multiplicação dos pães evoca esse passado, principalmente, quando o evangelista conclui: “Todos comeram e ficaram saciados” (Mt 14,19-20; cf. Ex 16,17-21). Mas o pão do milagre da multiplicação não pode ser considerado igual ao maná do deserto. Ele traz em si algo inovador que dá novo significado ao maná: “Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele, não morrerá” (Jo 6,48-50). O novo maná oferecido por Jesus é totalmente diferente do pão do deserto, porque garante a vida eterna, impedindo assim a morte.

⁶⁹ Cf. Alves, *Símbolos na Bíblia*, 251.

⁷⁰ Cf. Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 89.

⁷¹ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 252.

⁷² Cf. Mc 6,38-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-14; I Cor 11,23-24.

O acontecimento do maná no deserto antecipa a Eucaristia aceite como o “verdadeiro pão do céu” (Jo 6,48) uma vez que Jesus disse: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4).

A “lembrança do maná do deserto recordará sempre a Israel que é do pão da Palavra de Deus que ele vive”⁷³. Por isso, está presente em todos os momentos da nossa vida desde o momento em que nos deu a vida. Este Deus presente começa por escolher Abraão, acompanha Isaac e Jacob e continua junto do povo de Israel libertando-o do Egito, dando-lhe o maná como alimento perante a dureza do deserto. Jesus é uma nova versão de maná, multiplicando o pão para cinco mil homens: “Jesus tomou, então, os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e dava-os aos seus discípulos, para que eles os repartissem” (Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-14).

“Poderá imaginar-se que a multidão ficou saciada porque estava espiritualmente predisposta para tanto. Eram gente com fome, mas simultaneamente eram gente ávida da palavra de Deus, e era natural que se saciassem com pouco. (...) Esta interpretação dos milagres situar-se-ia numa perspetiva fundamentalmente virada para a interioridade e ao mesmo tempo conferir-lhes-ia um estatuto de espiritualidade mais esplendorosa”⁷⁴.

Jesus Cristo é o verdadeiro Maná descido do Céu, multiplicando-se e entregando-se a todos aqueles que querem ir ao seu encontro e alimentar-se. Esta disponibilidade das pessoas para acolher manifesta-se na sua própria atitude face a Deus e aos outros.

Esta não foi mais uma refeição como tantas outras. Perante a multidão, Jesus não é o convidado. Desta vez, Jesus é quem convida todos aqueles de boa vontade para estar à mesa, para que sejam saciados à imagem do povo de Israel, com o maná no deserto. “Assume toda a simbologia da refeição onde a família e os amigos, não só comem os alimentos, mas também os partilham, tal como o diálogo. A refeição é um momento de caloroso convívio humano, da comunhão vivida. As multiplicações dos pães estão ligadas a tempos fortes da pregação de Jesus”⁷⁵.

Jesus afirma-se como um novo maná em relação ao de Moisés na medida em que este novo maná impede a morte enquanto o anterior deixava morrer as pessoas. Moisés ofereceu o grande dom, o maná, o pão do céu, tendo Deus alimentado o povo de Israel enquanto peregrino. No seio de um povo em que muitos sofriam a fome e a fadiga do trabalho diário, esta era a promessa por excelência, que de algum modo tudo resumia: a

⁷³ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 1334.

⁷⁴ Jacob, *6000 Anos de Pão*, 160-161.

⁷⁵ Bernard Sesboüé, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001), 301.

eliminação de todas as necessidades, um dom que havia de saciar a fome de todos e para sempre.⁷⁶

“E se o maná do Antigo Testamento era um alimento espiritual (cf. I Cor 10,3), muito mais espiritual será o que Jesus oferece!”⁷⁷. Assim o afirma Jesus quando diz:

“Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele não morrerá. Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar pela vida do mundo é a minha carne” (Jo 6,48-51).

Jesus manifesta-se como o pão da vida que evita a morte de todo aquele que o comer. Ele revela-se na sua totalidade para que todos possam viver para sempre, colocando em prática os valores do Evangelho. Traz ao ser humano, mais do que o pão espiritual, um pão capaz de saciar todas as fomes, a de cada um, mas também a do outro. “Quem pensa matar a própria fome com o maná da Eucaristia, mas não se interessa em matar as fomes dos outros, esse, apesar de comer o pão eucarístico, poder morrer de fome!”⁷⁸. O maná manifesta que Deus é providente e dá sempre o pão de cada dia.

Em oposição ao maná do deserto, Jesus reafirma um outro maná, um outro alimento vindo do Pai, que é Ele próprio.⁷⁹ Este novo maná termina com uma nova Páscoa.

3.3. A Páscoa

A Páscoa é um dos mais importantes momentos comemorativos das culturas ocidentais, tecida em denso simbolismo e marcos históricos da humanidade. Era a festa da passagem, comemorada há milhares de anos, no hemisfério norte, principalmente na região do Mediterrâneo, para marcar a chegada da primavera após o inverno.

O fim do inverno e a chegada da primavera eram anunciadas pela Páscoa. Uma transição marcada pelo equinócio de primavera ou vernal, que no hemisfério norte ocorre a 20 ou 21 de março e, no sul, em 22 ou 23 de setembro.

A data da Páscoa depende dos ciclos lunares. A Igreja Católica e as protestantes comemoram-na no domingo seguinte à primeira lua cheia da primavera: esse dia pode

⁷⁶ Cf. Bento XVI, *Jesus de Nazaré* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007), 333.

⁷⁷ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 253.

⁷⁸ *Ibidem*, 254.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 253.

cair entre os dias 22 de março e 25 de abril. Este sistema de datação foi adotado a partir do primeiro Concílio de Niceia em 325 d.C. Já os ortodoxos comemoram a Páscoa entre os dias 4 de abril e 8 de maio, em correspondência ao domingo seguinte à primeira lua nova da primavera.

A festa da Páscoa celebrava-se na primavera pelos pastores nómadas ou seminómadas, quando partiam em busca de novas pastagens para alimentarem os animais, constituindo um rito familiar. Este rito consistia na imolação dum cordeiro sem mancha, verdadeiro sacrifício.

A Páscoa judaica nasce como uma festa agrícola, seguindo o modelo das celebradas por outros povos do Oriente. Mais tarde foi interpretada e comemorada à luz dos acontecimentos do Êxodo.

O termo Páscoa refere-se ao “verbo hebraico *pasach* (passar): JHWH passa em frente das casas dos Hebreus, isto é, poupa os Hebreus e mata os egípcios (cf. Ex 12,11-12), mas talvez, na origem, se referisse ao ‘passar’ dos pastores nómadas da morada de inverno para os pastos primaveris”⁸⁰.

O termo Páscoa tem vários significados.

Para o povo de Israel, a Páscoa é o Êxodo. No tempo de Moisés, cerca do ano 1250 a.C., Deus libertou o povo Hebreu do Egito fazendo-o passar através do Mar Vermelho e do deserto durante quarenta anos até se estabelecer na Palestina.

A Páscoa representou a passagem de um tempo de trevas para outro de luz. “Quando o povo de Israel se estabeleceu na terra de Canaã, o rito de imolação do cordeiro sofreu a influência de um rito agrícola, durante o qual eram comidos os pães ázimos, isto é, não levedados, para indicar um novo ano, inaugurado pela primeira colheita. As duas festas inicialmente separadas fundiram-se numa única celebração”⁸¹.

A conceção do termo Páscoa depois de todo o percurso da história da salvação “remete para quatro realidades”⁸²: a Páscoa histórica de Jesus, a Páscoa ritual hebraica, a Páscoa histórica de Cristo e a Páscoa ritual cristã.

A Páscoa histórica é a história do êxodo do Povo de Israel. Esta Páscoa tem algumas particularidades históricas. No “Livro do Êxodo, capítulo 12, fala-se de uma outra passagem (a palavra hebraica é *Pesah*, isto é, passagem), não referida à do Mar Vermelho, mas acontecida antes, a passagem do anjo exterminador que passou e matou os primogénitos dos egípcios, poupando as casas dos Hebreus, assinaladas com o

⁸⁰ Lisa Cremaschi, “A Páscoa de Jesus e a Páscoa na Igreja,” in *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, coord. Gianni Ambrosio (Lisboa: Editora Verbo, 2004), 690.

⁸¹ Cremaschi, “A Páscoa de Jesus e a Páscoa na Igreja,” 690.

⁸² Ildebrando Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2016), 14.

sangue do cordeiro”⁸³. Esta intervenção do anjo é festejada como Páscoa. “Este passar além significa que os primogênitos dos Hebreus foram salvos”⁸⁴. Depois vem a saída e a passagem do Mar Vermelho. O faraó fê-los sair, passaram o Mar Vermelho e começam a longa caminhada da liberdade do povo de Israel. Antes da chegada à terra prometida, acontecem o rito da aliança em que o povo recebeu os mandamentos de Deus, na península do Sinai. “Moisés cumpriu o rito com o sangue dos animais aspergido sobre o altar e sobre o povo, representado por doze pedras. O povo comprometeu-se com Deus, e Deus comprometeu-se com o povo”⁸⁵. Este conjunto de acontecimentos é a Páscoa histórica dos Hebreus, acontecida uma só vez.

Os Hebreus chamam Páscoa a este acontecimento histórico, lembrado todos os anos através de um rito que se repete anualmente. Como é citado no Evangelho de Mateus, quando os apóstolos perguntam a Jesus: Onde queres que façamos os preparativos para comer a Páscoa? (Mt 26,17).

A Páscoa ritual hebraica que se come não é o êxodo, mas a ceia pascal. É um rito memorial que faz reviver a sua experiência do êxodo. “Durante a ceia o chefe de família narra e a força da narração é de tal maneira evocativa que torna presente o acontecimento no seu valor”⁸⁶. Segundo Lisa Cremaschi, na Enciclopédia do Cristianismo, *Christos*, escreve que:

“o rito tornou-se memorial da libertação realizada por Deus que a faz reviver e orienta para a vinda de uma libertação final, da Páscoa definitiva. No judaísmo, depois da destruição do templo, não se fizeram mais sacrifícios. O *ceder* (ordem) pascal dispõe que, sobre a mesa, seja colocada uma travessa contendo três *mazzot* (pães ázimos); aipo e ervas amargas; uma pata de cordeiro; um ovo, o *charoset*, uma espécie de doce de fruta. Ao longo da refeição bebem-se quatro cálices de vinho, de modo a haver esperança para a libertação futura. A ceia é acompanhada pela recitação do *Haggadá* de Páscoa, sendo uma oração que conta as vicissitudes do povo hebreu desde Abraão à libertação do Egípto”⁸⁷.

Esta ceia pascal é chamada simplesmente Páscoa e é a Páscoa ritual hebraica, memorial da Páscoa histórica.

Jesus, sendo Hebreu, celebrou a Páscoa ao longo da sua vida, onde o Evangelho de João refere as celebrações da Páscoa (cf. Jo 2,13-22; 6,1-4).

⁸³ Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 14.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ Cremaschi, “A Páscoa de Jesus e a Páscoa na Igreja,” 690.

No Novo Testamento, Jesus celebra a última ceia num contexto de memorial pascal, consciente da importância e do significado desta comemoração na tradição judaica. Por isso, adota este rito, mas dando-lhe um novo conteúdo e um novo significado. Agora, a celebração do memorial pascal já não significa atualizar a libertação do Egito e a aliança no Sinai, mas Ele mesmo.

A Páscoa histórica de Cristo é o acontecimento da Sua morte e da ressurreição. Na narração da Páscoa antiga “Moisés desceu ao Egito”⁸⁸ reunindo os chefes das famílias dos Hebreus e incitando-os à revolução. Depois de várias peripécias, como as dez pragas do Egito, liberta-os da escravidão faraônica e guia-os para a liberdade. “Moisés desce ao Egito e liberta de lá seiscentos mil homens capazes de manejar a espada. (...) Para os Hebreus este acontecimento é fundante, porque aí nasce o povo”⁸⁹.

Este êxodo, esta Páscoa, tornou-se figura de uma outra Páscoa futura: ainda hoje os Hebreus esperam o Messias que virá numa noite de Páscoa.

“Jesus, morto na cruz, desceu aos infernos, isto é, entrou no covil da morte e aí encontrou não seiscentos mil homens, mas toda a humanidade, desde Adão. Todos jaziam nas trevas e na sombra da morte”⁹⁰.

Moisés, segundo o relato do Êxodo, libertou “em número de cerca de seiscentos mil homens, sem contar as crianças. Além disso, partiu com eles uma numerosa multidão de gente de proveniências diversas” (Ex 12,37-38).

Jesus libertou toda a humanidade da morte. Este acontecimento ultrapassa o ato da criação, visto que na criação fomos criados mortais enquanto que com a ressurreição de Cristo somos destinados à imortalidade.⁹¹

A “Páscoa ritual cristã”⁹² é um rito baseado na ceia, modificada por Jesus no contexto da sua última ceia pascal. Pronunciada a bênção ritual, Cristo ordenou aos seus discípulos: “Fazei isto em Minha memória” (Lc 22,19), deixando de ser em memória da libertação do povo de Israel do Egito. O Catecismo da Igreja Católica diz-nos:

“Celebrando a última ceia com os seus Apóstolos, no decorrer do banquete pascal, Jesus deu o seu sentido definitivo à Páscoa judaica. Com efeito, a passagem de Jesus para o seu Pai, pela sua morte e ressurreição - a Páscoa nova - é antecipada na ceia e celebrada na

⁸⁸ Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 15.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Cf. *Ibidem*, 16.

⁹² *Ibidem*.

Eucaristia, que cumpre a Páscoa judaica e antecipa a Páscoa final da Igreja na glória do Reino”⁹³.

A celebração eucarística, ou Missa, é o memorial da morte e da ressurreição de Cristo, tornando presente e atualizada a realidade recordada.⁹⁴

O pão, na última refeição de Cristo, assume um papel de destaque, no relato da Última Ceia com os discípulos. “A Eucaristia é verdadeiro banquete, onde Cristo Se oferece como alimento”⁹⁵.

Por isso, a eucaristia na fração do pão, Jesus através dos símbolos e das palavras, torna-se presente no meio de todos.

O acontecimento salvífico da Páscoa comunica-se a cada homem através de sinais: os sacramentos. Os elementos materiais como a água, o azeite, o vinho, o pão, a imposição das mãos tornam-se os instrumentos através dos quais Deus comunica a sua vida aos homens.

3.4. A Eucaristia

“Os sacramentos são sinais eficazes da graça”⁹⁶, logo a Eucaristia é um sinal eficaz da graça e também o memorial do mistério pascal de Jesus. Na concepção semítica, o memorial (*zikkaron* em hebraico, *anamnesis* em grego) não é a recordação de um acontecimento, mas antes a celebração que atualiza esse acontecimento, de modo a reproduzir a sua força e toda a eficácia salvífica. A Eucaristia é o memorial da morte e da ressurreição de Cristo, porque torna presente e atualiza a realidade recordada. O sacrifício da cruz torna-se presente nos sinais do pão e do vinho e a celebração reproduz a sua força e eficácia salvífica.⁹⁷

Segundo o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica: “A Eucaristia é o banquete pascal, porque Cristo, pela realização sacramental da sua Páscoa, nos dá o seu Corpo e o seu Sangue, oferecidos como alimento e bebida, e nos une a Si e entre nós no seu sacrifício”⁹⁸.

⁹³ *Catecismo da Igreja Católica*, 1340.

⁹⁴ Cf. Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 19.

⁹⁵ João Paulo II, *Carta Encíclica «Ecclesia de Eucharistia»*, AAS 95 (2003), 16.

⁹⁶ Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 19.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*.

⁹⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, 287.

“Na Eucaristia, portanto, por meio do pão e do vinho é atualizado o mistério pascal de Cristo e o homem pode tocar através de sinais eficazes a salvação que aquele acontecimento realizou”⁹⁹.

A instituição da Eucaristia foi feita por Cristo, chegando ao nosso conhecimento através de quatro relatos: Mt 26,26-28; Mc 14,22-24; Lc 22,19-20; e S. Paulo em I Cor 11,23-25. Nos primeiros séculos, à Eucaristia são-lhe atribuídos vários nomes: Fração do Pão, na comunidade dos Atos; Eucaristia, Sacrifício, Missa.¹⁰⁰ A expressão Ceia do Senhor, de origem paulina, começou a ser usada a partir do século V. Na Reforma Protestantes do século XVI tornou a ser usada e mais tarde no movimento ecumênico e no Vaticano II.¹⁰¹

Jesus reservou aquele momento da ceia, com os seus mais próximos, na altura da páscoa judaica, exatamente no dia em que era feita a preparação do cordeiro pascal e não no dia em que acabaria por ser sacrificado com a morte na cruz. Assim, no decorrer da ceia, Cristo instituiu a Eucaristia: “Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e deu-lho dizendo: Isto é o Meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória. Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no Meu sangue, que por vós se vai derramar” (Lc 22,19-20).

Este é o momento central em que Jesus dá sentido à sua morte, relacionando os elementos, pão e vinho, com o acontecimento que iria ser fundamental para a salvação da Humanidade. “ ‘O pão partido e partilhado é o corpo entregue, o cálice que circula de mão em mão é a nova aliança no sangue que vai ser derramado (Lc 22,19-20). Portanto, Jesus faz uma relação entre a sua morte próxima e sangrenta e esse pão e esse vinho. Esse pão, que é preciso partir para que seja consumido por toda a família, simboliza o corpo que será rompido pelo suplício. Mas o corpo, na cultura onde Jesus se exprime, não é somente a parte material de si mesmo mas a expressão concreta da sua pessoa na totalidade. Quanto ao vinho deitado no cálice simboliza o sangue derramado”¹⁰². Jesus instituiu a Eucaristia na última Ceia antes de sofrer a Sua paixão. “O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete

⁹⁹ Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 19.

¹⁰⁰ Cf. Jesús Espeja, *Para compreender os Sacramentos* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003), 111.

¹⁰¹ Cf. Espeja, *Para compreender os Sacramentos*, 111.

¹⁰² Bernard Sesboüé, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001), 323-324.

pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura”¹⁰³. O que o Salvador institui na noite em que foi entregue, é o dom de Si mesmo, levado pelo seu amor extremo (cf. Jo 13,1).¹⁰⁴

Cristo, ao pedir para repetir o seu gesto, convidou-nos a imitá-lo no dom da vida pelos outros, no oferecer-nos a nós mesmos sem reservas. Jesus dá-se na sua totalidade manifestando, desta forma, a incondicionalidade do amor de Deus como sublinha o Papa Bento XVI na *Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis*: “Na Eucaristia, Jesus não dá alguma coisa, mas dá-Se a Si mesmo; entrega o seu corpo e derrama o seu sangue. Deste modo, dá a totalidade da sua própria vida, manifestando a fonte originária deste amor: Ele é o Filho eterno que o Pai entregou por nós”¹⁰⁵.

A Última Ceia, conforme nos é descrita nos quatro relatos, é apresentada como uma refeição de Cristo com os seus discípulos. “Descrita como uma forma de presença de pessoa com pessoa, de comunhão e aliança”¹⁰⁶. Podemos dizer que as refeições de Cristo com os pobres e demais estão carregadas de um significado e intencionalidade atendendo que no seu tempo só tinham acesso à mesa os ricos e poderosos. As refeições descritas nos evangelhos são “um sinal de amizade e aceitação para reabilitar os que socialmente nada valem; um sinal também para os bem situados na vida a fim de repartirem os seus bens com outros”¹⁰⁷.

Tudo fica mais claro quando lemos a conclusão que Jesus tira depois do lavar os pés, segundo o relato de S. João: “Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-Me Mestre e Senhor, e dizeis bem porque o sou. Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também” (Jo 13,12-15).

Portanto Cristo chama-nos a pôr em prática tudo quanto Ele nos ensinou através do seu exemplo. “Este é o sentido da instituição: *instituire* em latim não significa estabelecer, decidir, fundar, mas ensinar. Jesus ensinou com o exemplo. Jesus fez e mandou aos apóstolos fazer como Ele tinha feito”¹⁰⁸.

Na primeira Carta aos Coríntios, S. Paulo escreve sobre uma comunidade dividida: “Ouvi dizer que há contendas entre vós” (I Cor 1,11). As mesmas contendas

¹⁰³ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição sobre a sagrada Liturgia «Sacrosanctum Concilium»*. AAS 96 (1964), 47.

¹⁰⁴ “Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo” (Jo 13,1).

¹⁰⁵ Papa Bento XVI, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis*, AAS 99 (2007), 7.

¹⁰⁶ Espeja, *Para compreender os Sacramentos*, 112.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 21.

encontra-as também na assembleia: “deste modo, quando vos reunis não o fazeis, para comer a ceia do Senhor” (I Cor 11,20). S. Paulo constata que nesta comunidade não se tem em conta as necessidades dos pobres e cada um só pensa em si. Para ele, ser uma verdadeira assembleia de irmãos consiste não só em encontrarem-se juntos num mesmo lugar, mas em tornarem-se um, “uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo porque todos participamos do mesmo pão” (I Cor 10,17).

“A Eucaristia é uma celebração por sua natureza comunitária, que tende a reunir todos na unidade”¹⁰⁹. Para ele o pão e o vinho são testemunha disso. O pão recorda o pão da amargura da ceia pascal, que os Hebreus comeram no Egipto e o vinho recorda a alegria da libertação e ainda o sangue da aliança (cf. Ex 24). “E de muitos bagos de uva deriva um único vinho. Portanto a matéria da celebração traz em si o significado da passagem da multiplicidade à unidade”¹¹⁰. Podemos assim dizer que a Eucaristia é um banquete convivial em que todos devemos esperar uns pelos outros e comer juntamente.¹¹¹

S. Paulo escreve que a ceia do Senhor é como um banquete sacrificial, porque “sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor” (I Cor 11,26), isto é, tornamos presente a sua morte, o seu sacrifício. O Apóstolo confronta a ceia do Senhor com as carnes sacrificadas aos ídolos. O sacrifício narrado por ele acontecia segundo duas maneiras: a vítima era completamente queimada sobre o altar (holocausto), ou uma parte era queimada para oferta a Deus e o resto da carne era comida pelos participantes (sacrifício de comunhão).

S. Paulo refere-se a este segundo sacrifício dizendo: “Não podeis participar na mesa dos demónios e na mesa do Senhor” (I Cor 10,21), contrapondo a Eucaristia, aos banquetes sacrificiais. Os sacrifícios oferecidos a Deus ou aos ídolos não são a mesma coisa que o sacrifício da Eucaristia, ou seja, comendo aquele pão e bebendo aquele sangue estamos em comunhão com o sacrifício de Cristo. “A ideia de que a Missa é um sacrifício não nasceu no século IV, como é afirmado pela Reforma protestante, mas é fé da Igreja desde o princípio”¹¹². Desta forma, S. Paulo, no momento em que se come a ceia do Senhor, vê uma participação no sacrifício de Cristo.

O carácter sacrificial da Última Ceia, ao ser interpretado perante a novidade do sacrifício cristão, demonstra-nos que o sangue derramado e a morte de Cristo responderam à sua opção e compromisso pela fraternidade, sendo a sua conduta um

¹⁰⁹ *Ibidem*, 22.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ Cf. *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*, 23.

reflexo disto. “Movido pelo amor do Pai, Cristo viveu em amor pelos outros até entregar a sua própria vida. Não é já oferenda de um escravo à divindade temível, mas entrega livre do Filho à causa de Deus e do homem”¹¹³. Foi isto que Cristo quis simbolizar na refeição para se despedir dos seus discípulos.

A Eucaristia faz de todos os “indivíduos dispersos um só corpo”¹¹⁴. A necessidade de estar atento a este corpo do Senhor que é a Igreja vem-nos de S. Paulo quando escreve: “Quem come e bebe sem distinguir o corpo do Senhor come e bebe a sua própria condenação” (I Cor 11,29). “O corpo do Senhor que é necessário reconhecer não é somente a Eucaristia, o pão consagrado, mas também o corpo eclesial, a comunidade”¹¹⁵. Podemos assim dizer: “quem come aquele pão, mas não está em comunhão com a comunidade, come e bebe a sua própria condenação”¹¹⁶.

S. Paulo põe a Eucaristia no centro do crescimento e edificação da Igreja: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (I Cor 10,17). Na Eucaristia o corpo de Cristo ressuscitado vai tomando corpo na comunidade dos fiéis.¹¹⁷

O Apóstolo Paulo, à imagem de Cristo, vê a Eucaristia como uma ceia comunitária. Não no sentido de muitos que comem no mesmo lugar, mas em mesas separadas, como pode acontecer num restaurante. A Igreja já passou por esta experiência quando eram celebradas muitas missas ao mesmo tempo na mesma igreja.¹¹⁸

O corpo de Jesus é um só em três modos de ser: o corpo físico, o que nasceu da Virgem Maria, crucificado, morto, sepultado, ressuscitado, e subido ao Céu, que está sentado à direita do Pai; o modo sacramental, que é a Eucaristia, o pão e o vinho consagrados; e o corpo eclesial, o que nós chamamos corpo místico.¹¹⁹

Na Idade Média, a terminologia era inversa: *corpus mysticum* indicava a Eucaristia, dado que místico vem de mistério e a tradução latina do grego *mysterion* (mistério) é sacramento. Portanto, o corpo místico era o corpo sacramental. Mas, como a Igreja se torna um corpo, porque come daquele corpo sacramental, a expressão corpo místico passou a indicar também a Igreja.

¹¹³ Espeja, *Para compreender os Sacramentos*, 114.

¹¹⁴ Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 23.

¹¹⁵ *Ibidem*.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ Espeja, *Para compreender os Sacramentos*, 143.

¹¹⁸ Cf. Scicolone, *A Eucaristia faz a Igreja*, 23.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*.

Segundo o Padre Ildebrando Scicolone, a Eucaristia “é o corpo de Cristo sacramental, sinal eficaz que torna realmente presente o corpo físico que está no Céu, com tudo o que aquele corpo comporta, isto é, toda a sua vida, mas sobretudo a sua morte e ressurreição, e torna-se instrumento para realizar e formar o corpo eclesial”¹²⁰.

“Jesus instituiu este memorial, mistério, sacramento da sua Páscoa, para que fosse para todos os homens de todos os tempos o ponto de agregação e de conformação a Ele. Eis a palavra justa: tornamo-nos concorpóreos de Cristo, o seu corpo”¹²¹.

Jesus, ao celebrar a Última Ceia com os discípulos, oferece, a todos os que n`ele acreditam e O seguem, a palavra, o pão e o vinho, elementos essenciais do culto novo.¹²² Desta forma, os seus seguidores têm a oportunidade de estabelecer a união íntima com Cristo através da comunhão, recebendo-O através do seu corpo entregue e do seu sangue derramado por muitos para remissão dos pecados.¹²³ A eucaristia é considerada “como o grande e permanente encontro do homem com Deus”¹²⁴.

Este encontro aconteceu logo a seguir à Sua ressurreição. É sobretudo da ressurreição do Senhor a fonte última donde dimana a Eucaristia da Igreja, a tal ponto que, sem a Ressurreição, a Eucaristia não chegaria a existir. A ressurreição, as aparições do ressuscitado e as suas refeições conviviais com os discípulos constituem a fundamento último da Eucaristia da Igreja. “Segundo o testemunho dos próprios discípulos, o encontro com o Ressuscitado tem lugar, habitualmente, em redor de uma mesa, durante uma refeição”¹²⁵. Diversas passagens sublinham a importância singular das refeições com o Ressuscitado: em Lc 24,30-31 com os discípulos de Emaús; em Lc 24,41-43 com os onze no cenáculo, comendo peixe assado; em Mc 16,14 apareceu aos onze quando estavam à mesa; em Jo 21, na aparição na margem do lago de Tiberíades, em que Jesus prepara e serve aos seus discípulos uma refeição com pão e peixe. Sem elas, a ceia ficaria reduzida à Última refeição. “As aparições são mostras da Sua presença invisível, indícios que confirmam a Sua presença permanente”¹²⁶. Depois da ressurreição, a comunhão com o ressuscitado é descrita sob a forma de banquetes, ou seja, a comunhão da mesa convivial com o Ressuscitado. Ele deixa-se reconhecer, na fração do pão, como Aquele que dá a vida em abundância. As experiências pascais, pelo menos em parte, estavam ligadas a uma refeição. Depois da Páscoa, a comunhão da

¹²⁰ *Ibidem*, 24.

¹²¹ *Ibidem*.

¹²² Cf. Papa Bento XVI, *Exortação Apostólica Pós-sinodal «Sacramentum Caritatis»*, AAS 99 (2007), 12.

¹²³ Cf. Papa João Paulo II, *Carta Encíclica «Ecclesia de Eucharistia»*, AAS 95 (2003), 16.

¹²⁴ Bento XVI, *Jesus de Nazaré* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007), 339.

¹²⁵ Xabier Basurko, *Para compreender a Eucaristia* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004), 86.

¹²⁶ Xabier Basurko, *Para compreender a Eucaristia*, 92.

mesa toma um caráter novo pelo facto de que se sabia, na fé que o Senhor estava presente. “Esta comunidade de mesa, animada pela convicção, na fé, de que o Senhor ressuscitado estava presente, adquiriu uma qualidade nova depois da Páscoa: a presença do Kyrios fundiu a comunidade de mesa com o Jesus terreno, para a converter numa ‘refeição do Senhor’ (I Cor 11,20)”¹²⁷. A Eucaristia é um prolongamento no tempo das aparições pascais, “o lugar privilegiado onde nós, crentes, fazemos, na fé, a experiência do Ressuscitado”¹²⁸.

A Eucaristia é a experiência do Ressuscitado que vem ter conosco no nosso próprio caminho de Emaús, fala-nos, convida-nos para a Sua mesa e introduz-nos na Sua Páscoa, na Sua vida nova.¹²⁹ “A celebração eucarística é a ceia da Igreja a caminho, que proporciona ao povo a certeza de fé de que o Senhor o acompanha, aquele mesmo Senhor que espera, todavia, para os tempos futuros”¹³⁰.

4. Síntese conclusiva

Neste capítulo, verificámos que o pão não é apenas um alimento corporal importante do dia a dia, mas também sinal de comunhão, de caridade, de fraternidade, de partilha, de solidariedade e de vida.

Ao longo de toda a história da salvação, o pão esteve sempre no centro do desenvolvimento das civilizações, culturas, raças, quer as criaturas estivessem ligadas a Deus quer não.

O pão é um dos elementos mais decisivos na cultura bíblica, tornando-se um dos mais constitutivos na relação de Deus com o Homem e do Homem com Deus.

Como cristãos, somos desafiados a aceitar a comunhão com Cristo e a assumir a opção e compromisso de Cristo pela fraternidade, pela criação de um mundo solidário, recriando as suas atitudes. Somos desafiados a encher a mão de pães para partilhar com os mais necessitados, educando as novas gerações e reeducando-nos a nós para uma verdadeira consciência da necessidade de construção de um mundo mais fraterno. Um mundo onde haja pão para todos, criando uma nova atitude face ao desperdício alimentar.

Será possível, hoje, a multiplicação do pão para todos os necessitados?

¹²⁷ *Ibidem*, 86.

¹²⁸ *Ibidem*, 92.

¹²⁹ Cf. *Ibidem*, 93.

¹³⁰ *Ibidem*.

CAPITULO II – EDUCAR PARA A PARTILHA

Educar para a partilha é uma necessidade urgente da nossa sociedade, porque partilhar é saber comunicar, é conetarmo-nos uns com os outros, é desenvolver um sentido de maior gratidão por aquilo que temos, é estar disponível para pensar nas necessidades do outro, é uma forma de promover as relações interpessoais, é descobrir em conjunto como se desenvolve a entre ajuda, é querer ser mais do que eu só, é saber comunicar.

Atualmente, a maioria das crianças e jovens alcançam tudo aquilo que querem de uma forma muito rápida e fácil, valorizando cada vez menos a forma como se conquista e se tem, o que facilmente os tornam mais autocentrados, egoístas, voltados só para eles. Ao observarmos os brinquedos preferidos da maior parte das crianças de hoje, são, também eles, brinquedos individualistas, que pouco apelam ao jogo em conjunto e, por conseguinte, ao gesto de partilhar através do brincar que constitui um momento privilegiado para se estimular a partilha que quase se foi desvanecendo naturalmente com o crescente avanço tecnológico.

Há cada vez menos uma partilha direta entre as pessoas. Este é um dos males que assola a nossa sociedade de hoje. Há necessidade de recriar o mundo, focando-o nos valores da partilha e educando-o para tal. Precisa-se de um mundo consciente da necessidade de criar condições para que haja pão para todos.

Educar para a partilha é o desafio.

Para o cristão, a partilha está na base da sua ação que, em comunhão, e à imagem das primeiras comunidades, permite a vivência num só coração e numa só alma (cf. Act 5,32). O amor de Deus, manifestado pelo Seu Filho Jesus Cristo, é anunciado pelos discípulos através do testemunho revelado nas obras e particularmente na relação com as pessoas.

Na fração do pão, e com a presença real de Jesus Cristo através da Eucaristia, os cristãos são chamados a saírem em missão, a levarem a Boa Nova a todos os povos, alimentada pelo Pão Eucarístico. O cristão é chamado a concretizar esta Boa Nova pela ação evangélica nas situações concretas do quotidiano: em casa, no bairro, na escola, etc.

Este anúncio dos valores evangélicos na escola exige o cultivo dos valores essenciais de promoção da dignidade da pessoa. Estes, nos quais se inclui a partilha, devem ser cultivados em todo e qualquer lugar de forma a darem fruto, à semelhança do agricultor que semeia a terra e, com o passar do tempo, se torna numa seara dourada. Do fruto colhido, o ser humano transforma-o até à confeção do pão, alimento essencial para

a subsistência da família. Assim, também o cultivo da partilha nutre a família humana, reforçando os laços interpessoais através da lógica do dividir para multiplicar.

A partilha significa relação.

“É necessário que se desmoronem as muralhas da autossuficiência para que possamos descobrir que somos dom e graça, que somos pão descido do céu. Só o coração pode reconhecer com gratidão o dom que somos e este é o alimento que efetivamente nos sacia, que rompe com a espiral das necessidades”¹³¹.

Cada vez mais, a pluralidade e multiplicidade de crenças caracterizam a cultura atual. Há necessidade de fazer com que as crianças e os jovens vão ao encontro de Cristo porque somente Ele é o Pão da Vida.

Também a escola se deverá enquadrar num local de encontro com Cristo, devendo ser um lugar privilegiado para partilha e aquisição de novos conhecimentos.

Neste capítulo, abordaremos a necessidade de uma educação na escola direcionada para os valores da partilha, dando continuidade ao mandato de Cristo.

1. A educação

Sendo fundamental para promover cidadãos ativos, plenos, criativos, autónomos e responsáveis, a educação é o maior investimento realizado na vida pessoal e comunitária.

Quando falamos de educação no seu sentido mais abrangente, abordamos “um tema humano carregado das mais sérias apreensões pela importância dos aspetos que essa simples palavra evoca. É que no centro da educação está o homem e a sua realização”¹³².

A palavra educação, em latim *educatio*, significa ação de criar educação, instrução, formação de espírito de instruir e, também, o conjunto dos conhecimentos intelectuais ou virtudes que alguém possui.¹³³

Também encontramos a palavra educação a derivar do verbo latino *educare*, que significa alimentar, criar, nutrir, formar. O alimentar significa o alimento espiritual e material que todo o ser humano necessita para se afirmar na vida pessoal e social.¹³⁴

¹³¹ Carlos Maria Antunes, *Só o Pobre se faz Pão* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 109.

¹³² Américo Martins Veiga, *A educação hoje ou a realização integral e feliz da pessoa humana* (Vila Nova de Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2012), 5.

¹³³ Cf. José Pedro Machado, “Educação”, in *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. II (Lisboa: Livros Horizonte, 2003), 370.

¹³⁴ Cf. Cândido Varela de Freitas, “Educação”, in *Enciclopédia Verbo, Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, Jorge Colaço e George Vicente (coord.), (Braga: Editorial Verbo, 1999), 1227.

Para outros, o termo deriva de “um verbo mais antigo *educere*, composto da preposição *ex*, que indica direção para fora, e do verbo *ducere* (conduzir), significando, tirar de dentro para fora, fazer sair”¹³⁵.

Estas interpretações etimológicas apontam para uma ação educativa que crie oportunidades educativas.

O grande desafio seria criar oportunidades educativas para desenvolver valores e adquirir competências pessoais, sociais e escolares/profissionais para enfrentar o mundo atual.

O conhecimento científico e tecnológico desenvolve-se a um ritmo de tal forma forte que somos confrontados diariamente com um crescimento exponencial de informação a uma escala global.¹³⁶ O Estado Português, em 2016, criou uma comissão para estudar os desafios colocados à educação no quadro da sociedade atual com o fim de responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas. Desta comissão surgiu o documento *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, para ir de encontro às problemáticas que o mundo atual coloca à educação.¹³⁷ É um documento de referência para a reorganização de todo o sistema educativo. Tem como objetivo efetivar uma “educação para todos, de qualidade”¹³⁸, tornando a escola mais inclusiva “onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social”.¹³⁹ É mais um passo decisivo para assumir o compromisso com uma educação inclusiva, “enquanto processo que visa responder à diversidade de necessidades dos alunos, através do aumento da participação de todos na aprendizagem e na vida da comunidade escolar”¹⁴⁰.

O documento *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* focou-se em dar resposta a uma série de questões levantadas no debate atual sobre a educação, “relacionadas com identidade e segurança, sustentabilidade, interculturalidade, inovação

¹³⁵ Veiga, *A educação hoje ou a realização integral e feliz da pessoa humana*, 13.

¹³⁶ Cf. Guilherme d’Oliveira Martins (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Lisboa: Ministério da Educação, 2017), 7.

¹³⁷ Cf. Martins (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 7.

¹³⁸ “Despacho n.º 6478/2017”, *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 143/2017, de 26 de julho de 2017, acedido em 20 de junho de 2018, <https://dre.pt/home/-/dre/107752620/details/2/maximized>.

¹³⁹ “Decreto-Lei n.º 54/2018”, *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 129/2018, de 6 de julho de 2018, acedido em 20 de junho de 2018, <https://dre.pt/pesquisa/-/search/115652961/details/maximized>.

¹⁴⁰ “Decreto-Lei n.º 54/2018.”

e criatividade estão no cerne do debate atual”¹⁴¹. Talvez sejam estes os grandes desafios da educação.

A ligação entre o indivíduo e a sociedade e, conseqüentemente, entre o passado e o futuro, coloca à educação e à escola desafios que levantam diversas questões. Uma delas será saber como podem os sistemas educativos contribuir para o desenvolvimento de valores e de competências nos educandos que lhes permitam defrontar os desafios complexos deste século e fazer face às imprevisibilidades resultantes da evolução do conhecimento e da tecnologia.¹⁴²

Se pensarmos na criança e jovem de hoje, altamente tecnológicos, nos pais sem referências educacionais, numa sociedade em constante mudança a reclamar mudanças na educação, teremos de refletir na atualização dos educadores e numa escola com princípios educativos.

Desta forma, a educação deve ter princípios delimitados por uma cultura de valores que tenha sempre em vista uma cidadania solidária entre as várias gerações, que vise uma criança e jovem pró-ativos e pensadores conscientes. Estes princípios são fundamentais, atendendo a que vivemos numa sociedade do conhecimento em vertiginosa mudança.

Ao longo da história, a educação assumiu sempre um papel importante no desenvolvimento social, económico, científico e na evolução dos sistemas políticos. Se fizermos uma retrospectiva histórica, percebemos que, desde os inícios da Humanidade, os povos que possuíam maior saber marcavam e aceleravam os ritmos dos tempos.¹⁴³

Devido às várias mudanças sociopolíticas e económico-culturais ocorridas, vivemos um momento peculiar de transformações. Desde as últimas décadas do século XX, estamos a assistir a rápidas e profundas transformações sociais, económicas, culturais à escala mundial.

A contemporaneidade surge não só por oposição aos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade, mas também pelo progresso da sociedade e inerente evolução do conhecimento.

A contemporaneidade é uma etapa que se caracteriza por aceleração e intensificação do ritmo de vida, uso intenso de tecnologias de informação e comunicação. É uma época marcada por dinamismo e rapidez, mas, também, por instabilidade, imprevisibilidade e insegurança. A flexibilidade e a constante mudança

¹⁴¹ “Despacho n.º 6478/2017.”

¹⁴² Cf. Martins (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 7.

¹⁴³ Cf. Augusto Silvestre, *Educação, Desenvolvimento e Equidade em Portugal* (Lisboa: Chiado Editora, 2011), 19.

também são características do mundo contemporâneo, as quais se associam, diretamente, com a descartabilidade e o consumismo.

Há uma mudança da estrutura social: mercado de trabalho, sistema administrativo, sistema político, família, sistema de valores e crenças. “Estamos a passar por um profundo processo de transformação social”¹⁴⁴ que está a levar a novas formas de organização social, económica e política. Estas mudanças ocorrem provocadas por importantes transformações em três áreas: “o modo de produção, as tecnologias de comunicação e a democracia política”¹⁴⁵. Estão a modificar os padrões de produção e de organização do trabalho em série, devido à rápida e profunda transformação tecnológica, bem como à globalização e competição exacerbada pela conquista dos mercados. A mudança principal seria a passagem de um sistema de produção baseado no consumo de massas para um sistema de produção tendo em conta um consumo diversificado.

As novas tecnologias vão permitir isto de forma fácil e eficaz. “Aparece, assim, a ideia de fabrico flexível adaptável a mercados em mudança, tanto no que respeita ao volume como à especificidade dos produtos e que se expressa”¹⁴⁶, levando a nível pessoal e na organização da produção a aparecer a polivalência, equipas com vários projetos de vários produtos, em que é valorizada a capacidade do colaborador trabalhar em equipa, e capacidade de se adaptar a novas condições e exigências.

A produção em massa do taylorismo e o fordismo “exigem uma organização do trabalho hierarquizada em pirâmide, em que a criatividade e a inteligência se concentravam nas cúpulas, enquanto que ao resto do pessoal competia executar, de forma mecanizada, as instruções recebidas”¹⁴⁷. As novas formas de organização produtiva organizam-se de forma horizontal e aberta. O conhecimento está distribuído de forma horizontal, não estando dependente diretamente de quem está mais acima. A profissionalização levou que o colaborador adquirisse mais conhecimento tornando-o mais autónomo. O uso do conhecimento, nesta nova forma de produção, assegura a realização pessoal dos colaboradores e garante o emprego colocando os outros em trabalho precário.¹⁴⁸

As novas tecnologias de informação têm um impacto significativo não só na produção de bens e serviços, como também nas relações sociais. “A acumulação de

¹⁴⁴ Juan Carlos Tedesco, *O novo pacto educativo* (Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2008), 18.

¹⁴⁵ Tedesco, *O novo pacto educativo*, 18.

¹⁴⁶ *Ibidem*, 20.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 21.

informação, a velocidade de transmissão, a superação das limitações espaciais, a utilização simultânea de vários meios (imagem, som, texto) são, entre outros, os elementos que explicam o enorme potencial da mudança que estas novas tecnologias apresentam”¹⁴⁹.

As mudanças no modo de produção e nas relações sociais, provocadas pelo uso das tecnologias de informação, provocaram mudanças na vida política e leva a que as identidades políticas, baseadas no lugar ocupado por cada ator no processo produtivo, vão perdendo consistência. Com isto, podemos dizer que “as fronteiras nacionais diluem-se e os espaços onde se exerce a cidadania tendem, ora a ampliar-se para a cidadania sem fronteiras, ora a reduzir-se ao âmbito local”¹⁵⁰.

Desta forma, podemos verificar que a informação, o conhecimento, o saber e as capacidades para poder produzir e manejar constituem recursos fundamentais da sociedade e das pessoas. A educação “entendida como atividade através da qual se produz e distribui o conhecimento assume, portanto, uma importância histórica inédita”¹⁵¹.

Perante isto, podem-se colocar algumas questões: quais as finalidades da educação; quem vai assumir a responsabilidade de formar as novas gerações; qual o legado cultural, os valores, a concepção de homem e de sociedade que pretendemos transmitir? Podemos constatar uma ausência de sentido em muitos setores da sociedade, bem como uma visão a curto prazo que caracteriza numerosas decisões das entidades políticas e económicas.¹⁵²

O sistema educativo e o conceito de educação, que hoje nos coloca todas estas questões, teve origem nos finais do século passado e surge para dar resposta às exigências políticas do processo de construção da democracia e das nacionalidades e às exigências económicas da construção de mercado: um sistema articulado por níveis (primário, secundário e superior), correspondendo a idades e ao lugar a ocupar por cada setor social na hierarquia social, com a subida de níveis associada à capacidade evolutiva da criança e do jovem.¹⁵³ Esta evolução nos níveis está associada a níveis mais complexos de compreensão da realidade e a posições sociais de mais prestígio.¹⁵⁴ Estas características levam-nos a refletir a educação no contexto atual. Pode-se dizer que

¹⁴⁹ *Ibidem*, 22.

¹⁵⁰ *Ibidem*, 23.

¹⁵¹ *Ibidem*, 24.

¹⁵² Cf. *Ibidem*, 26.

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, 29.

¹⁵⁴ Cf. *Ibidem*.

as duas grandes instituições educativas, família e escola, estão a perder a capacidade de transmitir, eficazmente, valores e modelos culturais.¹⁵⁵ Conforme estava organizada a sociedade, a família tinha a missão da primeira socialização continuando, posteriormente, esta missão a escola. A escola parte do pressuposto que “o núcleo básico da personalidade e da incorporação na sociedade já está adquirido e concentra a sua função na preparação para a integração social, disponibilizando informações, conhecimentos, valores e atitudes, etc., cada vez mais especializados que correspondiam ao desempenho de papéis sociais, relativamente estáveis e ordenados hierarquicamente”¹⁵⁶. Desta forma, a família era a responsável pela chegada do educando à escola em condições materiais e psicológicas de educabilidade. Na família, a criança aprende a interiorizar a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos comportamentais. À família compete a tarefa do suprimento das necessidades mais básicas como a alimentação, o conforto e a promoção da saúde, mas também o aconchego que chega pelo carinho e pelo amor. No simples gesto da carícia, a família está a trabalhar a passagem e o testemunho de valores tão fundamentais quanto o amor e a importância do acolhimento. O sucesso na escola e a continuidade na educação estão dependentes da família. Esta realidade não é bem assim. A sociedade evolui de tal forma que a família não tem capacidade, a não ser de forma muito limitada, para a formação moral e satisfação das necessidades básicas, condições prévias para a aprendizagem.

A família já não cumpre o papel que lhe estava atribuído, porque a sociedade e a economia exigem o desempenho de papéis que estão em constante transformação, implicando não só a competência técnica mas também um conjunto de características da personalidade. “A dissociação entre desenvolvimento integral da personalidade e competências técnicas para o trabalho, impostas pelo modelo fordista de produção, está a desaparecer”¹⁵⁷.

Desta forma, a escola é desafiada a novas funções educativas, nomeadamente da formação da personalidade que contribui para integração social mais eficaz e profícua.¹⁵⁸ A formação integral da personalidade é requerida pelo desempenho da cidadania e pelo que é exigido pelo desempenho produtivo. A contemporaneidade requer “uma série de capacidades (pensamento sistémico, solidariedade, criatividade, capacidade de resolver problemas, capacidade de trabalhar em equipa, etc.) que não se

¹⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 36.

¹⁵⁶ *Ibidem*, 114.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 115.

¹⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 108.

formam espontaneamente, nem através de mera aquisição de informação ou conhecimentos”¹⁵⁹. Todas as instituições educativas que estão a substituir ou a colaborar com os pais na educação dos filhos estão desafiadas não só a desenvolver a parte cognitiva, mas também a personalidade. Numa escola para todos, a educação terá de suprir as desigualdades. Para isso, é preciso uma responsabilização pelas diferenças e no desenvolvimento da personalidade é preciso ter em conta o ensino do assumir a identidade de género, religião e cultura.

O modelo capitalista levou a que chegássemos ao século XXI com profundas alterações na composição e funcionamento da família e seu estilo de vida. A modernização introduziu a mulher no mercado de trabalho, reduziu o número de filhos, aumentou as separações e o número de filhos que vivem sozinhos ou apenas com um dos pais.¹⁶⁰ Observa-se uma diminuição do tempo real que os adultos passam e dedicam aos filhos. Esse tempo é ocupado pelos substitutos da família (escolas, creches, clubes, etc.).¹⁶¹ As novas tecnologias também são uma das maneiras encontradas pelos adultos para ocupar os filhos, uma maneira preocupante porque é feita de forma solitária em que a criança recebe informação e interage virtualmente, não tendo ajuda de uma interpretação adulta, que auxilie a clarificar conteúdos, tornando-se num meio altamente eficaz de socialização virtual.

Todo o ser humano tem direito à educação e formação da sua personalidade bem como, através de uma educação que abarca todas as áreas do saber, a introduzir-se e a participar numa determinada cultura e sociedade. Desde a proclamação, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos do Homem (DUDH), na qual é reconhecido, no número 1, do artigo 26º, que “toda a pessoa tem direito à educação”¹⁶², que esta norma passou a ser aceite como um direito humano fundamental, sendo consagrada na legislação dos países. Deste modo, na Constituição da República Portuguesa, a educação está consagrada no Capítulo III da seguinte maneira: “todos têm direito à educação e à cultura” (número 1, do artigo 73º) e “todos têm direito ao ensino com garantia do direito de igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar” (número 1, do artigo 74º)¹⁶³.

¹⁵⁹ *Ibidem*, 116.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 39.

¹⁶¹ Cf. *Ibidem*, 49.

¹⁶² “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, acedido em 20 de junho de 2018, <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

¹⁶³ “Constituição da República Portuguesa”, acedido em 20 de junho de 2018, <http://www.parlamento.pt/Legislacao/PAGINAS/CONSTITUICAOREPUBLICAPORTUGUESA.ASPX>.

De referir também que a Declaração Universal dos Direitos do Homem não se limita só a proclamar o direito à educação, mas apresenta, também, no número 2, do artigo 26º, diretrizes bem definidas em prol da dignidade humana e da defesa de valores considerados essenciais:

“A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz”¹⁶⁴.

Desta forma, este artigo reforça a ideia de atribuir a todo o ser humano, independentemente da sua condição, o direito a uma educação que vise o desenvolvimento pleno da personalidade e o reforço dos direitos do Homem. A educação, na perspetiva da Declaração Universal dos Direitos do Homem, passa a ser, além de um direito, também um meio para que todos os outros direitos proclamados na mesma declaração sejam efetivados.

Já muito antes de entrarmos na contemporaneidade, a DUDH efetivou a necessidade de a escola ser inclusiva e espaço de desenvolvimento pessoal dos alunos no contacto com a diversidade. Uma educação “que não respeite a diversidade e que não valorize o convívio, a interação e a cooperação entre alunos naturalmente diferentes nas suas personalidades e nos seus percursos de aprendizagem é uma educação antiética, porque é contrária à DUDH”¹⁶⁵. Posteriormente à DUDH, a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pelas Nações Unidas, a 20 de Novembro de 1989, e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990, vem reiterar estes direitos às crianças no número 1, alínea a, b, c e d, do artigo 29:¹⁶⁶

“a) Promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicos na medida das suas potencialidades;

(...)

d) Preparar a criança para assumir as responsabilidades da vida numa sociedade livre, num espírito de compreensão, paz, tolerância,

¹⁶⁴ “Declaração Universal dos Direitos Humanos.”

¹⁶⁵ “Os direitos humanos e a educação inclusiva”, *Jornal Público*, acedido em 20 de junho de 2018, <https://www.publico.pt/2014/01/03/sociedade/opiniaos/os-direitos-humanos-e-a-educacao-inclusiva-1618165>.

¹⁶⁶ Cf. “A Convenção sobre os Direitos da Criança”, acedido em 20 de junho de 2018, <https://www.unicef.pt/actualidade/publicacoes/0-a-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca/>.

igualdade entre os sexos e de amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e com pessoas de origem indígena;”¹⁶⁷

Desta forma, podemos dizer que a escola deve ser um lugar de crescimento pessoal através da formação integral dos alunos, incluindo o seu desenvolvimento de acordo com valores que defendam a dignidade humana.

O Concílio Vaticano II foi visionário em 1965, na *Declaração sobre a educação cristã «Gravissimum Educationis»*, ao declarar a urgência do tema e a sua influência no progresso da humanidade: “considerou atentamente a gravíssima importância da educação na vida do homem e o influxo cada vez maior que ela exerce no progresso social do nosso tempo”¹⁶⁸. Desta forma, já era notória a preocupação do rumo que levava o desenvolvimento da humanidade. Refere a necessidade de promover uma “educação adequada”¹⁶⁹ assente no cultivo da verdade e da caridade, ou seja, o amor pela verdade e a busca do bem. Um dos princípios afirmados é o direito inalienável de todos os homens à educação. Isso provém da sua dignidade de pessoa, e não de alguma concessão por parte dos Estados.¹⁷⁰ Os padres conciliares também demonstraram preocupação com a necessidade de a educação ser integral. Desta forma, para que a educação seja efetiva, refere o Concílio que é preciso considerar as contribuições das diversas ciências (psicologia, pedagogia e didática), de modo que as crianças e os jovens sejam ajudados a desenvolver harmonicamente as suas qualidades físicas, intelectuais e morais, conquistando gradualmente o sentido da responsabilidade pela própria vida e o conhecimento da autêntica liberdade.¹⁷¹

Por tudo que já foi dito, pensar a educação de hoje é pensar numa sociedade da aprendizagem e do conhecimento, “centrada na dignidade humana, na cidadania ativa e responsável, na capacidade de ler e compreender o mundo contemporâneo e na resposta adequada aos desafios do desenvolvimento humano”¹⁷², onde o trabalho esteja baseado no compromisso com a qualidade, no respeito à diversidade, na construção de competências e na valorização do indivíduo de forma integral.

¹⁶⁷ “A Convenção sobre os Direitos da Criança.”

¹⁶⁸ Concílio Ecuménico Vaticano II. *Declaração sobre a educação cristã «Gravissimum Educationis»*. AAS 58 (1966), Proémio.

¹⁶⁹ *Ibidem*, Proémio.

¹⁷⁰ *Ibidem*, 1.

¹⁷¹ *Ibidem*.

¹⁷² Guilherme D'Oliveira Martins, “Educação: aproveitar condições únicas...”, *Gazeta do Interior*, acedido a 22 de julho de 2018, <http://www.gazetadointerior.pt/noticias/ano-2018/1533/opiniaio/educacao-aproveitar-condicoes-unicas.aspx>.

A educação é um percurso de personalização, socialização e formação para a cidadania.¹⁷³ Para cumprir a missão de educar para a cidadania, as políticas educativas devem organizar-se e ter como referência as quatro aprendizagens fundamentais do relatório da UNESCO, coordenado por Jacques Delors. Também devem organizar-se para uma educação durante toda a vida, sendo, para cada pessoa, os pilares do conhecimento:

“aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contacto, de relacionamento e de permuta”¹⁷⁴.

Nesta missão de educar para a cidadania, devemos ter em conta, como vem referenciado no documento *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, os sete saberes¹⁷⁵ que Edgar Morin considera essenciais para a Educação, numa cultura de autonomia e responsabilidade:

“(a) prevenção do conhecimento contra o erro e a ilusão; (b) ensino de métodos que permitam ver o contexto e o conjunto, em lugar do conhecimento fragmentado; (c) o reconhecimento do elo indissolúvel entre unidade e diversidade da condição humana; (d) aprendizagem duma identidade planetária considerando a humanidade como comunidade de destino; (e) exigência de apontar o inesperado e o incerto como marcas do nosso tempo; (f) educação para a compreensão mútua entre as pessoas, de pertenças e culturas diferentes; e (g) desenvolvimento de uma ética do género humano, de acordo com uma cidadania inclusiva”¹⁷⁶.

Os sete saberes vêm reforçar a ideia de que a “educação autêntica é a educação integral da pessoa”¹⁷⁷. Desta forma, põe-se fim ao conhecimento fragmentado e aponta-se para o ensino da compreensão. É necessária esta mudança neste mundo contemporâneo caracterizado pela ausência de unidade de vida, “até já lhe chamam sociedade do fragmento, pela renovação incessante dos saberes e das técnicas, pela

¹⁷³ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *A Escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana* (Moscavide: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008), 5.

¹⁷⁴ Jacques Delors (coord.), *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (Porto: Edições ASA, 1996), 90.

¹⁷⁵ Edgar Morin, *Os sete saberes para a educação futura* (Lisboa: Instituto Piaget, 2002).

¹⁷⁶ Martins (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 5-6.

¹⁷⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, *A Escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, 5.

multiplicação de pertenças e conseqüente relativização dos laços familiares, nacionais, culturais, e religiosos”¹⁷⁸.

Torna-se, pois, fundamental encontrar um ponto de convergência que permita assegurar que a educação e a formação das pessoas sejam assumidas como prioridade.

Contudo, a educação não se esgota na cidadania, visto que o seu fim último é formar pessoas. A educação integral “exige promoção de valores espirituais, estruturação hierárquica de saberes e de valores, integração do saber científico-tecnológico num saber cultural mais basto”¹⁷⁹. A educação moral remete para os valores e a formação da consciência humana. A Igreja tem aqui o seu papel ao lado da família como suporte.

Por isso, a educação também deve ser feita pela Igreja. Na verdade, a educação que se quer consistente é uma educação com raízes e essas são, sem dúvida, "a tradição de valores"¹⁸⁰ que fundamenta os projetos de vida: "a formação das pessoas, a começar pelas crianças, não se faz no vazio; precisa de ser, ela própria, enformada por um corpo ético e axiológico"¹⁸¹. A Igreja tem um papel importante na ajuda e na estruturação destes projetos.

A religião cristã dá um contributo inigualável à educação. Esta é centrada na pessoa, pois só através do indivíduo se compreende verdadeiramente a realidade social, que, por seu lado, não é possível conhecer sem o conhecimento do fenómeno religioso, da sua influência e das marcas que grava nos vários movimentos culturais.

Sendo a sua missão a difusão do Evangelho e da Palavra, torna presente o amor de Jesus e, desta forma, a Igreja é fator de educação e de cultura. Segundo D. José Policarpo, ela "é uma proposta cultural de civilização, veicula um sentido e uma interpretação da vida, é uma antropologia e uma mundividência"¹⁸².

É neste sentido de vida que se deve educar nos valores cristãos e a Igreja desafia os cristãos a comprometerem-se com os mesmos porque vão dar origem a novas formas de pensar e agir e conseqüente criação de movimentos e instrumentos para a educação. A educação que a Igreja propõe é a educação para a racionalidade:

“Ela deve ser apresentada como abertura à verdade, a toda a verdade, onde se inclui, para o crente, a verdade revelada, liberta de

¹⁷⁸ *Ibidem*, 12.

¹⁷⁹ *Ibidem*, 5.

¹⁸⁰ Fernando Moita, “A missão do professor de EMRC no contexto escolar atual,” *Pastoral Catequética* 26 (2013): 60.

¹⁸¹ Moita, “A missão do professor de EMRC no contexto escolar atual,” 60.

¹⁸² D. José Policarpo, “A Escola Católica ao serviço da missão da Igreja,” *Agência Ecclesia*, acessado a 1 de agosto de 2018, <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/a-escola-catolica-ao-servico-da-missao-da-igreja/>.

positivismos libertadores do seu horizonte, harmoniosa síntese entre a razão e coração, capacidade reflexiva e sentido estético. Na fase constitutiva da formação, para um completo desabrochar da racionalidade, é importante a educação para a beleza. Devem aprender que a verdade e a beleza se encontram, que o homem não é dono e fonte da verdade, mas peregrino da verdade"¹⁸³.

A educação que a Igreja realiza nas escolas é um contributo fundamental à formação das crianças e jovens tendo, em todo o tipo de instituições escolares, públicas, privadas e católicas, o objetivo maior de "orientar-se para formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade"¹⁸⁴.

A educação nunca poderá funcionar sem ter como referência um quadro completo de valores e de critérios éticos que tenham por base a dignidade da vida humana e que tenham presente a cultura de cada povo. São estes valores, em conjunto com a dignidade, que oferecem "qualidade às relações interpessoais e comunitárias que são a chave para o desenvolvimento do sentido crítico perante a vida e o mundo concreto, e estruturam personalidades responsáveis e comprometidas na construção de uma sociedade livre, justa e fraterna"¹⁸⁵.

A transmissão de valores, ou seja, a educação para os valores torna-se fundamental. A família, a escola, a igreja, os pares são fundamentais e de extrema importância no processo educativo como transmissores de valores, atitudes e comportamentos.

2. A educação para os valores

A educação para os valores, tarefa essencial para a formação integral da criança e jovem, faz-se essencialmente através do currículo formal e não formal na escola, e, sobretudo, do exemplo por parte da família. A educação para os valores acarreta com desafios e dificuldades. "Os valores são intrínsecos à educação, pelo que o problema educativo não é equacionável nem resolúvel sem incluir os valores"¹⁸⁶.

¹⁸³ D. José Policarpo, "A Escola Católica ao serviço da missão da Igreja," *Agência Ecclesia*, acessido a 1 de agosto de 2018, <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/a-escola-catolica-ao-servico-da-missao-da-igreja/>.

¹⁸⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2006), 6.

¹⁸⁵ D. Tomaz Silva Nunes, "Identidade e Metodologia do ensino religiosa escolar," *Pastoral Catequética* 8 (2007): 12.

¹⁸⁶ Manuel Ferreira Patrício, *Lições de axiologia educacional* (Lisboa: Universidade Aberta, 1992), 19.

“O ser humano está genética e espiritualmente ‘condenado’ a viver em sociedade e em família. Estas regem-se por normas que são a decantação cultural de percursos densos de vida que, geralmente, atravessam gerações e anos de convivência civilizacional”¹⁸⁷. A sociedade e a escola precisam continuamente de uma estrutura de valores hierarquizados que orientem a vida e o projeto de vida de cada um, para, desta forma, se combater o imediatismo de cada dia, a efemeridade do presente e o vazio humano que se nota na vida de cada pessoa. “As instâncias básicas de socialização – família, escola, igreja – são codificadores de valores permanentes e imutáveis na peregrinação do tempo: gratidão, amizade, deveres, direitos, respeito, reconhecimento ...”¹⁸⁸.

A sociedade multifacetada e global está a revelar grandes problemas que questionam a família, a igreja e a escola na sua adequação à diversidade e multiculturalidade.

O ato de transmitir valores é algo que se encontra atualmente questionado e confuso, isto é, não é claro para a sociedade quem são os responsáveis por esta transmissão, ou seja, é certo que é a família que tem a função primária de educar valores, mas tal não é sentido realmente.

A ligação existente entre a educação e os valores é um facto que se verifica ao longo da história. Cada época é marcada por um determinado número de valores: cívicos, ético-religiosos, cavaleirescos, artísticos, intelectuais, científico-tecnológicos, etc. A dissociação entre valores cívico-éticos e valores ético-científicos está ainda hoje patente na separação que alguns professores fazem entre instrução e educação – atesta o que lhes compete ensinar e não educar.¹⁸⁹

A escola apresenta-se, hoje, com mais responsabilidades educativas, ou está desafiada a tal, dado que muitas famílias já não conseguem responder de forma satisfatória aos desafios da sociedade atual. Pode-se dizer, como já foi referido, que a escola entrou no quotidiano das crianças e jovens por várias razões, mas sobretudo porque as famílias, em geral, se têm mostrado incapazes de assumir as responsabilidades educativas que desde sempre lhes estiveram atribuídas.

Assim, com maiores exigências na sua função educativa, a escola é chamada a ajudar as crianças e os jovens a estruturarem o seu sistema de valores e padrões de conduta, tendo em vista não só a sua formação pessoal, mas também a sua inserção na

¹⁸⁷ Roberto Carneiro, “O lugar dos valores na educação,” in *Urgência de educar para valores*, coord. Lourenço Xavier de Carvalho (Lisboa: LED on Values, 2010), 21.

¹⁸⁸ Carneiro, “O lugar dos valores na educação,” 22.

¹⁸⁹ Cf. Filipe Rocha, *Educar em Valores* (Aveiro: Estante Editora, 1996), 7.

sociedade: “a educação moral tem por finalidade integrar na personalidade de cada um e nos axiomas que regem o funcionamento dos grupos sociais o respeito e a defesa de certos princípios morais para levar, assim, tanto os indivíduos como os grupos a agir sempre em conformidade com esses princípios e a enfrentar a realidade com espírito aberto e crítico” (UNESCO, 1978b: II, 6).¹⁹⁰

A palavra valor é considerada polissémica, uma vez que é possível atribuir-lhe diversos significados consoante o contexto com que nos deparamos. A mesma palavra pode ter um significado diferente de pessoa para pessoa. Este termo é “difícil de definir, pois oscila entre o facto e o direito, entre o que se deseja e o que é desejável (...) o termo valor designará indistintamente quer as normas ou regras, quer os princípios, quer as interpretações desses princípios”¹⁹¹.

Vem do latim *valere*, que significa valer a pena, vigor, importância, entre outros significados. E, se vale a pena, merece que se lute por ele. Talvez por isso é também algo que desejamos e tem importância para nós ou para os outros. Também se pode dizer que é “aquilo que uma coisa vale, (...) é aquilo que é valioso; de grande interesse; de grande qualidade. (...) Qualidade física, intelectual ou moral que torna uma pessoa digna de grande apreço; pessoa digna de apreço”¹⁹².

Falamos de valor quando o atribuímos a bens, ou seja, quando quantificamos determinado objeto, quando o queremos legitimar de valioso.

Noutro sentido, podemos referir-nos a valores como algo que guia e move as ações do dia a dia, algo que está intrinsecamente ligado à pessoa e sob o qual podemos compreender as suas características morais.

Podemos dizer que um valor é algo que guia as ações e norteia a vida das pessoas na concretização dos seus projetos e vai fundamentar as atitudes, ajudar nas opções, impor limites nas ações estando na base de todo o comportamento pessoal e social. Logo vai estar presente no desenvolvimento da personalidade e na forma como interage com os demais.

É a partir dos valores que cada pessoa guia e orienta a vida. Os valores adquiridos através da socialização primária, como, por exemplo, o respeito, a solidariedade, a fraternidade, a partilha ou a ajuda ao próximo, são a base que irá sustentar a maioria das opções a tomar ao longo da vida. Porém, não se adquire todos os

¹⁹⁰ “A escola e a educação moral face aos imperativos do mundo contemporâneo,” acedido a 1 de agosto de 2018, <http://unesdoc.unesco.org/images/0003/000301/030114eb.pdf>.

¹⁹¹ Júlio Vaz de Andrade, *Os Valores na Formação Pessoal e Social* (Lisboa: Texto Editora, 1992), 46.

¹⁹² Academia das Ciências de Lisboa, “Valor”, in *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, vol. II (Lisboa: Editorial Verbo, 2001), 3699.

valores do mesmo modo, visto que constatamos que nem todos nos regemos pelos mesmos valores.

Tudo depende do contexto onde nascemos e crescemos. Este contexto exerce uma influência significativa no modo como estamos em sociedade e vivemos. Este desenvolvimento pessoal vai estabelecer valores fundamentais, que irão permitir tomar decisões e fazer escolhas. Segundo Ramiro Marques “Aos valores que nascem das necessidades humanas racionais, chamamos de valores racionais. Aos valores que nascem das necessidades humanas sensitivas chamamos valores vitais. Só os primeiros podem aspirar à universalidade. Os restantes são produto dos contextos e das condições”¹⁹³.

Sendo o Homem um ser social, a educação tem, assim, a tarefa de preparar cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro.¹⁹⁴ Podemos dizer que compreender o outro faz com que cada um se conheça melhor a si mesmo, logo cada pessoa tem o seu modo de agir e reagir perante o mundo.

O modelo mais eficaz de educar para os valores é através do exemplo. Os valores são transmitidos eficazmente através da boa conduta como exemplo à criança e jovem levando-os a que sigam os seus passos. Não sendo o exemplo uma imposição, a criança e o jovem de forma muito livre constroem a sua própria hierarquia de valores, mesmo não correspondendo linearmente aos exemplos. A educação na família surge através do exemplo num ambiente único de partilha entre gestos, humores, hábitos do coração, chantagens afetivas, carícias, castigos resultando numa aprendizagem de identificação da criança com os modelos experienciados.¹⁹⁵ É por isso que o que se aprende no interior da família possui uma força persuasiva indestrutível. Leva à aquisição de princípios e valores moralmente estimáveis que resistirão ao longo do tempo às dificuldades e vicissitudes da vida.¹⁹⁶ “A família perdeu influência enquanto sistema de socialização e de transmissão de valores. As crianças e jovens têm cada vez menos contacto com adultos capazes de influenciarem positivamente o desenvolvimento do seu carácter e do seu sistema de valores”¹⁹⁷.

Outros modelos de transmissão de valores exprimem a necessidade de o ser humano ser educado em valores. Entre eles, temos o modelo de Lawrence Kohlberg

¹⁹³ “Educar em valores,” acedido a 1 de agosto de 2018,

http://www.eses.pt/usr/Ramiro/docs/etica_pedagogia/EDUCAR%20EM%20VALORES.pdf.

¹⁹⁴ Cf. Delors (coord.), *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, 47.

¹⁹⁵ Cf. Fernando Savater, *O valor de educar* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006), 65.

¹⁹⁶ Cf. Savater, *O valor de educar*, 66.

¹⁹⁷ Ramiro Marques, *Ensinar valores: Teorias e Modelos* (Porto: Porto Editora, 1998), 32.

estabelecendo três níveis de desenvolvimento moral: moral pré-convencional; moral convencional; moral pós convencional, tendo cada nível ainda duas fases. Segundo ele, passa-se por seis fases de desenvolvimento de valores: 1) orientação pela obediência e punição; 2) orientação egoísta, pois a ação concreta é aquela que satisfaz as necessidades do indivíduo; 3) orientação para a aprovação e para agradar os outros; 4) orientação para a manutenção da ordem e da autoridade; 5) orientação contratual legalista; e 6) orientação pelos princípios éticos.¹⁹⁸ Podemos referir que “a teoria de Kohlberg é um dos exemplos significativos de uma teoria moral centrada na defesa de princípios éticos e preocupada com o desenvolvimento do raciocínio moral em vez da mera defesa das convenções sociais, regras de conduta e leis”¹⁹⁹.

O modelo “clarificação de valores”, desenvolvido nos anos 60, por Louis Rath, Merrill Harmin e Sidney Simon, tem como objetivos: “encorajar as crianças a fazerem mais escolhas e a fazê-las livremente; ajudá-las a descobrir alternativas quando confrontadas com escolhas; ajudar as crianças a pesar as alternativas refletindo nas consequências de cada uma; encorajar as crianças a considerarem aquilo que apreciam e acarinham; dar-lhes oportunidades para afirmarem as suas escolhas; encorajá-las a atuarem, comportarem-se e viverem de acordo com as suas escolhas; ajudá-las a tomarem consciência dos comportamentos repetidos sistematicamente na sua vida”²⁰⁰. O educador é como que um moderador, acompanha a criança e jovem em todo o seu processo de desenvolvimento e cria momentos para que a criança e jovem se deparem com situações em que as tenha de decidir e resolver sozinhos. Uma outra faceta do educador é interrogar a criança e jovem sobre as suas escolhas, para que estes sejam obrigados a questionar-se a si própria e a justificar as suas opções. “A finalidade é ajudar as crianças a clarificarem, por si próprias, aquilo a que dão valor”²⁰¹.

Um outro modelo é a “comunidade justa”, desenvolvido por Kohlberg, em 1974, numa escola secundária de Cambridge. Propõe uma forma inovadora, à altura dos jovens participarem na vida da escola. Pretendia fazer educação para os valores, não através de lições de moral, mas através da discussão de dilemas morais e da participação na tomada de decisões.²⁰² O desafio passa por criar uma escola dirigida

¹⁹⁸ Cf. “Teoria do Desenvolvimento Moral,” acessido a 1 de agosto de 2018, https://pt.wikipedia.org/wiki/Lawrence_Kohlberg.

¹⁹⁹ Marques, *Ensinar valores: Teorias e Modelos*, 100.

²⁰⁰ “Modelo da clarificação de valores,” acessido a 1 de agosto de 2018, http://www.eses.pt/usr/Ramiro/docs/etica_pedagogia/modelo_clarifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20valores.pdf.

²⁰¹ Marques, *Ensinar valores: Teorias e Modelos*, 109.

²⁰² Cf. *Ibidem*, 112.

democraticamente pelos alunos e demais comunidade educativa, todos com direito de voto na tomada de decisões. Uma educação para os valores através de “duas estratégias: a discussão de dilemas morais e a criação do governo democrático na escola, que prepare os alunos para o exercício da cidadania, permitindo-lhe a aquisição de competências parlamentares”²⁰³. Através deste modelo, os educandos aprendem a partilhar a responsabilidade na tomada de decisões e a lidar com o conceito de justiça e equidade. Todos estes modelos dão-nos um grande contributo e reforçam a necessidade urgente de uma educação para os valores.

O espaço escolar, hoje, precisa que as preocupações educativas não descurem a importância dos valores que alicerçam a civilização e que tornam todos os dias a sociedade mais humanizada. Não se pode colocar em causa que, na escola, além da necessidade da aquisição de conhecimentos científicos, é fundamental aprender a ser-se verdadeiro, justo, responsável, tolerante, dialogante e solidário.

O percurso escolar deve ser feito no sentido de estimular as crianças e os jovens a trabalhar justa e honradamente e a descobrir o verdadeiro sentido da expressão “manter a palavra dada”, a ser justamente críticos e a saber aceitar as críticas que lhes são dirigidas. Devem reconhecer que existem valores humanos indispensáveis para a relação e para o saudável encontro com os outros. “É o esclarecimento desses valores, a mobilização dos conhecimentos e a utilização das competências que permitem tomadas de decisão consistentes e racionais”²⁰⁴.

A escola e a família devem proporcionar às crianças e aos jovens experiências educativas em que tenham que encarar problemas, refletir e tomar decisões, com atitudes assertivas, para que eles próprios possam, em liberdade, definir a sua escala de valores.

“A autoestima é também determinada pelo prestígio dos elementos da identidade, porque muitas categorias são valorizadas socialmente (...) estas categorias estão ligadas a papéis sociais, idealizados com características específicas, que podem controlar o comportamento nas situações sociais”²⁰⁵. Importa referir que os educadores devem valorizar a autoestima das crianças e jovens. A tão falada confusão de papéis sociais deveria o quanto antes ser clarificada, para que cada um assuma o seu papel, na clarificação dos valores às crianças e jovens.

²⁰³ *Ibidem*.

²⁰⁴ Andrade, *Os Valores na Formação Pessoal e Social*, 27.

²⁰⁵ Markus Neuenschwander, *Desenvolvimento e identidade na adolescência* (Coimbra: Livraria Almedina, 2002), 124.

A educação para os valores é a educação do futuro. Aponta para uma educação de crianças e jovens na sua identidade, a fim de promover um mundo mais humano, em atitudes pessoais e sociais.

“Na sociedade tradicional as identidades baseavam-se, sobretudo nos fatores adscritos como o género, a raça, a etnia e a religião (...) estes fatores estão a perder capacidades socializadoras e o seu significado está a sofrer alterações relevantes (...) a modificação mais importante diz respeito ao próprio processo mediante o qual, são elaboradas as identidades”²⁰⁶.

Numa escola para todos, deve-se promover o desenvolvimento da personalidade de cada um, contrariando o relativismo ético em prejuízo de um pluralismo comprometido e tolerante em que cada criança e jovem aprenda a viver em plenitude com outros.

Talvez seja este o grande desafio colocado à educação para valores na família, a qual, neste assunto, tem responsabilidades, a par de outras instituições, como a escola e a igreja.

O modelo da escola plural, comprometida e tolerante, apresenta-se como aquele que possibilita uma verdadeira formação integral de todos e de cada um. Contudo, apesar do lugar reservado pela Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei n.º 46/86, de 14 de outubro,²⁰⁷ a área de formação pessoal e social continua a ser um problema por resolver no sistema educativo português, onde tem lugar a Educação Moral e Religiosa Católica. A designação de formação pessoal e social e de formação integral foi introduzida pela LBSE de 1986, no número 1 e 2 do artigo 57º:

“ (Desenvolvimento curricular) – 1. A organização curricular da educação escolar terá em conta a promoção de uma equilibrada harmonia, nos planos horizontal e vertical, entre os níveis de desenvolvimento físico e motor, cognitivo, afetivo, estético, social e moral dos alunos; 2. Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, prevenção de acidentes, a educação para a saúde e educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito”²⁰⁸.

²⁰⁶ Tedesco, *O novo pacto educativo*, 87-88.

²⁰⁷ “Lei n.º 46/86 – Lei de Bases do Sistema Educativo”, *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 237/1986, de 14 de outubro de 1986, acedido em 6 de agosto de 2018, https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/222418/details/normal?_search_WAR_drefrontofficeportlet_print_preview=print-preview.

²⁰⁸ “Lei n.º 46/86 – Lei de Bases do Sistema Educativo.”

A escola representa um espaço privilegiado de socialização. Por isso, é preciso reencontrar o verdadeiro papel da escola na formação dos valores humanos. A escola, ao assumir o caráter desse espaço social, torna-se uma das instituições mais importantes na transmissão de valores, legitimada pela maneira como a sociedade evoluiu e se organizou, vindo logo após a família e a Igreja.

Em 1990, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (DMET) afirmava, no número 3 do artigo 1º, que “outro objetivo, não menos fundamental, do desenvolvimento da educação é o enriquecimento dos valores culturais e morais comuns. É nesses valores que os indivíduos e a sociedade encontram a sua identidade e a sua dignidade”²⁰⁹. Deparamo-nos com um apressado desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade que obriga a escola a avançar para novas fronteiras do conhecimento, bem como para uma desconcertante economia que não olha nem a meios nem a fins. É notória a falta de honestidade na condução da economia levando a uma crise económica não assumida. Cada vez mais aparecem situações a nível mundial de falta de respeito pelos direitos humanos, pela cultura e pela liberdade, levando à dependência, à escravatura e à miséria de uma grande parte da humanidade, tornando cada vez mais evidente a falta de respeito pelo outro, pelos povos, constatando-se que na ânsia de dominação por qualquer meio. A falta de respeito pela vida tem desenvolvido a subversão, a guerra e o armamento.

Com isto, várias questões se levantam. Que adianta às crianças e jovens atuais obter cada vez mais informação e conhecimento, ter meios técnicos e sofisticados para satisfazer dificuldades e anseios, se não interiorizam valores que dêem sentido à sua existência e à valorização desses recursos? Que criança e jovem sobreviverá a esta sociedade, mesmo que tenha muitos saberes técnicos, se não desenvolver valores que norteiem a sua vida?

Sem os valores na vida das crianças e jovens, interiorizados através da educação, a ciência e a técnica tendem a apoderarem-se do ser humano e a transformá-lo em máquinas, sem consciência de pessoa livre, autónoma e solidária. É a própria autorrealização da pessoa que é posta em causa.

Não restam dúvidas que o pilar aprender a viver com os outros, de que fala Jacques Delors, é um desafio para a educação dos nossos dias. “Aprender a Viver Juntos versa os valores nucleares da cidadania e da construção identitária que constituem

²⁰⁹ “Declaração Mundial sobre Educação para Todos,” acessido a 1 de agosto de 2018, <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>.

fundamentos limiars da coesão e em cuja ausência nem as comunidades são viáveis, nem o desenvolvimento se realiza”²¹⁰.

Ao afirmar que a educação tem como meta essencial o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social, Jacques Delors sintetiza num só objetivo as grandes finalidades da educação, ao mesmo tempo que resolve a questão da compatibilização entre educação para todos e a melhor educação para cada um. De facto, uma educação para todos é aquela que garante o melhor desenvolvimento e identidade de cada um, conforme diz o número 1, do artigo 1º, da DMET,²¹¹ mas é também aquela que promove uma formação moral e social ensinando cada um a conviver com as diferenças dos outros. Por isso, numa escola plural do compromisso e da tolerância a educação para valores deve visar a plena expansão de cada personalidade humana, assente nos direitos humanos e liberdades fundamentais, e favorecendo a compreensão, a tolerância e a amizade conforme ao número 2, do artigo 26º, da DUDH.²¹²

No momento presente, depois de homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho,²¹³ o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, refere que “os valores, no âmbito do sistema educativo, são entendidos como orientações segundo as quais determinadas crenças, comportamentos e ações são definidos como adequados e desejáveis. Os valores são, assim, entendidos como os elementos e as características éticas, expressos através da forma como as pessoas atuam e justificam o seu modo de estar e agir. Trata-se da relação construída entre a realidade, a personalidade e os fatores de contexto, relação essa que se exprime através de atitudes, condutas e comportamentos”²¹⁴. O mesmo documento definiu um conjunto de valores a serem desenvolvidos e postos em prática nas atividades escolares: a) Responsabilidade: b)

²¹⁰ Roberto Carneiro, “O lugar dos valores na educação,” in *Urgência de educar para valores*, coord. Lourenço Xavier de Carvalho (Lisboa: LED on Values, 2010), 29.

²¹¹ “1. Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem e a maneira de satisfazê-las variam segundo cada país e cada cultura, e, inevitavelmente, mudam com o decorrer do tempo”. “Declaração Mundial sobre Educação para Todos,” acedido a 1 de agosto de 2018, <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>.

²¹² “2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, acedido em 20 de junho de 2018, <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

²¹³ Cf. “Despacho n.º 6478/2017”.

²¹⁴ Martins (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 9.

Excelência e exigência; c) Curiosidade, reflexão e inovação; d) Cidadania e participação; e) Liberdade.²¹⁵

Não estão presentes de forma explícita os valores da partilha.

3. A partilha

As mudanças que foram acontecendo a vários níveis na sociedade exigem mudanças na educação. Uma delas é incorporar de forma sistemática a tarefa da formação da personalidade. “O desempenho produtivo e o desempenho da cidadania requerem o desenvolvimento de uma série de capacidades (pensamento sistémico, solidariedade, criatividade, capacidade de resolver problemas, capacidade de trabalho em equipa, etc.) que não se formam espontaneamente, nem através de mera aquisição de informações ou conhecimentos”²¹⁶. A este propósito, as novas gerações têm que se preparar cada vez melhor para a profissão que desejam, para terem um futuro melhor. Para isso, é preciso torná-las responsáveis, dando-lhes o sentido da partilha e de comunidade onde se exige sobretudo a qualidade, de modo a terem alegria no que fazem e a serem reconhecido o seu valor no mercado de trabalho.

Podemos concluir que as capacidades fundamentais para tornar uma economia mais competitiva, uma sociedade mais justa e equilibrada, mais humana, paradoxalmente, são as mesmas para o desenvolvimento da personalidade. “A missão fundamental da educação é ajudar cada indivíduo a desenvolver todas as suas potencialidades, e a tornar-se um ser humano completo e não um instrumento da economia. A aquisição de conhecimento e competência deve andar acompanhada de uma educação do carácter, da abertura cultural e do despertar da responsabilidade social”²¹⁷.

O desafio será as instituições de educação, para além de promoverem o desenvolvimento cognitivo, desenvolverem também a personalidade. A formação integral da personalidade só resultará com o desenvolvimento e vivência na partilha. Só ela poderá permitir a ambas as partes crescerem e desenvolverem-se socialmente.

Na escola atual, dado as turmas serem tão heterogéneas, com alunos provenientes de várias culturas e de diferentes contextos sociais, é necessário que exista uma relação pedagógica entre professor-aluno de proximidade e inclusão, mas

²¹⁵ Cf. *Ibidem*, 17.

²¹⁶ Tedesco, *O novo pacto educativo*, 116.

²¹⁷ *Ibidem*, 60.

sobretudo de partilha, o que vai permitir iniciar um percurso a dois de ensino, aprendizagem e educação. A partilha será o fator desbloqueador na relação pedagógica.

A palavra partilha refere-se à ação de distribuir, repartir ou dividir por partes; ato ou efeito de partilhar; divisão de alguma coisa entre várias pessoas; divisão de uma coisa em várias partes, para distribuição; dividir com alguém.²¹⁸ Desta forma, é possível usufruir em comum de um determinado recurso ou espaço. A noção de partilhar implica uma concessão gratuita de uso, uma oferta ou uma doação.

Um lugar e um ato que assumem toda esta simbólica educativa da partilha é o estar à mesa, a refeição, tornando-se altamente educativo na transmissão deste valor. No tempo em que vivemos está desvalorizado, perdendo toda a sua simbólica e mística do estar com o outro. O estar à mesa não é apenas um lugar de fazer refeições, vai muito para além disso. É um local privilegiado “para trocar experiências, aprender, refletir, aproximar e celebrar. Lugar onde se partilham as experiências do dia a dia, as dúvidas, onde se dão conselhos (...) e onde se reza e agradece a oportunidade de usufruir de uma refeição”²¹⁹. Fazer as refeições em grupo, em família, com a família junta, é algo que dá sentido ao grupo, dá sentido ao termo família, tornando este ato como um dos rituais comunitários mais eficazes para desenvolver e efetivar a socialização.

3.1. A simbologia da partilha no estar à mesa

A importância vital do que é estar à mesa para além da consequente alimentação que tem para qualquer ser humano, desempenha um papel muito especial na vida do ser humano. É uma atividade quotidiana que permite a manifestação de sentimentos, emoções, tradições, crenças e de forma muito particular desenvolve um valor muito importante para se poder viver em sociedade, o valor da partilha, entre outras singularidades da vida das pessoas. “A comida abrange a sabedoria empírica acumulada e contém grande parte de magia e ritual. Ela se reveste de um valor simbólico, de tal forma que mudar o regime alimentar de um povo implica tocar em sua identidade social e cultural e em suas relações com o sagrado”²²⁰.

A alimentação tem uma grande importância no nosso dia a dia. Esta surge como uma necessidade biológica para o ser humano, sendo indispensável à sua sobrevivência e saúde, havendo, por isso, a necessidade da prática de uma alimentação equilibrada.

²¹⁸ Cf. Academia das Ciências de Lisboa, “Partilha”, in *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, vol. II (Lisboa: Editorial Verbo, 2001), 2765.

²¹⁹ Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 86.

²²⁰ Valcilene Silva e Carmen Cadernas, “A comida e a sociabilidade na velhice.” *Revista Kayros*, vol. X, 1 (2007): 52.

Para além disto, a refeição está associada à ideia de festa, como lugar de confraternização e à experiência de encontro, momentos essenciais na vida dos seres humanos. “A ação quotidiana de comer transcende o ato biológico de nutrir-se. A comida pode ter uma conotação emocional importante para um indivíduo ou para um grupo; pode estar relacionada a um ritual de preparação e a uma história de amplo significado simbólico. É possível afirmar que, além do simples ato de comer, o ser humano resgata dos alimentos e da prática de se alimentar outros fatores relevantes para sua vida”²²¹.

A preparação das refeições repete-se diariamente, no entanto é um dos gestos e ações mais sublimes porque é realizada a pensar nas pessoas com quem se vai partilhar a refeição e transforma-se num gesto de carinho. “Preparar e partilhar os alimentos é uma das formas mais antigas de demonstrar amizade e carinho”²²².

A refeição assume uma dualidade para quem prepara e para quem recebe, ou seja, desenvolve o gesto da partilha recíproco. Neste sentido, quem prepara as refeições transporta para esse momento todo o conhecimento adquirido, toda a sabedoria que a família foi construindo, todos os paladares, aromas e técnicas. Não se trata só da forma de confeccionar, mas também de ter presente os gostos de cada um, a partilha, a troca de opiniões. Por outro lado, quem recebe valoriza e aprecia toda a entrega e dedicação na confeção, pelos quais conseguiu transformar a refeição num verdadeiro momento de união, encontro e partilha.²²³

A observação atenta do modo como se desenvolvem as refeições revela-nos a posse da estrutura interna, valores e hierarquias de um determinado grupo humano, bem como dos limites que ele estabelece com o mundo que o rodeia.²²⁴ “A companhia à mesa faz do motivo da alimentação uma espécie de microcosmo que reflete desejos e interditos, práticas e tráficos de sentido”²²⁵. O estar à mesa e comer com, transforma a satisfação de uma necessidade primária num momento social de grande alcance. “A mesa reflete a vida como um espelho”²²⁶.

²²¹ Silva e Cadernas, “A comida e a sociabilidade na velhice,” 53.

²²² Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 87.

²²³ Cf. *Ibidem*, 87.

²²⁴ Cf. José Tolentino Mendonça, *Nenhum Caminho Será Longo. Para uma Teologia da Amizade* (Prior Velho: Paulinas, 2017), 100.

²²⁵ Mendonça, *Nenhum Caminho Será Longo. Para uma Teologia da Amizade*, 100.

²²⁶ *Ibidem*, 100.

O grande alcance da mesa e da partilha é quando se percebe “a lógica e o conteúdo dos alimentos, bem como a ordem que regula a mesa (com quem se come, onde se come, a lógica dos diversos lugares e funções à mesa...)”²²⁷.

Todos os povos antigos em geral, e o povo da Bíblia em particular, atribuíam imensa importância à ação de comer. Num mundo em que o comer constituía um momento importante na vida das pessoas, devido à falta de alimentos, o ato de comer era quase sagrado. “Entre os povos antigos, a refeição não era um ato puramente individual, como resposta à necessidade física do corpo, era antes de mais, um ato coletivo, familiar ou de grupo em que se estava inserido”²²⁸. O ser humano como ser social é sobretudo à mesa que se revela e manifesta a solidariedade humana. “De tal modo que os termos companheiro/companhia significa “comer o pão com” outra pessoa”²²⁹. O pão como símbolo de alimento é, desta forma, um elemento fulcral na dimensão relacional da pessoa. Sendo um alimento essencial do povo da Bíblia e frequentemente o único alimento diário que as famílias comiam juntas, passou “a simbolizar a refeição ou o banquete da amizade e da aliança com quem se come”²³⁰.

3.1.1. Aliança entre as pessoas

O ato de sentar-se à mesa e partilhar uma refeição ajuda a criar e reforçar os laços de amizade. A refeição é uma experiência de encontro e de partilha. Por isso, a expressão bíblica “os homens do teu pão” simboliza precisamente os amigos que são tão íntimos ao ponto de se sentarem à mesa com regularidade. “Partir o pão é dá-lo aos outros convivas, ação que cria laços de especial união entre eles”²³¹. Daí as refeições terem em simultâneo um carácter sagrado no ambiente da Bíblia (Gn 31,54)²³². Neste contexto, o ato de comer o pão em conjunto distingue o ser humano de qualquer outro animal que ingere um qualquer alimento. O pão deixa de ser simples pão para significar todo o tipo de alimento. Por sua vez, este não se limita a saciar as pessoas, mas serve de elo na união entre as pessoas, nas suas relações. Desta forma, é elevada a relação interpessoal como dimensão essencial do ser humano que não pode viver isolado no seu mundo rodeando-se, apenas, por ele próprio.

²²⁷ *Ibidem*.

²²⁸ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 83.

²²⁹ *Ibidem*.

²³⁰ *Ibidem*, 341.

²³¹ *Ibidem*.

²³² “Jacob sacrificou animais sobre a montanha e convidou os seus irmãos para o banquete. Tomaram parte nele e passaram a noite sobre a montanha” (Gn 31,54).

A expressão “os homens do teu pão” significa aqueles que comem à mesma mesa para estabelecer relações de especial amizade (Cf. Sl 41,10; Ecl 9, 16; Abd 7; Jo 13,18). O expressão “partir o pão” quer dizer repartir pelos convidados, isto leva a criar laços.²³³

Desta forma, era habitual fazerem-se contratos e pactos no decorrer das refeições. Aqueles que partilhavam a mesma mesa, que comiam do mesmo pão, eram também aqueles que iriam iniciar uma nova aliança.

Também a traição é sublinhada com expressões relativas ao “comer com...”. De facto, uma traição é sempre feita por alguém que está próximo, muitas vezes por aqueles que se sentam à mesma mesa do traído (Sl 41,10)²³⁴. Assim fez, também, Judas traíndo Jesus, com quem partilhava o pão. “Estavam à mesa a comer, quando disse: Em verdade vos digo: um de vós há-de entregar-me, um que come comigo” (Mc 14,18).

3.1.2. Aliança com Deus

Tal como o pão ganhou importância na socialização, principalmente na família como meio de educar para a partilha reconhecendo a dignidade do outro, é também um elemento de destaque na relação entre Deus e a Humanidade e a Humanidade e Deus. Se o ser humano sentia necessidade de sentar-se à mesa com alguém para criar ou reforçar amizades, para fazer pactos ou negócios, então seria também importante ter um gesto de igual forma simbólico em resposta à aliança do próprio Deus.

Nesta relação do povo com Deus, foi sempre Deus que tomou a iniciativa. O povo de Israel, “consciente que foi o Senhor quem lhe deu a terra donde tirava o pão de cada dia, oferecia uma parte desse pão a Deus; isto é, de algum modo, «comia» com Deus, num sacrifício de comunhão no Templo, o pão que o mesmo Deus lhe tinha oferecido”²³⁵. O sacrifício dos “doze pães da oferenda ou pães da proposição”²³⁶ constitui uma das mais preciosas formas de oferta do pão a Deus descrito na Bíblia no livro do Levítico:

“Tomarás também flor da farinha e cozerás doze pães de dois décimos de efá cada um. Dispô-lo-ás em duas rimas, seis em cada rima, sobre a mesa de ouro puro, diante do Senhor. Porás, sobre cada rima incenso puro que servirá de memorial aos pães, como oferta queimada em honra do Senhor, continuamente, cada dia de sábado, da parte dos

²³³ Cf. *Ibidem*, 341.

²³⁴ “Até o amigo íntimo, em quem eu confiava e que comia do meu pão, até ele se levantou contra mim”. (Sl 41,10).

²³⁵ Alves, *Símbolos na Bíblia*, 342.

²³⁶ *Ibidem*.

filhos de Israel. É uma aliança perpétua. Pertencerá este pão a Aarão e a seus filhos, que o comerão em lugar santo, porque é a parte mais sagrada das ofertas queimadas em honra do Senhor, que lhes é destinada. É uma lei perpétua” (Lv 24,5-9).

A festa da colheita do pão, ou do Pentecostes, era outra das celebrações na qual o povo de Israel manifestava a sua gratidão pela Aliança com Deus, momento em que se oferecia o primeiro pão:²³⁷

“Trareis de onde quer que habiteis dois pães, feitos de dois décimos de efá de flor de farinha, cozidos com fermento, para o rito da apresentação; serão as primícias para o Senhor” (Lv 23,17).

Para Jesus Cristo, as refeições foram espaços privilegiados de encontro, acolhimento, partilha e ensinamentos. O comer e beber com alguém era viver em amizade, em aliança com ele. Para os povos orientais e, conseqüentemente, para os judeus, à mesa só estavam pessoas importantes. Jesus inverte o conceito de importantes, estando os pecadores e publicanos, pessoas insignificantes e excluídas pela sociedade. O estar à mesa de Jesus com os pecadores e publicanos leva a que os fariseus odeiem Jesus e o condenem à morte por esta nova forma de partilha.

“Comer o pão no Reino de Deus significa participar no banquete final da Aliança com Deus”²³⁸ (cf. Lc 14,15). Na Última Ceia, Jesus, ao instituir a Eucaristia com pão, faz esta aliança no reino de Deus. Neste banquete sagrado, Jesus estabelece com os que nele participarem uma nova aliança.²³⁹ Pelas palavras e pelos gestos, Jesus é o pão da nova aliança, celebrada na Eucaristia.

Partilhar o pão está presente em toda a história da salvação. A partilha foi a forma de Deus se tornar presente e incutir a humanidade ao ser humano. Partir o pão leva-nos desde o Antigo Testamento até ao verdadeiro Pão, Jesus Cristo, oferecido e repartido por todos no banquete da Eucaristia.²⁴⁰

3.2. Os valores da partilha

A partilha é uma atitude que se aprende desde cedo, ou que assim deveria ser. A refeição, o estar à mesa, com tudo quanto isso implica é um meio altamente eficaz para nos formatar nesta necessidade de nos ajudarmos uns aos outros. A procura do bem

²³⁷ *Ibidem.*

²³⁸ *Ibidem*, 341.

²³⁹ Cf. *Ibidem*, 341.

²⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 345.

comum não é uma atitude interiorizada e vivida pelas nossas crianças e jovens e sociedade em geral. Há um longo caminho a percorrer para que as crianças e jovens sejam pessoas atentas e interventivas na sociedade contemporânea.

A sociedade atual está caracterizada como individualista e totalitária, preocupada com a posição social a adquirir e manter, deixa pouco espaço para pensar no outro, ocupando esse espaço com indiferença fíca, assim, para trás o paradigma da dádiva e da partilha. O desenvolvimento tecnológico revolucionou e organizou a sociedade com novas configurações nas relações sociais. São notórias as desigualdades nos diferentes estilos de vida e nas relações sociais entre as pessoas.

Há a necessidade de tornar o mundo consciente destas adversidades, educando as novas gerações para os valores da partilha. A criação de condições geradoras de pão para todos, funda-se na questão dos valores da partilha, justiça, verdade a qual deve ser implementada pela via da caridade. Na perspectiva cristã, a justiça, a verdade, o bem comum e a caridade estão intimamente ligados e só podem existir em relação mútua.

A Doutrina Social da Igreja afirma que a justiça “consiste na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido”²⁴¹. Nela está o reconhecimento do outro como pessoa. Deste modo, a justiça não surge como uma mera convenção humana ou lei, mas como uma determinação da própria identidade do ser humano.²⁴² A verdade plena sobre o outro supera uma visão contratualista da justiça, que é limitada, e abre-a para o horizonte da solidariedade e do amor.²⁴³ Na realidade, a visão contratualista da justiça apenas ensina a repartição adequada dos bens materiais, ao passo que a caridade é capaz de restituir o ser humano a si próprio.²⁴⁴ Deste modo, a justiça “deve submeter-se, por assim dizer, a uma “correção” notável, por parte daquele amor que, como proclama S. Paulo, “é paciente” e “benigno”, ou, por outras palavras, que encerra em si as características do amor misericordioso, tão essenciais para o Evangelho como para o Cristianismo”²⁴⁵.

No entanto, este amor que corrige a justiça não pode ser compreendido sem a justiça. Na verdade, a caridade leva-nos a amar o bem comum e, conseqüentemente, a buscá-lo para todos. Dar pão a quem tem fome só pode ser um ato de caridade se for justo.

²⁴¹ Pontifício Conselho Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 201.

²⁴² Cf. *Ibidem*.

²⁴³ Cf. *Ibidem*, 203.

²⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 206.

²⁴⁵ *Ibidem*.

O papa Bento XVI resume, da seguinte forma, na carta encíclica *Caritas in Veritate*,²⁴⁶ esta relação entre a justiça e a caridade:

“A caridade supera a justiça, porque amar é dar, oferecer ao outro do que é meu; mas nunca existe sem a justiça, que induz a dar ao outro o que é dele, o que lhe pertence em razão do seu ser e do seu agir. Não posso dar ao outro do que é meu, sem antes lhe ter dado aquilo que lhe compete por justiça. Quem ama os outros com caridade é, antes de mais nada, justo para com eles. A justiça não só não é alheia à caridade, não só não é um caminho alternativo ou paralelo à caridade, mas é inseparável da caridade, é-lhe intrínseca. A justiça é o primeiro caminho da caridade ou, como chegou a dizer Paulo VI, a medida mínima dela, parte integrante daquele amor por ações e em verdade (I Jo 3,18) a que nos exorta o apóstolo João. Por um lado, a caridade exige a justiça: o reconhecimento e o respeito dos legítimos direitos dos indivíduos e dos povos. Aquela empenha-se na construção da cidade do homem segundo o direito e a justiça. Por outro, a caridade supera a justiça e completa-a com a lógica do dom e do perdão. A cidade do homem não se move apenas por relações feitas de direitos e de deveres, mas antes e sobretudo por relações de gratuidade, misericórdia e comunhão. A caridade manifesta sempre, mesmo nas relações humanas, o amor de Deus; dá valor teológico e salvífico a todo o empenho de justiça no mundo”²⁴⁷.

A caridade é o maior mandamento social e só ela pode transformar completamente o ser humano porque procede de Deus.²⁴⁸ Sendo via mestra da Doutrina Social da Igreja, atribui “verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo; é o princípio não só das micro-relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macro-relações como relacionamentos sociais, económicos e políticos”²⁴⁹.

No entanto, e para evitar uma má interpretação da caridade e a tentativa da sua exclusão da vida ética, é necessária a conjugação entre a caridade e a verdade: “a verdade há-de ser procurada, encontrada e expressa na economia da caridade, mas esta por sua vez há-de ser compreendida, avaliada e praticada sob a luz da verdade”²⁵⁰.

A verdade ilumina, dá sentido e valoriza a caridade, através da luz da razão e da fé pela qual a inteligência chega à verdade natural e sobrenatural da caridade. Sem

²⁴⁶ Papa Bento XVI, *Carta Encíclica «Caritas in Veritate»*, AAS 101 (2009) 641-709.

²⁴⁷ Papa Bento XVI, *Carta Encíclica «Caritas in Veritate»*, AAS 101 (2009), 6.

²⁴⁸ Cf. Pontifício Conselho Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 583.

²⁴⁹ Papa Bento XVI, *Carta Encíclica «Caritas in Veritate»*, AAS 101 (2009), 2.

²⁵⁰ *Ibidem*.

verdade, a caridade “cai no sentimentalismo”²⁵¹, o amor torna-se “um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente”²⁵². O amor numa cultura sem verdade acaba prisioneiro das emoções e opiniões individuais chegando a significar o oposto do que realmente é.²⁵³

Bento XVI refere-se ao atual contexto social e cultural marcado pelo relativismo da verdade, por isso, associa a vivência da caridade na verdade com a adesão dos valores do Cristianismo, “útil e mesmo indispensável para a construção de uma boa sociedade e dum verdadeiro desenvolvimento humano integral”²⁵⁴.

A caridade é amor recebido, graça, e, por isso, os seres humanos, destinatários do amor de Deus, são sujeitos da caridade e chamados a fazerem-se, eles mesmos, instrumentos desta graça na irradiação da caridade.²⁵⁵ Através desta dinâmica, os seres humanos propõem-se a responderem à Doutrina Social da Igreja: à “proclamação da verdade do amor de Cristo na sociedade”²⁵⁶.

A justiça e o bem comum são critérios orientadores da ação moral que dão forma ao princípio da *caritas in veritate*, em torno do qual gira toda a Doutrina Social da Igreja. Apesar de cada sociedade elaborar um sistema próprio de justiça, ela não é alheia nem um caminho paralelo à caridade, mas é “inseparável da caridade”²⁵⁷.

A caridade supera a justiça na medida em que quem ama os outros, com caridade, é antes de mais, justo para com eles, pois, nunca damos aos outros o que é nosso sem antes lhes dar o que lhes pertence por justiça. Por seu lado, além do bem individual, existe um bem ligado à vida social das pessoas: o bem comum. Querer o bem comum e trabalhar por ele é uma exigência da justiça e da caridade e, quando o seu empenho é animado pela caridade, tem um valor superior ao do empenho secular ou político.²⁵⁸

A caridade foi sempre uma prática da Igreja desde o seu início adaptando-se sempre novas formas e atitudes de acordo com as alterações sociais e as necessidades de cada época. Essa prática dimana sempre do mandamento evangélico do amor cujo pleno cumprimento é a caridade. As comunidades dos primeiros cristãos repartiam os bens

²⁵¹ *Ibidem*, 3.

²⁵² *Ibidem*.

²⁵³ Cf. *Ibidem*.

²⁵⁴ *Ibidem*, 4.

²⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 5.

²⁵⁶ *Ibidem*.

²⁵⁷ *Ibidem*, 6.

²⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 7.

entre todos, segundo as necessidades de cada um, de tal modo que não havia pobres entre eles (cf. At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16).

Seguindo o exemplo dos primeiros cristãos, é necessário uma partilha efetiva aos mais necessitados na medida em que a “partilha efetiva dos meios necessários para viver é a expressão da real vontade de repartir a vida”²⁵⁹.

Para o cristão, o amor ao próximo exige ações concretas, como a solidariedade. Diz Bento XVI, na encíclica *Deus caritas est* que “o amor será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa”, porque “existirão sempre também situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo”²⁶⁰, ou seja, um amor que não oferece apenas uma ajuda material, mas também e sobretudo uma ajuda espiritual: “nem só de pão...” (Mt 4,4).²⁶¹

A capacidade de partilhar, de pôr em comum o que se tem e o que se é, apresenta-se como mandato perante os mais necessitados e frágeis, como os que não têm pão ou os refugiados. Para tal, é necessário sair de nós mesmos e ir ao encontro do outro como nos desafia o Papa Francisco: “A atitude basilar de se auto-transcender, rompendo a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros”²⁶².

É necessário uma mudança de paradigma, para isso é preciso dar prioridade à educação das consciências das crianças e jovens quer “como empenhamento eclesial específico, quer dentro da própria igreja, quer como contributo à humanidade verdadeira do nosso mundo”²⁶³. É imprescindível uma educação para a interioridade que possibilite “reconduzir o homem a si mesmo, (...) reconduzi-lo à capacidade de livre responsabilidade pessoal e à sinceridade da consciência”²⁶⁴. Na escola, através da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), existe esta possibilidade real de educar para os valores da partilha.

Sophia Andresen mencionou assim a caridade: “palavra nua de Deus atravessando o espírito do homem”²⁶⁵. Nesta imagem, podemos ver que a vivência da caridade na verdade leva à pessoa a humanidade, desempenhando um papel fundamental na construção da identidade pessoal e na educação para o bem comum.

²⁵⁹ Sérgio Bestaniel, *Moralidade pessoal na história. Temas de ética social* (Lisboa: Editora Caritas Portuguesa, 2013), 141.

²⁶⁰ Papa Bento XVI, *Carta Encíclica «Deus caritas est»*, AAS 98 (2006), 28.

²⁶¹ Cf. *Ibidem*.

²⁶² Papa Francisco, *Carta Encíclica «Laudato si'»*, ASS 107 (2015), 208.

²⁶³ Bestaniel, *Moralidade pessoal na história. Temas de ética social*, 142.

²⁶⁴ *Ibidem*, 143.

²⁶⁵ Sophia de Mello Breyner, *Contos Exemplares* (Braga: Figueirinhas, 1996), 53.

Perante o problema humano dos mais frágeis, dos abandonados, dos refugiados da fome, a questão do bem comum “torna-se um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres”²⁶⁶, pelo que é imperativo inculcar nas crianças e jovens os valores da partilha.

O grande desafio será o de desenvolver na escola os valores da partilha, porque “todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um com a sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades”²⁶⁷ através da solidariedade e consequentemente do voluntariado.

A escola através da EMRC que se enquadra na área da formação pessoal e social tem um papel preponderante na educação para os valores da partilha.

3.3. Importância da solidariedade/voluntariado

A palavra solidariedade, derivada do termo *obligatio in solidum*, atribuída às responsabilidades ao indivíduo, na relação coletiva à qual pertencem. A solidariedade é uma virtude que contém os valores da partilha. Podemos dizer que solidariedade “é um serviço à pessoa humana, sobretudo à pessoa frágil. Não existe solidariedade se não se reconhecerem os valores que nela se encontram, destacando, essencialmente, a dignidade da pessoa humana, partilha, participação, justiça, respeito pelo outro, diálogo, paz, unidade, liberdade, igualdade e compromisso solidário. Os direitos das pessoas objetivam-se assim em valores e a solidariedade é profícua nesse desempenho”²⁶⁸.

É o voluntariado que vai caracterizar a solidariedade. O voluntariado é essencialmente uma postura altruísta, verdadeira e desinteressada que torna prioritário ir ao encontro do outro mais necessitado. Podemos assim dizer que o voluntariado é exercido por um conjunto de “pessoas que se comprometem de maneira desinteressada e de forma não contratual, pondo as suas capacidades e o seu tempo disponível ao serviço da sociedade”²⁶⁹. Nestas pessoas vamos encontrar um conjunto de valores, qualidades pessoais, carismas que definem o termo voluntariado:

“a) Gratuidade, que se refere às pessoas que trabalham em regime de doação gratuita, sem interesses lucrativos; b) Voluntária, as pessoas realizam uma ação livre, não obrigada; c) Organizada, geralmente,

²⁶⁶ Papa Francisco, *Carta Encíclica «Laudato si'»*, ASS 107 (2015), 158.

²⁶⁷ *Ibidem*, 14.

²⁶⁸ “Voluntariado e Solidariedade - Realidades Complementares,” *Revista Didaskalia*, vol. XXXI, fasc. 1 (2001) 128, acedido a 22 de agosto de 2018, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18559/1/V03101-125-151.pdf>.

²⁶⁹ “Voluntariado e Solidariedade - Realidades Complementares,” *Revista Didaskalia*, vol. XXXI, fasc. 1 (2001) 127.

quando se fala de voluntariado referimo-nos mais a pessoas que desenvolvem um trabalho de ajuda social, ligadas a uma organização institucionalizada, mesmo com características informais, com independência e reconhecimento público ou privado; d) Compromisso, pois assume-se um dever, com alguma atividade estável, embora o tempo ou a ação sejam reduzidos; e) Finalmente, o bem-estar da comunidade”²⁷⁰.

Esta atitude de disponibilidade de ir ao encontro das necessidades dos outros não se resume só à capacidade de partilhar os bens materiais. É fundamental que cada ser humano compreenda a disponibilidade como concretização de qualidades, de capacidades, de talentos e carismas que cada pessoa dispõe e que os mesmos foram atribuídos para os colocar ao serviço dos outros.

Na perspetiva cristã, o carisma não se resume a uma qualidade pessoal: “o carisma é uma graça, um dom conferido por Deus Pai, por obra do Espírito Santo. Trata-se de uma dádiva concedida a alguém, (...) é um presente que Deus lhe oferece para que, com a mesma gratuidade e com o mesmo amor, o possa pôr ao serviço da comunidade inteira, para o bem de todos”²⁷¹.

É nesta dinâmica relacional e desinteressada que o voluntariado concretiza a solidariedade. O voluntariado é o modo operativo do princípio da solidariedade. O voluntariado é uma exigência social para combater as imperfeições e carências estruturais e funcionais da vida social.²⁷² “A resposta às várias situações de necessidade, nas quais as pessoas se possam encontrar, sublinha o valor da solidariedade e evidencia a função dos princípios inspiradores do voluntariado”²⁷³.

A Igreja tem desempenhado um papel essencial através das várias instituições/organizações, paróquias, grupos organizados que no seu seio têm sido criadas com o objetivo de desenvolver a solidariedade através do voluntariado. As Conferências Vicentinas de São Vicente de Paulo, a Comunidade Vida e Paz e a Cáritas são algumas das organizações, que têm desenvolvido um trabalho notável junto daqueles que ninguém quer junto, dedicando-se em particular aos pobres e excluídos da

²⁷⁰ *Ibidem*, 127.

²⁷¹ “Audiência Geral, 1 de outubro de 2014,” *Vaticano*, acessado a 20 de agosto de 2018, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html.

²⁷² Voluntariado e Solidariedade - Realidades Complementares,” *Revista Didaskalia*, vol. XXXI, fasc. 1 (2001) 149.

²⁷³ *Ibidem*, 150.

sociedade, sem-abrigo ou em situação de vulnerabilidade social. Estas organizações promovem verdadeiramente a dignidade humana.

A opção pelos pobres, refugiados, excluídos da sociedade, sem-abrigo enquanto promotora do bem de todos que não exclui nem trata de forma diferente ninguém “é a opção pela justiça do bem comum, é o primeiro dever dos cidadãos para que ninguém fique à margem do bem comum, lutando para que todos tenham os meios suficientes para participar na vida da comunidade”²⁷⁴.

Incentivar as crianças e os jovens por esta opção, como exercício da caridade, é um desafio. Implica que eles aceitem partilhar as suas riquezas, mundividências e ideias com os mais necessitados e frágeis. Esta opção requer abertura ao acolhimento e responsabilização pelo outro, a exemplo de Cristo.

As experiências de voluntariado têm provocado a reflexão sobre os valores em geral na sociedade. Têm aparecido como um estímulo a uma cultura de solidariedade. Na escola, o aparecimento de desafios e experiências de partilha vão enriquecer o processo de ensino aprendizagem complementado o desenvolvimento pessoal, social e moral dos alunos, desafios e experiências de partilha pessoal, em grupo (turma), na comunidade escolar, e no exterior, comunidade em geral.

O voluntariado poderá ser um desafio e experiência de partilha na comunidade a partir da escola. Assim, a escola abre espaços de participação efetiva da e na comunidade. O envolvimento de alunos em projetos de voluntariado é especialmente enriquecedor para o desenvolvimento de competências e valores essenciais para o seu desenvolvimento integral.

O voluntariado, ou outros desafios ou experiências de partilha vai permitir a escola e aos alunos olhar ao seu redor, diagnosticar problemas, definir metas, estabelecer um plano de ação e agir. Assim, a escola abre espaços de participação efetiva da e na comunidade.

O voluntariado a partir da escola poderá ser um instrumento valioso na vivência, problematização e consolidação de valores nas crianças e jovens.

O voluntariado no seu exercício deve requerer a presença da solidariedade para transmitir esperança e otimismo ao mais necessitado. Elevar o mais necessitado ao patamar da dignidade, à mesa comum, onde ele se possa sentar e comer do mesmo pão, a partir da verdade de cada situação, das capacidades disponíveis, é o desafio.

²⁷⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Responsabilidade solidária pelo bem comum* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2003), 15.

É nesta mesa da partilha que a infinitude do amor de Deus se torna presente e preenche qualquer vida de esperança.

4. Síntese conclusiva

As profundas mudanças sociais colocam-nos perante a necessidade de formular algumas questões: Quais as finalidades da educação? Quem vai assumir a responsabilidade de educar as novas gerações? Que valores, conceção de homem e de sociedade que podemos transmitir?

Deparamo-nos com uma realidade muito constrangedora e injusta que exclui pessoas da mesa, com fome e sem qualquer horizonte de vida. Perante esta realidade, só a caridade é capaz de implementar justiça e colocar todos à volta da mesa da partilha.

A Igreja tem, na sua génese, a missão evangelizadora que a leva à denúncia das situações que colocam em causa a dignidade da pessoa humana limitam, conseqüentemente, o desenvolvimento integral da pessoa. A sua presença na escola é motivadora de mudança e colaboradora na resposta às questões levantadas.

Perante esta missão, o Magistério da Igreja esteve muito atento, ao longo da história da Humanidade, às questões sociais com um olhar cuidador, possibilitando a concretização da solidariedade e da caridade na verdade.

A Palavra de Deus é eficaz e transformadora, alicerce de todas as palavras utilizadas pelos seguidores de Jesus Cristo, empenhados em fazerem do mundo uma comunidade construída na caridade. Estas palavras anunciam o mandamento do amor e apontam para o seu cumprimento através da partilha.

A pessoa, ao tornar-se pão para os outros, consegue perceber que o verdadeiro sentido do milagre da multiplicação está na partilha. Jesus Cristo é o Pão partilhado, sempre presente, para matar a fome a toda a Humanidade.

CAPITULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 3, A PARTILHA DO PÃO, DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ocupa, no âmbito do Ensino Religioso Escolar, um lugar fundamental no sistema e processo educativo. Enquadra-se especificamente na missão da Igreja Católica de levar a todos, e a cada um, a Mensagem de plenitude em que acredita e que deve marcar o ritmo quotidiano da existência de cada um.

Como já vimos, a educação é uma das nobres tarefas que temos em mãos, sabemos que dela depende o desenvolvimento harmonioso das crianças e jovens. Esta tarefa basilar deve procurar um desenvolvimento completo da pessoa, pensar o ser humano por inteiro nas várias dimensões que o constituem.

A Escola tem a missão de ajudar os alunos a crescer de forma integral, coerente e harmoniosa. A disciplina de EMRC é uma mais-valia nesta formação holista dos alunos. Temos nas nossas salas de aula alunos inseridos num contexto próprio e com matrizes específicas que marcam, inevitavelmente, a construção da sua própria identidade. Eles vão crescendo a partir do que recebem da cultura, da educação, da sociedade e da Religião.

A disciplina de EMRC posiciona-se também como um “lugar cultural”²⁷⁵ no espaço educativo tendo como objetivo proporcionar uma educação integral que “não pode abstrair-se da dimensão moral e religiosa constitutiva da pessoa e da sua plena dignidade”²⁷⁶.

Pode-se assim dizer que a grande finalidade da EMRC é “a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida”²⁷⁷. Esta formação é promovida “a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”²⁷⁸.

Pretende-se com este capítulo, simultaneamente, dar continuidade e consistência concreta de atuação aos conteúdos abordados nos dois capítulos anteriores, bem como apresentar um conjunto de propostas pedagógico-didáticas para a lecionação da unidade

²⁷⁵ Deolinda Serrelheiro, *O Ato Educativo Religioso e Moral* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1996), 60.

²⁷⁶ Deolinda Serrelheiro, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa* (Lisboa: Editora Reis dos Livros, 1990), 19.

²⁷⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 8.

²⁷⁸ *Ibidem*.

letiva “A Partilha do Pão”, que integra o programa curricular de EMRC do sexto ano de escolaridade.

1. A experiência pedagógica e didática

A caracterização da escola e da turma, o conhecimento das características das idades escolares e a escolha de metodologias de ensino vão permitir uma ação educativa mais orientada e consequentemente mais eficaz, uma vez que as crianças e jovens são o centro e o mais importante de todo o processo educativo.

1.1. A criança entre os 10 e os 12 anos

Jean Piaget, psicólogo suíço, defendia que o desenvolvimento mental implicava importantes mudanças qualitativas, havendo uma progressão ordenada do intelecto humano à medida que a criança se torna adulta.²⁷⁹ Ele propôs a existência de seis estádios de desenvolvimento intelectual “cujo ímpeto geral se orienta para a crescente emancipação do «aqui-e-agora» do presente concreto e imediato para uma conceção do mundo em termos progressivamente simbólicos e abstratos”²⁸⁰.

Estes estádios ou períodos de desenvolvimento são: “1.º O estádio dos reflexos, ou montagens hereditárias (...); 2.º O estádio dos primeiros hábitos motores e das primeiras percepções organizadas (...); 3.º O estádio da inteligência sensório-motora ou prática. (...) Estes três primeiros estádios constituem o período do bebé até cerca de um ano e meio a dois anos (...); 4.º O estádio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto (dos dois aos sete anos); 5.º O estádio das operações intelectuais concretas e dos sentimentos morais e sociais de cooperação (dos sete aos onze, doze anos); 6.º O estádio das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos (adolescência)”²⁸¹.

Os limites etários são muitos aproximados e tem-se considerado que os estádios sucessivos se sobrepõem e combinam entre si.²⁸²

Segundo a teoria cognitiva de Piaget dos seus seis estádios de desenvolvimento, os alunos do sexto ano de escolaridade situam-se no quinto estádio, o estádio das

²⁷⁹ Henry Gleitman, *Psicologia* (Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 1996), 594.

²⁸⁰ Gleitman, *Psicologia*, 595.

²⁸¹ Jean Piaget, *Seis Estudos de Psicologia* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983), 14.

²⁸² Cf. Gleitman, *Psicologia*, 595.

operações intelectuais concretas (dos sete aos doze anos), embora alguns já possam apresentar características do sexto estágio, o estágio das operações intelectuais abstratas (dos onze aos quinze anos).

As crianças com idades compreendidas entre os dez e os doze anos estão no período do fim da infância e início da adolescência. “A adolescência é, pois um crescer para a maturidade humana, (...) a nível orgânico, psicológico e social”²⁸³ que leva a criança a uma transição para a vida adulta. Podemos considerar que nesta faixa etária dos onze, doze anos aos dezanove, vinte anos existem três fases: fase inicial (puberdade ou pré adolescência), fase intermédia (adolescência propriamente dita) e fase final (juventude).²⁸⁴ Verifica-se que “em cada uma delas a ideia de transição determina profundamente a personalidade da criança”²⁸⁵.

Importa-nos a fase inicial dos onze aos catorze anos, onde se inserem alguns alunos do sexto ano de escolaridade. Nesta fase, realça-se uma transformação mais ou menos acelerada devido à maturação física e sexual no que toca às suas características primárias e secundárias. “É possível distinguir três estádios distintos: pré-puberdade, puberdade; pós-puberdade”²⁸⁶. As transformações corporais vão criar uma instabilidade na criança, manifestando-se muitas vezes de “uma maneira agressiva e impetuosa, na busca e na afirmação da sua própria identidade”²⁸⁷. Esta instabilidade cria “sentimentos de infelicidade, de angústia, de stress que se encontram em íntima relação com os seus fracassos no relacionamento heterossexual, com a impossibilidade de realizar os seus idealismos desmedidos e inconsistentes, com a falta de status, com os seus problemas de adaptação, emoções, pressões sociais e carências quanto à satisfação das suas necessidades físicas, biológicas e afetivas fundamentais”²⁸⁸.

A instabilidade vai provocar quebras no rendimento escolar, devido às alterações no seu equilíbrio afetivo e dificuldades no seu relacionamento social.²⁸⁹

Um aspeto muito importante que se deve ter em conta no processo ensino aprendizagem é a diferença de maturidade das raparigas para os rapazes. A rapariga tem um avanço em relação ao rapaz em cerca de um ano.²⁹⁰

²⁸³ José Tavares e Isabel Alarcão, *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. (Coimbra: Livraria Almedina, 1985), 39.

²⁸⁴ Cf. Tavares e Alarcão, *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*, 39.

²⁸⁵ *Ibidem*.

²⁸⁶ *Ibidem*, 41.

²⁸⁷ *Ibidem*, 42.

²⁸⁸ *Ibidem*.

²⁸⁹ Cf. *Ibidem*.

²⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 41.

No entanto, nem todas as crianças do sexto ano de escolaridade, com as idades compreendidas entre os onze e doze anos, se encontram na pré-adolescência. A maior parte delas ainda se encontra no estágio das operações intelectuais concretas e dos sentimentos morais e sociais de cooperação.

Ao observar todas estas fases do desenvolvimento, a escola é uma experiência educativa importante. O segundo ciclo, no sexto ano de escolaridade, representa, para a maioria das crianças, uma fronteira, uma vez que entram num novo estágio de desenvolvimento.

O período de crescimento da criança antes da pré-adolescência é mais lento. A alteração da estatura, “forma e maturação corporais é provocada pelos genes, pela nutrição, pela família e pela própria estrutura da sociedade”²⁹¹. Isto talvez porque a criança nesta fase, no segundo ciclo, ocupa cada vez menos o tempo a praticar desporto e atividade ao ar livre. O currículo exige mais tempo dentro da sala de aula, logo menos tempo livre.

Nesta fase, parece não haver diferenças relativamente às potencialidades motoras entre rapazes e raparigas e as que possam existir derivarão de fatores genéticos, de maturação e ambientais, e não propriamente da especificidade sexual.²⁹²

Do ponto de vista intelectual, é a etapa das operações concretas: a sua consciência é formada por factos e objetos concretos, mas começa a preparar-se para elaborar ideias e a pensar em abstrato, manifestando sinais de espírito crítico, rebeldia e desejo de independência. Este período na criança representa uma reviravolta importante no desenvolvimento mental, pois a entrada no estágio das operações concretas permite-lhe pensar logicamente e fazer julgamentos morais com mais sentido.²⁹³

Nesta fase, as crianças aprendem com alguma facilidade e rapidez os conteúdos trabalhados na escola, mas também manifestam uma relativa capacidade em memorizar músicas, partes de livros ou filmes.²⁹⁴

O pensamento na criança deixa de ser tão intuitivo e egocêntrico para passar a ser mais lógico. A criança começa a solucionar problemas concretos e a desenvolver e a assimilar os assuntos de acordo com experiências específicas do dia a dia.²⁹⁵

²⁹¹ José Tavares et al., *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem* (Porto: Porto Editora, 2007), 58.

²⁹² José Tavares et al., *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*, 58.

²⁹³ Jean Piaget, *Seis Estudos de Psicologia*, 59.

²⁹⁴ José Tavares et al., *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*, 59.

²⁹⁵ Cf. *Ibidem*.

O raciocínio lógico é utilizado para identificar diferenças ou semelhanças entre objetos, coisas, entre eles, pois a criança concentra-se primeiro num aspeto de um determinado objeto e depois noutro.²⁹⁶ Neste sentido, “o pensamento da criança começa a organizar-se em estruturas de conjunto e o seu raciocínio torna-se reversível, flexível e consideravelmente mais complexo”²⁹⁷.

Este período é conhecido particularmente “pelo desaparecimento progressivo do sincretismo, pela entrada em ação da autodisciplina mental e pelo aparecimento do pensamento categorial propriamente dito (comparações, distinções, assimilações sistemáticas e coerentes, etc.)”²⁹⁸.

A nível social, a criança que era o centro do mundo, voltada sobre si mesma, abre-se agora ao mundo exterior. Toma consciência do seu ser social e começa a progredir no seu interesse pelos outros. Começa a brincar com outras crianças, implementando regras aprendidas com as crianças imediatamente mais velhas.²⁹⁹ Uma vez que ainda não controla suficientemente a cooperação com os pares, as regras, nesta fase, são consideradas como algo “sagrado” e imutável, situação que se deve ao facto da criança necessitar da segurança que a regra lhe dá como necessitava da segurança do adulto.³⁰⁰

A criança vai ganhando confiança e segurança nas brincadeiras e conseqüentemente na relação com os seus pares, “as regras perdem seu carácter inquestionável e progressivamente sua utilização vai se flexibilizando”³⁰¹. A partir dos dez, onze anos, as regras vão perdendo o seu carácter imutável.³⁰² Com estes pequenos passos na relação com os outros, vai acontecendo o desenvolvimento moral. Nota-se claramente o desenvolvimento da autonomia através da relação ou cooperação com os pares. Desta forma, descobrem o valor moral das regras e desenvolvem o sentido da solidariedade, dos valores humanos, do gosto de ajudar o próximo.

A criança, a partir dos seis, sete anos, adquire um reconhecimento autónomo da obrigação moral, do dever, embora só na adolescência se manifeste uma verdadeira autonomia moral, marcada pela reciprocidade, pela cooperação e pelo respeito mútuo.³⁰³

²⁹⁶ Cf. *Ibidem*.

²⁹⁷ *Ibidem*.

²⁹⁸ Tavares e Alarcão, *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*, 61.

²⁹⁹ Cf. António Ávila, *Para conhecer a Psicologia da Religião* (São Paulo: Edições Loyola, 2007), 207.

³⁰⁰ Cf. Ávila, *Para conhecer a Psicologia da Religião*, 208.

³⁰¹ *Ibidem*.

³⁰² Cf. *Ibidem*.

³⁰³ Cf. Isabel Matta, *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem* (Lisboa: Universidade Aberta, 2001), 298-299.

Nesta idade, a criança, no seu desenvolvimento, adquire a capacidade de reciprocidade, de se colocar no lugar do outro.³⁰⁴ Pode-se assim dizer que se dá a passagem de uma moral da coação, da obediência, para uma moral de cooperação com os outros.³⁰⁵

A nível religioso, quando a criança aumenta a responsabilidade perante o outro, também a aumenta perante Deus. Consequentemente, leva a aumentar a consciência e o desejo de uma relação pessoal com Ele. Nesta etapa, podemos assistir a “decisões sérias de viver como Jesus e de cumprir a sua vontade”³⁰⁶.

Esta fase dos dez, doze anos, é denominada de religiosidade convivencial,³⁰⁷ “é uma religiosidade responsável que nasce da consciência social e do convívio resultante de uma educação de grupo e que estrutura hábitos religiosos e capacidade de ação religiosa: fazer o bem, juntos”³⁰⁸.

1.2. A Aprendizagem Cooperativa

A disciplina de EMRC pode ter um papel preponderante na transformação e modificação de comportamentos nos alunos através da aquisição de valores e práticas que levem o aluno à descoberta do outro, valorizando-o. Parece-me pertinente que educar para os valores, abordando questões como a indiferença perante a pobreza, a fome, os refugiados, o outro em geral, ganha particular relevância a aprendizagem cooperativa, entendida segundo José Lopes e Helena Silva, como uma estratégia em que os alunos se ajudam mutuamente na aprendizagem, agindo como parceiros entre si e com o professor.³⁰⁹

A aprendizagem cooperativa permite, de forma significativa e adequada para os tempos de hoje, o desenvolvimento das competências cognitivas e sociais. Segundo Nuno Bessa e Anne-Marie Fontaine, é caracterizada pela divisão da turma em grupos de quatro a cinco elementos, para obter uma heterogeneidade de todos os elementos e permitir que os alunos desenvolvam atividades de forma conjunta, levando-os a adquirir competências cooperativas que poderão ser utilizadas no dia a dia.³¹⁰ Este sistema de ensino promove nos alunos responsabilidade, cooperação, autonomia, espírito crítico e

³⁰⁴ Cf. Ávila, *Para conhecer a Psicologia da Religião*, 208.

³⁰⁵ Cf. *Ibidem*.

³⁰⁶ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Guia do Catequista do 6º Ano* (Lisboa: SNEC, 2012), 22.

³⁰⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Guia do Catequista do 6º Ano*, 23.

³⁰⁸ *Ibidem*, 23.

³⁰⁹ José Lopes e Helena Santos Silva, *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Um Guia Prático para o Professor* (Lisboa: LIDEL, 2009).

³¹⁰ Cf. Bessa e Fontaine, *Cooperar para aprender. Uma introdução à aprendizagem cooperativa*, 44.

solidariedade. Para além da aprendizagem dos conteúdos normais, é importante desenvolver nas crianças e jovens valores que norteiem a sua intervenção na sociedade. Assim, “a par do domínio de conhecimentos e de preparação técnica, a sociedade em geral, e o mercado de trabalho em particular, esperam que a escola habilite os jovens com competências que lhes possibilitem trabalhar em equipa, intervir de uma forma autónoma e crítica e resolver problemas de uma forma colaborativa”³¹¹.

A aprendizagem cooperativa é um processo ou atividade que privilegia a diversidade dos alunos dentro de uma turma, permitindo uma aprendizagem individualizada, afastando assim a competição da aprendizagem individualista. Esta forma de interação das crianças e jovens dentro da sala de aula diferencia a aprendizagem cooperativa da aprendizagem tradicional.

Podemos dizer que “a aprendizagem cooperativa é uma metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objeto”³¹².

Os professores José Lopes e Helena Silva elencam os seis pontos mais importantes da aprendizagem cooperativa:

- “1. A aprendizagem é um processo inerentemente individual, não coletivo, que é influenciado por uma variedade de fatores externos, incluindo as interações em grupo e interpessoais.
2. As interações em grupo e interpessoais envolvem um processo social na reorganização e na modificação dos entendimentos e das estruturas de conhecimento individuais e, portanto, a aprendizagem é simultaneamente um fenómeno privado e social.
3. Aprender cooperativamente implica na troca entre pares, na interação entre iguais e no intercâmbio de papéis, de forma que diferentes membros de um grupo ou comunidade podem assumir diferentes papéis (aprendiz, professor, pesquisador de informação, facilitador) em momentos diferentes, dependendo das necessidades.
4. A cooperação envolve sinergia e assume que, de alguma maneira, o todo é maior do que a soma das partes individuais, de modo que aprender, desenvolvendo um trabalho cooperativamente, pode produzir ganhos superiores à aprendizagem solitária.
5. Nem todas as tentativas de aprender cooperativamente serão bem-sucedidas, já que, sob certas circunstâncias, pode levar à perda do processo, falta de iniciativa, mal-entendidos, conflitos, e descrédito: os benefícios potenciais não são sempre alcançados.
6. Aprendizagem cooperativa não significa necessariamente aprender em grupo, implicando na possibilidade de poder contar com outras

³¹¹ Lopes e Silva, *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Um Guia Prático para o Professor*, IX.

³¹² *Ibidem*, 4.

peessoas para apoiar sua aprendizagem e dar retorno se e quando necessário, no contexto de um ambiente não competitivo”³¹³.

Contrariando as metodologias tradicionais do processo de ensino-aprendizagem, baseadas numa aprendizagem individual, em que as atividades dependem apenas do rendimento pessoal, a metodologia da aprendizagem cooperativa passa por uma interação de aprendizagens partilhadas.

Para que a aprendizagem cooperativa ocorra de forma efetiva e cumpra o objetivo de contribuir para o sucesso das diferentes crianças e jovens, não basta colocá-los a trabalhar em grupos. Primeiro, é preciso ensiná-los a trabalhar em grupo e a descobrir o valor do trabalhar agrupado. Para que o trabalho em grupo seja cooperativo, destacam-se cinco características essenciais: “a interdependência positiva; a responsabilidade individual e de grupo; a interação face a face; as competências sociais; o processo de grupo ou avaliação do grupo”³¹⁴. No seu todo, vão fazer com que o grupo funcione e faça aprendizagem, mas é preciso destacar a última característica como motor da funcionalidade do grupo.

Como já foi referido, uma componente importante da aprendizagem cooperativa é a interdependência do grupo no atingir de objetivos. Todos têm que estar conscientes que atingir os seus próprios objetivos depende dos outros membros conseguirem os deles. Cada elemento do grupo não pode ter sucesso sem os outros. “Qualquer equipa tem de se organizar no sentido que todos os seus elementos sintam que a sua atuação tem de ser útil, para eles e para o grupo”³¹⁵.

Isto leva a que exista interdependência entre as crianças e os jovens. Para reforçar a interdependência, todos os elementos do grupo têm de ter tarefas bem definidas, serem responsáveis e, principalmente, perceberem que, se falharem, falha o grupo. A interdependência cria experiências de trabalho em conjunto, em pequenos grupos, em que se repartem recursos, se apoiam, se rentabilizam e partilham aprendizagens. “Num grupo de aprendizagem esta componente é fundamental. Não há aí lugar para quem trabalhe e para quem veja trabalhar. Todos os elementos do grupo devem ter tarefas destinadas e serem responsáveis por elas, percebendo que se falharem não são eles que falham, mas o grupo”³¹⁶.

³¹³ *Ibidem*, 4-5.

³¹⁴ *Ibidem*, 15.

³¹⁵ Cf. Luísa Varela de Freitas e Cândido Varela de Freitas, *Aprendizagem Cooperativa* (Lisboa: Edições ASA, 2003), 26.

³¹⁶ Freitas e Freitas, *Aprendizagem Cooperativa*, 26.

A responsabilidade quer individual ou de grupo assume um papel muito importante na aprendizagem cooperativa quando cada elemento do grupo se sente responsável pelas aprendizagens definidas para esse grupo. “A responsabilidade individual implica que cada elemento seja avaliado e que o grupo saiba que a sua avaliação é o resultado dessas avaliações individuais”³¹⁷. Existem vários procedimentos que o professor pode utilizar para desenvolver a responsabilidade individual e de grupo:

“1. Formar grupos pequenos; 2. Haver testes individuais; 3. Colocar questões a elementos do grupo ao acaso; 4. Observar de forma sistemática o trabalho dos grupos; 5. Existir no grupo o papel de verificador da aprendizagem; 6. Os alunos ensinam uns aos outros o que aprenderam”³¹⁸.

O grupo deve assumir a responsabilidade por alcançar os seus objetivos, e cada membro deve ser responsabilizado por cumprir com a sua parte para o trabalho comum levando a que “ninguém pode aproveitar-se do trabalho dos outros”³¹⁹.

A falta de competências sociais é um dos motivos que contribui para o baixo rendimento escolar e a descontextualização das crianças e jovens na escola, pois quanto maior for o nível das competências sociais atingidas por cada elemento do grupo, maior será o aproveitamento do grupo cooperativo. Neste sentido, consideramos importante a proposta das aprendizagens cooperativas na escola para o desenvolvimento dos valores da partilha, com vista a aprendizagens significativas de conteúdos do currículo instituído ao mesmo tempo que se estimula o desenvolvimento de competências sociais e vice-versa.

Por último, um outro elemento fundamental da aprendizagem cooperativa é a avaliação do processo de trabalho do grupo. Como já foi referido, a avaliação é o motor da funcionalidade do grupo. Como em qualquer processo de ensino-aprendizagem, também na aprendizagem cooperativa, o professor e os alunos devem-se debruçar sobre a avaliação.

A avaliação serve para ajudar os alunos a distinguir comportamentos e atitudes negativos e prejudiciais ao bom funcionamento do grupo e a decidir novos comportamentos a adotar para melhorar o andamento do grupo.

³¹⁷ *Ibidem*, 29.

³¹⁸ *Ibidem*, 29-30.

³¹⁹ Lopes e Silva, *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Um Guia Prático para o Professor*, 17.

É necessário que o professor estruture uma aprendizagem proporcionadora de uma avaliação real e justa do processo.³²⁰ Segundo os professores Luísa Freitas e Cândido Freitas devem ser considerados cinco requisitos essenciais:

“1. Avaliação das interações no grupo; 2. Feedback constante; 3. Tempo para reflexão; 4. Avaliação do processo em grupo turma; 5. Demonstração de satisfação pelos progressos”³²¹.

Neste processo tão importante de avaliação do grupo, e para que a aprendizagem melhore de forma sustentada, segundo Lopes e Silva, é fundamental que “os alunos analisem cuidadosamente a forma como estão a trabalhar juntos e como podem aumentar a eficácia do grupo”³²².

Compreender o que significa a interdependência, a interação, a responsabilidade individual e de grupo, o desenvolvimento das competências sociais e a avaliação do grupo, vai permitir uma aprendizagem cooperativa de sucesso.

As crianças e os jovens beneficiam a vários níveis com o trabalho em grupo: ao nível dos resultados do trabalho que são superiores ao trabalho individual, por resultarem de uma partilha de saberes e saberes-fazer; ao nível da motivação para a aprendizagem; ao nível da aprendizagem de papéis e habilidades sociais necessárias à atividade partilhada; ao nível das aprendizagens específicas e do desenvolvimento do raciocínio.

O trabalho em pequenos grupos vai para além das simples aprendizagens dos conteúdos ou dos procedimentos de resolução de tarefas, vai proporcionar uma aprendizagem entre pares e desenvolver a partilha a todos os níveis entre eles.

Esta teoria, na prática, ajuda a recuperar o sentido social da educação na medida em que os alunos são educados na convicção de que podem colocar as suas qualidades e aptidões ao serviço dos outros. Ao prestar um serviço no pequeno grupo da sala de aula, no grupo turma, nos grupos da escola, na comunidade, ao ajudar os outros, as crianças e jovens encontram sentido para o que estudam porque aplicam os seus conhecimentos e aptidões numa prática solidária.

³²⁰ Freitas e Freitas, *Aprendizagem Cooperativa*, 34.

³²¹ *Ibidem*.

³²² Lopes e Silva, *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Um Guia Prático para o Professor*, 19.

1.3. O perfil do professor

O papel do professor está associado a uma sequência de responsabilidades, onde, por meio de sua atuação, é possível mediar o conhecimento formal. Este mundo contemporâneo requer o professor como educador. O ensino não está imune às mudanças económicas, sociais, políticas, culturais neste mundo globalizado e tecnológico. O professor ocupa uma posição estratégica e sensível na sociedade influenciada pela relação entre a sua função, o desenvolvimento e as constantes alterações sociais.³²³

Em comparação com outras profissões que só lidam com um cliente de cada vez, os professores lidam “face a face, com inúmeros alunos em simultâneo, estando constantemente «em cena» perante um público cujas características e comportamentos são a maior parte das vezes desconhecidos e imprevisíveis”³²⁴.

A escola depara-se atualmente com uma diversidade cultural, à qual tem dificuldade em responder, estando o professor desafiado a desempenhar a sua função nestes contextos educacionais complexos e multiculturais desejando ser capaz de lidar eficazmente com todo o tipo de crianças e jovens.³²⁵ Por isso, o docente defronta-se sempre com a exigência de ter uma “preparação elevada e demonstrando conhecimentos tanto ao nível de matérias específicas como de pedagogia”³²⁶. Desta forma, os professores competentes são aqueles “estão familiarizados com o conjunto de conhecimentos existente relativo ao ensino, que estão dotados de um repertório de práticas eficazes, que têm atitudes de reflexão e de resolução de problemas e que consideram o processo de aprender a ensinar um processo para toda a vida”³²⁷.

Neste complexo mundo de educar e aprender, segundo Roberto Carneiro no prefácio do livro *O Professor do Futuro*,³²⁸ “estimular, motivar, reconhecer, encorajar, a aventurar-se a ir sempre mais além, a olhar alto, e a varrer novos horizontes é a tarefa mais nobre com que se defrontam os educadores do presente e do futuro. (...) Educar não é mais do que a arte de seduzir”³²⁹. O professor é incontestavelmente um modelo de conduta e de civismo para os alunos. “Todos nós guardamos referências de educadores

³²³ Cf. Jorge Lima, “O papel do professor nas sociedades contemporâneas,” *Educação, Sociedade & Culturas* 6 (1996): 50.

³²⁴ Lima, “O papel do professor nas sociedades contemporâneas,” 50.

³²⁵ Cf. Richard Arends, *Aprender a ensinar* (Alfragide: Editora McGraw-Hill de Portugal, 1997), 27.

³²⁶ Arends, *Aprender a ensinar*, 27.

³²⁷ *Ibidem*.

³²⁸ Jorge Rio Cardoso, *O Professor do Futuro* (Lisboa: Guerra & Paz, 2013).

³²⁹ Cardoso, *O Professor do Futuro*, 21.

que nos marcaram para toda a vida pelos seus valores de cidadania e testemunho de probidade moral e intelectual”³³⁰.

Ser professor é uma profissão única e insubstituível. É ela que torna as outras profissões possíveis. Por isso mesmo, ser professor “envolve uma profunda generosidade perante o social”³³¹. A um bom professor assiste-lhe a característica da generosidade e humildade face à educação. Perante o saber e o conhecimento que tem e pretende alcançar, partilha-o com grande humildade e integridade. “É necessário muito voluntarismo alimentado pelo desejo de perfeição; é necessário compreender que aprender a ensinar consiste num processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida”³³².

Ao professor, independentemente do nível que leciona, das matérias específicas ou do tipo de escola em que trabalha é exigido o desempenho de três importantes funções: executivo, interativo e organizacional. A função executiva está relacionada com o papel de liderança do professor em contexto de sala de aula desde a gestão de recursos e o estímulo motivacional; a função interativa é referente aos métodos e procedimentos utilizados na constante interação pedagógica com os alunos; e a função organizacional refere-se ao trabalho do professor na comunidade, todos os seus agentes.³³³

A relação entre o professor e o aluno e a relação entre os próprios pares é um dos elementos essenciais na prática docente, por isso, assume preponderância na criação de um ambiente de aprendizagem, o clima relacional. Isto porque, por mais cumpridores que os professores sejam, há sempre um espaço reservado para o denominado currículo informal ou oculto, que vai mais além do previsto no currículo oficial. O professor deve saber adaptar-se aos alunos, colocando-se a seu lado, na sua pele, para melhor lhe detetar os problemas, as indagações e as dificuldades. Deve ter a noção de que a educação é muito pessoal, porque cada criança e jovem é irrepetível. Por isso, deve privilegiar uma relação tu a tu, ou seja, face a face como forma de enriquecimento mútuo entre os alunos e o educador.

O professor deve saber despertar consciências, o que significa ir ao encontro das capacidades de cada criança e jovem, nunca descurando o conceito de liberdade e de responsabilidade perante eles. Ou seja, tratando todos os educandos com igual

³³⁰ *Ibidem*, 25.

³³¹ *Ibidem*, 37.

³³² Arends, *Aprender a ensinar*, 19.

³³³ Cf. Arends, *Aprender a ensinar*, 14-17.

consideração e respeito, e ao mesmo tempo procurando dar resposta às suas necessidades.

O perfil do professor nas escolas públicas, em Portugal, está descrito no Decreto-Lei 240/2001,³³⁴ de 30 de agosto, e reafirmado pelo Despacho nº 16034/2010.

Ao professor, neste Decreto-Lei, que fixa o perfil geral de desempenho do educador de infância e dos professores do ensino básico e secundário, é-lhe exigido que seja um profissional caracterizado por quatro dimensões essenciais: dimensão profissional, social e ética; dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade; dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.³³⁵

O perfil do professor de Educação Moral Religiosa Católica não foge ao anteriormente referido, mas são-lhe solicitados mais alguns requisitos próprios decorrentes da disciplina que leciona pelo carácter específico que ela apresenta.

O professor de Educação Moral e Religiosa Católica é, no ambiente da escola, o responsável pela promoção do diálogo entre a Igreja e o mundo, apresentando uma atitude de serenidade, de esperança, de alegria, sobretudo nestes tempos tão difíceis e cheios de contrariedades e problemas para as crianças e jovens.

"Sendo um mestre e um educador, o professor de EMRC sabe que o seu trabalho tem a dimensão de uma vocação que é o chamamento de Deus a um compromisso e a uma plenitude de vida. (...) É uma vocação que possui muito de generosidade e doação, pois a sua tarefa é sobretudo dar"³³⁶.

Pode-se dizer que o perfil do professor de EMRC vem da dimensão vocacional, no amor a Deus e no serviço ao outro. O trabalho do professor de EMRC deve ser imbuído de generosidade, gratuidade, doação, interesse por cada criança e jovem. O carácter missionário desta profissão/vocação leva o professor a ir ao encontro do outro, e do outro que precisa.

Por isso, uma relação pedagógica de qualidade é a solução para que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica possa cumprir a sua missão de acompanhar as crianças e os jovens no seu percurso, dando-lhes critérios de discernimento que os possam ajudar a fazer as suas opções e a crescer enquanto pessoas.

³³⁴ "Decreto-Lei n.º 240/2001", *Diário da República*, 1.ª Série A, n.º 201/2001, de 30 de agosto de 2001, acedido em 25 de agosto de 2018, <https://dre.pt/pesquisa/-/search/631837/details/maximized>.

³³⁵ Cf. "Decreto-Lei n.º 240/2001."

³³⁶ Moita, "A missão do professor de EMRC no contexto escolar atual," 67.

Mas tais características só são possíveis quando existe uma identificação com o magistério da Igreja e, ao mesmo tempo, se é portador de uma maturidade cristã que tem reflexo na vida e na escola.

Para além de ser colocado pelo Ministério da Educação e Ciência, de acordo com condições legais de qualificação científica e pedagógica e ser atestada a sua idoneidade por um bispo Diocesano, o professor de EMRC, segundo a Conferência Episcopal Portuguesa, deve ter as seguintes características:

“o jeito e gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino”³³⁷.

No entanto, para os bispos portugueses, ainda há mais requisitos que devem ser assegurados. Cada professor “deve sentir-se responsável pelo empenho no progresso da sua própria qualificação, no aperfeiçoamento do seu ensino, na coerência do testemunho cristão e na fidelidade à Igreja”³³⁸.

À sua função profissional, o docente de EMRC deve reunir valores que testemunhem, pela sua presença, a fé cristã. Por isso, a Igreja apresenta o professor como aquele que tem autoridade “pelo que ele vive e faz e não só pelo que diz”³³⁹. A Conferência Episcopal Portuguesa considera que “o ser é o processo mais eficaz e o suporte didático mais autêntico do aprender a ser. (...) O testemunho da vida é a forma simples e espontânea de irradiar valores e a credencial das palavras que se comunicam”³⁴⁰. Para a Igreja, o professor de EMRC é um educador cristão, que “participa, por inerência, da missão santificadora e educativa da Igreja”³⁴¹.

O desafio será um compromisso sério por parte do professor de EMRC perante a missão educativa que lhe está atribuída pela Igreja, daí a importância de cada professor possuir o perfil adequado para que possa realizar um bom serviço em prol da educação.

³³⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 5.

³³⁸ *Ibidem*.

³³⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação: Direito e dever - missão nobre ao serviço de todos* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002), 14.

³⁴⁰ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação: Direito e dever - missão nobre ao serviço de todos*, 14.

³⁴¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *A Escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, 20.

1.4. Apresentação da Escola

O Agrupamento de Escolas Emídio Garcia sucedeu ao Liceu de Bragança, que passou por várias designações desde a sua fundação em 1853, o Antigo Liceu Nacional de Bragança.³⁴²

O patrono é Manuel Emídio Garcia, uma figura proeminente da cultura e da política nacional, na segunda metade do século XIX. Nasceu em Bragança, em 6 de janeiro de 1838, onde realizou os seus estudos preparatórios.³⁴³ Matriculou-se em Coimbra, onde defendeu a tese e recebeu o grau de direito. O seu republicanismo veio a ser homenageado pelos bragançanos que deram o seu nome ao liceu em 1911³⁴⁴ e, “em 2003, o busto da autoria de Leopoldo de Almeida é colocado na escola”³⁴⁵.

Esta escola de Bragança é o estabelecimento de ensino mais antigo da cidade, sendo “alfobre de muitos governantes dados ao país. Outras escolas viveram na sua esteira, satisfazendo as necessidades da sua população e de outros espaços urbanos circunvizinhos. Suprindo o desejo de manter a cidade com uma escola de Artes e Ofícios, é instalada a Escola Industrial e Comercial, hoje denominada de Abade de Baçal, a par de outra escola de ensino secundário com o nome de um patrono transmontano, Miguel Torga. Abrindo as portas para os jovens que concluíram a instrução primária, é a vez da Escola Augusto Moreno iniciar a sua atividade, indo ocupar o espaço vago pelo liceu, na vetusta Praça da Sé. Nos anos oitenta do século passado, em edifício de raiz, com a população em nítido crescimento, abre as portas à lecionação a Escola Paulo Quintela”³⁴⁶.

O concelho de Bragança, situado no extremo nordeste do país, tem uma área de cerca de 1182 km² e aí vivem 37170 habitantes, desigualmente repartidos por freguesias constituídas por 120 povoações.³⁴⁷ “Mais de setenta por cento habitam a sede do concelho e nos seus arredores residem e labutam os que teimaram recolher da terra o produto do seu esforço, rejeitando a agressividade de um clima rigoroso, de Invernos longos e muito frios que dificultam a existência de idosos e de uma juventude que no seu quotidiano procura nas Escolas do concelho o aconchego, a paz e o saber que um dia será o instrumento maior para uma vida menos agreste”³⁴⁸.

³⁴² Cf. “Projeto Educativo,” 10, acessido a 24 de agosto de 2018, http://www.aeemidiogarcia.pt/images/DocsOrientadores/Projeto_Educativo__Atualizado_em_20_08_2018.pdf.

³⁴³ Cf. “Projeto Educativo,” 12.

³⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 12-13.

³⁴⁵ *Ibidem*, 13.

³⁴⁶ *Ibidem*, 11.

³⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 7.

³⁴⁸ *Ibidem*, 7-8.

Apesar da população em termos socioeconómicos ser heterogénea, esta é constituída por uma diversidade de raças e de etnias que a tem tornado multicultural. “Assim sendo, o agrupamento vê-se obrigado a oferecer alternativas ao currículo tamanho único, no segundo e terceiro ciclos, bem como, no ensino secundário”³⁴⁹, levando ao alargamento da oferta formativa, o que originou a criação de cursos profissionais, cursos de educação e formação e, mais recentemente, os cursos vocacionais que proporcionam a formação necessária para a aquisição de valores, nomeadamente, do voluntariado, solidariedade e intervenção cívica – áreas em que o agrupamento se tem destacado.³⁵⁰

O documento *Projeto Educativo de Agrupamento*,³⁵¹ que a escola apresenta, pretende estabelecer prioridades capazes de responder de forma eficaz e racional à conjuntura social e aos desafios académicos e culturais que se colocam aos diferentes atores do sistema educativo. Este projeto visa privilegiar uma escola de relações humanas, ecológica e plural, onde cada membro se sinta parte integrante e com responsabilidade de desenvolver as suas competências de acordo com as suas circunstâncias decorrentes do tempo e do espaço em que se situa.³⁵² Para isso, a escola definiu três princípios: princípio da cidadania atuante, em que cada membro da comunidade educativa participe e transforme a sua realidade e o bem estar dos outros; princípio da corresponsabilidade, no qual cada indivíduo deve desempenhar devidamente a sua função, e ainda o princípio da (auto) – regulação, ou a capacidade de cada indivíduo ser reflexivo sobre as suas práticas e de criar mecanismos sobre a sua automotivação que ajudam à concretização dos seus objetivos/metast.³⁵³

A escola propõe a concretização destes princípios através do diálogo institucional e da cooperação entre os órgãos do agrupamento. Não podemos deixar de apontar que esta escola tem relações com muitas instituições da cidade de Bragança, que vão desde a política, à economia, à saúde, à solidariedade, à Igreja, etc.³⁵⁴

No que respeita ao sucesso educativo na escola e no segundo ciclo, que é o que interessa neste trabalho, "nos últimos anos o sucesso educativo ronda os noventa por cento, considerando-se um valor bastante satisfatório atendendo aos fatores da

³⁴⁹ *Ibidem*, 19.

³⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 14.

³⁵¹ “Projeto Educativo,” acedido a 24 de agosto de 2018, http://www.aemidiogarcia.pt/images/DocsOrientadores/Projeto_Educativo__Atualizado_em_20_08_2018.pdf.

³⁵² Cf. *Ibidem*, 19.

³⁵³ Cf. *Ibidem*, 20-21.

³⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 14-18.

interioridade e às variáveis que condicionam o processo de aprendizagem sem que, no entanto, a escola as possa controlar dado serem externas à mesma.”³⁵⁵.

O Agrupamento de Escolas Emídio Garcia foi criado a 28 de junho de 2012, num contexto a nível nacional muito específico, justificado pelos índices demográficos preocupantes que afetaram os níveis de frequência de todas as escolas, com algumas a extinguirem-se e outras a agruparem-se.³⁵⁶ A Escola Emídio Garcia integrou a Escola Paulo Quintela e algumas do primeiro ciclo, constituindo uma população que ultrapassa os dois mil alunos.³⁵⁷

A Escola Paulo Quintela foi onde se desenvolveu a Prática Supervisionada.

Fazendo uma breve resenha histórica, a escola iniciou a sua atividade no ano letivo de 1983/1984, como Escola Preparatória, lecionando apenas os quintos e sextos anos de escolaridade. Só em 1991/1992 foi alargada ao sétimo ano e, no dia 1 de setembro de 1997, passou a EB2,3 estendendo a sua atividade letiva ao nono ano.³⁵⁸

Em 2003, sofreu obras de ampliação e remodelação, tornando-a como hoje a conhecemos. O nome da escola foi uma homenagem ao ilustre brigantino Paulo Manuel Pires Quintela.

Atualmente, a Escola Paulo Quintela regressou às origens, lecionando, como outrora, apenas os quintos e sextos anos de escolaridade.³⁵⁹ “É um espaço aprazível e bem organizado, onde reina a serenidade, com excelentes condições e recursos e com um corpo docente estável. Estes atributos fazem dela uma escola de referência, sendo, por isso, cada vez mais procurada”³⁶⁰.

1.5. Caraterização da Turma

É através do fazer que os alunos adquirem os conhecimentos sendo que “o significado é construído pela pessoa em função da experiência”³⁶¹. É necessário, então, envolver ativamente os alunos em “experiências relevantes”³⁶² para que a aprendizagem possa ser um verdadeiro processo de atribuição de significado às experiências como refere Richard Arends.³⁶³

³⁵⁵ *Ibidem*, 37.

³⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 11.

³⁵⁷ Cf. *Ibidem*.

³⁵⁸ Cf. “Escola EB2 Paulo Quintela,” acessido a 24 de agosto de 2018, <http://www.aeemidiogarcia.pt/index.php/aeeg/pq>.

³⁵⁹ Cf. “Escola EB2 Paulo Quintela.”

³⁶⁰ *Ibidem*.

³⁶¹ Arends, *Aprender a ensinar*, 4.

³⁶² *Ibidem*, 5.

³⁶³ Cf. *Ibidem*, 4-5.

A sala de aula é um local privilegiado de interação e socialização entre alunos e professores, visto que passam lá grande parte do dia. Com a interação dos professores com os alunos, dos alunos entre si e com diversos materiais escolares, desenvolve-se um grupo.³⁶⁴ Este grupo tem o nome de turma que através da interação e da socialização dos elementos da mesma vai “adquirir uma personalidade distinta”³⁶⁵ de tantas outras existentes no espaço escolar, tornando-se única. Richard Arends cita Luft (1970) que descreve estes grupos da seguinte forma: “as turmas podem parecer semelhantes à distância ou no papel, mas, na realidade, cada uma é tão única como uma impressão digital”³⁶⁶.

Cada turma desenvolve os seus próprios processos, os seus padrões de interação e os seus próprios limites. Assim, algumas características da sala de aula podem ser alteradas pelo professor, mas outras não. Por isso, é necessário criar ambientes de aprendizagem produtivos centrando-se naquilo que pode ser alterado, tal como o aumento da motivação dos alunos e o encorajamento ao desenvolvimento do grupo. No que respeita à motivação, inclui-se o nível de preocupação do aluno, a tonalidade afetiva, os interesses dos alunos, entre outros. Relativamente ao desenvolvimento das turmas enquanto grupo, os professores têm um papel essencial ensinando como os grupos crescem e aprendem e ajudando-os a trabalhar em grupo.³⁶⁷ A utilização do modelo de aprendizagem cooperativa é uma mais-valia para desenvolver o grupo turma e conseqüentemente as aprendizagens. “Ao ajudar a promover o comportamento cooperativo e ao desenvolver melhores relações grupais entre os alunos, está simultaneamente a ajudar os alunos na sua aprendizagem escolar”³⁶⁸.

A turma do sexto A, da Escola Paulo Quintela, na qual decorre a Prática do Ensino Supervisionada, é exemplo do referido anteriormente. É uma turma composta por vinte e seis alunos: dez rapazes e dezasseis raparigas. A proveniência dos alunos é, na sua maioria, Bragança. A média de idades dos alunos é de onze anos, tendo doze anos duas alunas.

Beneficiam dos Serviços de Apoio Socioeducativo quatro alunos, dois com escalão A e outros dois com o escalão B.

Os encarregados de educação desta turma optaram, para os seus educandos, por uma formação musical desde o quinto ano, proporcionada pelo Conservatório de Música

³⁶⁴ Cf. *Ibidem*, 109.

³⁶⁵ *Ibidem*.

³⁶⁶ *Ibidem*.

³⁶⁷ *Ibidem*, 130.

³⁶⁸ *Ibidem*, 369.

de Bragança, beneficiando de um currículo próprio. Assim, frequentam Formação Musical, Classe de Conjunto e Instrumento substituindo as disciplinas de Educação Musical e Educação Tecnológica. Para a disciplina de Formação Musical, a turma foi dividida em dois grupos que a frequentam em horários diferentes.

Os alunos provêm de famílias de classe média, com pais que são professores em diversos níveis de ensino, trabalham na área da saúde e outros que trabalham por conta de outrém, verificando-se um forte acompanhamento dos alunos tanto por parte da escola como do agregado familiar com reflexos no desenvolvimento e sucesso dos mesmos. Existe uma forte entreaajuda entre colegas. Não se verificam comportamentos desajustados para além daquilo que é normal em crianças desta idade. Todos estes fatores constituem uma grande vantagem, verificando-se na turma uma rápida evolução na aprendizagem, com apresentação de muito bons resultados escolares.

São alunos ativos, dinâmicos, empenhados, comunicativos, demonstram interesse na realização das atividades propostas, tal como o gosto em explorar, descobrir em grupo, como se pôde verificar nos três desafios lançados ao longo das setes aulas da Prática do Ensino Supervisionado.

No que diz respeito à interação entre os elementos da turma, foi possível constatar que é uma turma, na sua generalidade, cooperativa e solidária, demonstrando uma excelente afinidade entre os pares e destes com os professores.

Os alunos tinham alguma dificuldade em ser pontuais, talvez por a aula, ao ser das 13.50h. às 14.35h., coincidir com o almoço. No entanto, foram assíduos e participaram com entusiasmo nas dinâmicas propostas e sem grande pressa de ir para a aula seguinte.

Atendo aos conteúdos da Unidade Letiva, as estratégias implementadas foram no sentido de desenvolver e reforçar competências, como o respeito pelo outro, o saber trabalhar em equipa, o cumprimento de regras, a partilha. Foram criados pequenos grupos flexíveis e heterogéneos, dentro e fora da sala de aula, para procurar abordagens curriculares e pedagógicas que ensinassem os alunos a respeitar e a valorizar a diversidade e a descobrir e desenvolver os valores da partilha.

Contudo, constatou-se que, perante o contacto com esta metodologia, a turma correspondeu da melhor forma.

2. A Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, do 6º ano de escolaridade

Após a reflexão sobre os conteúdos abordados anteriormente, apresenta-se, num primeiro momento, a conceção, a planificação e a lecionação de toda a Unidade Letiva bem como as justificações metodológicas e, num segundo momento, a descrição pormenorizada da planificação e a execução da lecionação em cada uma das sete aulas, baseada na planificação global e na planificação esquemática de cada aula. Por fim, centra-se na avaliação da instrução com vista à melhoria da planificação desta temática para um maior contributo ao enriquecimento da aprendizagem dos alunos e ao desenvolvimento da carreira de docente.

A Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, é uma das três unidades letivas que integram o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica do 2.º Ciclo do Ensino Básico, no sexto ano de escolaridade - *Estou Contigo*.³⁶⁹ Foi lecionada, como já foi mencionado, na turma A do sexto ano de escolaridade, na Escola Paulo Quintela, do Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, em Bragança.

A planificação é fundamental mais não seja para a “supressão da maior parte dos problemas de gestão da sala de aula”³⁷⁰. A planificação e tomada de decisão sobre a instrução constituem um dos aspetos essenciais do ensino, “porque determinam em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas”³⁷¹, provocando três fases no ensino: a fase anterior à instrução, na tomada de decisões do conteúdo e da duração do que deve ser ensinado; a fase da instrução, em que se tomam decisões sobre as questões a colocar, o tempo de espera e as orientações específicas; e a fase posterior à instrução, na tomada de decisões relativas à avaliação dos progressos do aluno e o tipo de informação avaliativa a proporcionar.³⁷²

É segundo estas orientações que se apresenta, de seguida, toda a planificação da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*.

2.1. *A apresentação e conceção da Unidade Letiva*

Inicia-se a preparação da lecionação da Unidade Letiva 3, do sexto ano de escolaridade, *A Partilha do Pão*, com uma seleção dos conteúdos referentes a esta unidade letiva, baseando no programa³⁷³ da disciplina de Educação Moral e Religiosa

³⁶⁹ Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 82-121.

³⁷⁰ Arends, *Aprender a ensinar*, 47.

³⁷¹ *Ibidem*, 67.

³⁷² Cf. *Ibidem*.

³⁷³ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Moscavide: SNEC, 2014).

Católica reformulado em 2014. Segundo o professor Richard Arends, esta tarefa não é fácil, “há muito para ensinar sobre cada tópico e pouco tempo para o fazer (...) Como tal, a maior parte das escolas parte do princípio de que os professores principiantes não conseguem, por si só, tomar decisões sobre os conteúdos mais importantes, mas que podem ser conduzidos por manuais e guias curriculares. Assim, as decisões sobre os conteúdos são, regra geral, tomadas por professores experientes ou especialistas em currículo”³⁷⁴.

O programa de EMRC tem como grande finalidade “a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”³⁷⁵.

Também, apresenta onze finalidades:

“apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e interreligioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; apreender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”³⁷⁶.

Para além das finalidades, “o desenvolvimento do ensino será orientado por Metas Curriculares nas quais são definidos, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou ciclos e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares”³⁷⁷. Assim, para as metas, foram definidos os seguintes domínios de aprendizagem: “Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; Ética e Moral”³⁷⁸.

³⁷⁴ Arends, *Aprender a ensinar*, 62-63.

³⁷⁵ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 5.

³⁷⁶ *Ibidem*, 5.

³⁷⁷ *Ibidem*, 6.

³⁷⁸ *Ibidem*, 8.

Depois de analisados os conteúdos da Unidade Letiva 3, adaptaram-se à realidade escolar dos alunos da turma A do sexto ano e planificaram-se para sete aulas de quarenta e cinco minutos. A lecionação das mesmas decorreu às segundas-feiras, das 13.50h. às 14.35h., no segundo e no terceiro períodos, do ano letivo 2017/2018, de 26 de fevereiro a 23 de abril de 2018.

Foram planificadas sete e não seis, como o desejável, porque a quarta aula coincidiu com o final do segundo período, sendo necessário dedicar grande parte da aula à autoavaliação do referido período de lecionação.

Os conteúdos desenvolvidos e referidos na planificação estão em consonância com os domínios e as metas de aprendizagem definidos e foram aplicados de forma a responder à educação integral dos alunos.

Grande parte destes conteúdos encontram-se aprofundados, do ponto de vista teórico, nos anteriores capítulos deste relatório e concretizados na lecionação através de uma linguagem mais acessível à compreensão dos alunos. Procurou-se utilizar recursos e metodologias pedagógico-didáticas diversos com o intuito de proporcionar um maior enriquecimento e desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem. Procurou-se desenvolver junto dos alunos uma reflexão profunda sobre a temática da partilha, que os possa levar à alteração de comportamentos em relação aos pares e à sociedade em geral e à aquisição de competências para tal. Privilegiou-se a aplicação do modelo de ensino-aprendizagem cooperativa e a utilização de estratégias diversificadas, dinâmicas, significativas, para permitir aos alunos a obtenção de conhecimentos e competências consistentes que levassem à aquisição ou desenvolvimento de valores que lhes permitam compreender e não desvalorizar a Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*.

As estratégias contribuem de forma clara para o sucesso ou insucesso da educação. Procurou-se aplicar aquelas que poderiam ser mais assertivas. Ao assegurarem a compreensão da mensagem, as estratégias acompanham os tipos de abordagem propostos nos temas para não existirem disparidades entre o que se quer transmitir e aquilo que os alunos são capazes de compreender e aprender. Tendo em conta a turma descrita anteriormente, procurou-se implementar estratégias que possibilitassem o ensino-aprendizagem e aumentassem de forma gradual a motivação dos alunos.

Como estratégia pedagógica, seguiu-se o método indutivo, promovendo a autonomia, o espírito crítico, a elaboração de atividades e a implementação de estratégias que privilegiassem os interesses e o contexto sociocultural dos alunos. Pretendia-se que estas fossem potenciadores da reflexão individual e de grupo, promovendo o diálogo e espírito crítico sobre a realidade envolvente.

Ao utilizar estas estratégias dinâmicas, os alunos assumiram um papel ativo e responsabilizaram-se de forma direta pela sua aprendizagem, respeitando e aceitando a opinião dos seus pares. As estratégias usadas nas aulas provocaram nos alunos o interesse na realização das tarefas propostas tanto em contexto de sala de aula, como noutros contextos (corredores, biblioteca, reprografia, sala dos professores, secretaria, portaria) assim como em casa. Estas desencadearam nos alunos a aprendizagem pela descoberta, levando-os a pensar e a ter a capacidade de resolver problemas e a tornarem-se mais autónomos e conscientes.

2.2. *A planificação e a sua contextualização*

O conceito de planificação foi evoluindo ao longo dos tempos, adequando-se ao ensino e ao que os educadores pretendem dele. Tornou-se “um processo de promoção de mudanças nos alunos”³⁷⁹, no qual se propõe “uma construção de comportamentos num indivíduo”³⁸⁰.

Uma planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesses nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo.

Ao elaborar uma planificação temos que analisar a realidade específica, olhando as condições existentes, descortinando as alternativas de ação para podermos superar as dificuldades que vão surgindo tendo como finalidade chegar a objetivos centrais. Sendo a planificação um processo mental, esta envolve uma análise objetiva, uma reflexão profunda e uma previsão concreta. Este processo, presente numa planificação, contribui de forma real para a obtenção do sucesso educativo e garante a distribuição das estratégias, em função dos objetivos preconizados, racionalizando a utilização do tempo e do espaço em função das aprendizagens previstas.

³⁷⁹ Arends, *Aprender a ensinar*, 54.

³⁸⁰ Marcel Postic, *A relação pedagógica* (Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2008), 25.

Tendo em conta a importância da planificação, só é possível atingir os objetivos para a turma e para cada aluno se estruturarmos as unidades letivas, de acordo com o programa de EMRC, definido pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã. Uma boa planificação “evita uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutiva, e garante que se definiram os meios necessários para a avaliação pedagógica. (...) Exige que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a lecionação (...) e combine os vários modelos de ensino de modo a potenciar a aprendizagem”³⁸¹. Perante o que foi referido na citação, a planificação só será guia se existir uma caracterização objetiva da turma, tendo acesso às vivências fundamentais dos alunos, o meio escolar onde se inserem, o projeto educativo do Agrupamento de Escolas, a planificação anual e o plano de turma.

A planificação deve ser flexível, visto ser um documento cujo objetivo é facilitar a tarefa do professor e não limitar o processo prático de ensino-aprendizagem.

A planificação de uma unidade letiva não pode ser neutra, no sentido em que carrega em si as prioridades que o docente estabelece em função de metas, objetivos e conteúdos. As estratégias de ensino, a criação de materiais e os recursos inovadores devem refletir uma simbiose realista entre as variáveis do processo pedagógico.

Face ao exposto, elaborou-se a planificação global da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, apoiando-se em dois grandes pilares, temas que serviram de base a toda a lecionação:

1. O pão (alimento corporal e espiritual) como elemento essencial;
2. Ser pão para os outros (os valores da partilha).

A partir destes dois pilares, nos quais assentou toda a planificação e concretização da lecionação desta unidade letiva, adequaram-se os conteúdos a sete aulas. Desta forma, teve de se proceder a uma seleção rigorosa dos conteúdos a desenvolver que, de uma forma articulada, permitisse alcançar os objetivos propostos.

Ordenou-se o esquema da planificação conforme a sequência acima enumerada, considerando essencial a compreensão inicial da importância do pão como símbolo de alimento corporal e espiritual essencial, bem como a gravidade da falta dele, para daí partir para a interpretação e vivência da partilha e valores a ela associados como sendo fundamentais para a realização do ser humano.

³⁸¹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 159.

Partiu-se dos conteúdos que pareciam mais acessíveis aos alunos, nomeadamente a importância da alimentação para o ser humano a nível biológico, relacional e cultural, com especial destaque para a experiência de encontro na refeição e o respetivo valor da partilha na mesma.

Dando seguimento à simbólica da alimentação, os alunos exploraram, refletiram e partilharam o significado simbólico-religioso da alimentação e da refeição na cultura judaicocristã nas terceira e quarta aulas. Exploraram os símbolos: pão, azeite, vinho, água e cordeiro.

Dando seguimento à importância da alimentação, julgou-se importante, na quinta aula, a análise do 25º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos que declara a alimentação como um direito da pessoa e a constatação da violação desse direito que vitimiza seres humanos em todo o mundo. A abordagem destes dois temas, ainda que opostos mas relacionados, permitiu fazer uma melhor ligação com o conceito de solidariedade que, depois de compreendido, levou ao debate sobre a sua importância e mesmo necessidade.

Fazendo a ligação da solidariedade ao voluntariado, na sexta aula, previu-se a abordagem da partilha como responsabilidade de todos, desenvolvendo os valores da partilha ligados à ação do voluntariado. Consequentemente, foi provocada a descoberta da importância das organizações e instituições de solidariedade social que se dedicam exclusivamente à erradicação da fome.

Depois de refletida a importância da alimentação, e experienciado os valores da partilha, consolidou-se estes conceitos com o relato da Última Ceia de Jesus com os seus discípulos, reconhecendo o significado essencial da mensagem cristã, acontecimento central na vida dos cristãos através da Eucaristia.

Por fim, os alunos foram desafiados a ser pão para os outros seguindo o exemplo do Santo António do Pão.

À medida que se elaborou a planificação e reuniu os recursos a utilizar na Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, foi-se para além das propostas do manual da disciplina.³⁸² Decidiu-se utilizar diversos recursos multimédia para reforçar e efetivar o processo de ensino-aprendizagem, atendo que os alunos já tinham uma série de competências bem adquiridas e que era a linguagem e recursos que mais os cativavam. O recurso às novas tecnologias pode ser uma mais-valia na medida em que proporciona diversas oportunidades tais como acesso à informação, armazenamento e processamento

³⁸² Sá (coord.), *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*, 82-121.

da mesma em tempo real, independentemente do espaço e do tempo; a aprendizagem à distância; a interação do aluno com a informação, entre outros. As tecnologias podem, desta forma, criar novos cenários facilitadores da aprendizagem, motivando professores e alunos e tornando a escola atrativa, atual e enquadrada nesta nova era da informação e da comunicação.³⁸³

Desta forma, criou-se uma página na internet que permitisse uma maior interação com os alunos e os pais, indo de encontro ao mundo em que vivem, bem como explorar, dentro e fora da sala de aula, o uso de um objeto muito especial, o telemóvel.

Recorreu-se à página *Wix*³⁸⁴ para criar uma página na internet com a possibilidade de partilhar os recursos apresentados em cada aula, tais como, planificações, fichas de trabalho, jogos, dinâmicas, desafios, PowerPoint, vídeos, imagens, cartazes, manual, etc.

Esta ferramenta serviu ainda de repositório a outros recursos que, por escassez de tempo, não foram apresentados na aula, mas também poderá servir de partilha a outros colegas professores. Com esta plataforma, os alunos poderão aceder a uma série de recursos que se considerou serem importantes às atividades e dinâmicas realizadas dentro e fora da sala de aula. A disponibilização de um espaço de comunicação entre os alunos e o professor foi outro dos motivos que levou à criação desta ferramenta.

Esta página foi elaborada com uma configuração que se adequasse à temática abordada. Tem como imagem de fundo vários pães e um *banner* com várias imagens a correr alusivas aos vários conteúdos abordados. Intitulou-se a página de *A Partilha do Pão*, com um subtítulo “Se conhecesses o Dom de Deus” (Jo 4,5), tema do Ano Pastoral 2017/2018 da Diocese de Bragança-Miranda.

A página concebida tem o seguinte endereço:

<https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao>.

Considerou-se criar e organizar esta página da seguinte forma:

1. *Introdução*:³⁸⁵ Este espaço tem a apresentação e a caracterização da Prática do Ensino Supervisionado na Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, bem como os objetivos estipulados pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã para a mesma unidade letiva;

³⁸³ Paula Alves e Manuela Raposo, “A inclusão de tecnologias digitais na educação: (re)construção da identidade profissional docente na prática,” *Revista Practicum*, vol. II, nº 2 (2017) 4, acessado a 1 de setembro de 2018, <https://revistapracticum.com/index.php/iop/article/view/27/72>.

³⁸⁴ Sítio gratuito de criação de páginas de internet, disponível em www.wix.com.

³⁸⁵ Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/introducao>.

2. *Aulas*:³⁸⁶ este campo contém as sete aulas que irão ser lecionadas, contendo um subcampo para cada aula. No qual estão disponibilizados o sumário, a planificação, o PowerPoint da aula, os vídeos, os jogos e as fichas de trabalho;
3. *Desafios*:³⁸⁷ este espaço lança três desafios aos alunos ao longo da unidade letiva, com o intuito de desenvolver os valores da partilha. O primeiro, a nível pessoal, a ser desenvolvido em qualquer sítio; o segundo, a nível de grupo na turma, fazendo ligação à Missão Secreta I e II da Partilha, a ser desenvolvido em tempo de aula e fora da sala durante vinte minutos; o terceiro a ser desenvolvido na comunidade escolar;
4. *Missão Secreta I de Partilha*:³⁸⁸ contém uma atividade fora da sala de aula, em grupo, com a duração de vinte minutos;
5. *Missão Secreta II de Partilha*:³⁸⁹ contém uma atividade fora da sala de aula, em grupo, com a duração de quinze minutos;
6. *Missão Secreta III de Partilha, Santo António*:³⁹⁰ contém uma atividade a realizar com os pais, na Igreja da Senhora das Graças;
7. *Recursos*:³⁹¹ como o nome indica, este é o espaço onde estão guardados todos os recursos relacionados com a temática que se considerou importantes. Dentro do menu recursos existem quatro submenus: vídeos, imagens, suporte didático e cartazes;
8. *Dúvidas*:³⁹² neste menu está disponibilizado um formulário para aluno e/ou encarregado de educação que queira tirar dúvidas ou simplesmente entrar em contacto com o professor;
9. *Ligações úteis*: por fim, este espaço disponibiliza uma série de ligações relacionadas com os conteúdos da unidade letiva e da disciplina e que, através de um simples clique, direciona para as páginas oficiais apresentadas. Aqui encontramos ligações a páginas de variadas áreas de interesse como Educação, Igreja, Instituições de Solidariedade Social, Comunicação Social, entre outras.

A idealização desta página teve o intuito de enriquecer o processo ensino-aprendizagem na turma A, do sexto ano de escolaridade, bem como o de abrir a possibilidade de partilha de recursos com outros professores. No entanto, reconhece-se que o facto de se dispor apenas de sete aulas de quarenta e cinco minutos com a turma

³⁸⁶ Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/aulas>.

³⁸⁷ Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/desafios>.

³⁸⁸ Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/missao-secretaria-i>.

³⁸⁹ Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/missao-secretaria-ii>.

³⁹⁰ Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/santo-antonio>.

³⁹¹ Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/arquivo>.

³⁹² Cf. <https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao/duvidas>.

pode tornar-se um obstáculo ao eficaz funcionamento da página, na medida em que há pouco tempo para os alunos se adaptarem a este recurso e compreenderem as suas potencialidades, apesar de ser uma ferramenta familiar para eles. Foi o desafio das novas tecnologias, algo que já faz parte da vida destas crianças, que levou à criação desta página, apesar de limitações do docente na área da informática, visto ser uma área a desenvolver para uma futura aplicação na vida profissional.

De seguida, apresenta-se a descrição pormenorizada da planificação a curto prazo que define os planos para cada aula sobre a mesma unidade e execução da lecionação em cada uma das sete aulas.

2.2.1. Aula 1 – Introdução à Unidade Letiva

A primeira aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, tem uma função introdutória aos conteúdos da unidade. Por isso, decidiu-se partir de situações concretas da realidade quotidiana dos alunos para centrar a aula na importância da alimentação nas diversas dimensões da pessoa. Assim, será indispensável uma constante interação entre os agentes envolvidos na aula. Desta forma, tentou-se proporcionar uma participação ativa dos alunos tentando estabelecer a melhor relação possível entre os conteúdos planificados e as problemáticas colocadas pelos intervenientes.

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, no domínio da ética e da moral. O objetivo a atingir foi o seguinte: descobrir a dimensão simbólica da refeição.

Dá-se início à aula com o acolhimento e saudação aos alunos e com uma pequena apresentação do professor em formação. Os alunos são informados de que o sumário é registado no final da aula, tendo em conta a planificação dos temas a abordar.

De seguida, partindo de situações concretas da realidade quotidiana dos alunos e criando uma participação ativa dos mesmos, apresenta-se, em primeiro lugar, a importância da alimentação no dia a dia, que surge como necessidade biológica, uma vez que é indispensável ao ser humano e à sua sobrevivência. Em segundo lugar, é apresentada como lugar de confraternização/encontro entre as pessoas que partilham as mesmas refeições, pois os laços humanos reforçam-se com a participação de todos à mesma mesa, que é lugar onde se partilham experiências do dia a dia, dúvidas, onde se dão conselhos e repreensões. Para contextualizar a importância da alimentação e convivialidade que daí advém e levar a uma maior reflexão por parte dos alunos, é

apresentado um vídeo sobre a partilha intitulado “Chichen à la Carte”,³⁹³ seguido de debate e discussão sobre o mesmo, sempre com a participação ativa dos alunos.

É entregue aos alunos um pequeno caderno com o título Diário da Partilha³⁹⁴ com o objetivo de registrar, ao longo de toda a unidade letiva, as principais ideias e conteúdos abordados. Será um diário de todas as experiências de partilha provocadas ou espontâneas fruto dos três desafios lançados ao longo das sete aulas, bem como das três missões secretas de partilha. Este Diário da Partilha é personalizado sendo assinado por cada aluno e fazendo parte integrante do caderno diário do aluno.

Em seguida, fez-se a apresentação de duas personagens, em formato de fantoche, a Maria³⁹⁵ e o Miguel,³⁹⁶ que constam no manual do aluno. Estas duas personagens têm por missão fazer intervenções na aula em momentos concretos em que é preciso fazer alertas, chamadas de atenção, ligar conteúdos, resumos, etc. Em cada aula desenvolveu-se esta dinâmica com a atribuição dos fantoches a dois alunos responsabilizando-os pelos mesmos e pelas suas intervenções. Os fantoches foram uma mais-valia para responsabilizar alunos menos atentos e focá-los mais na aula. Iniciou-se esta missão com a delegada e o subdelegado da turma com passagem de testemunho em cada aula, ficando essa escolha ao critério do aluno.

Seguiu-se a apresentação de cada aluna e aluno utilizando como apoio os fantoches e terminando com a entrega em papel autocolante da Maria e do Miguel, a colocar no Diário da Partilha.

Depois, com recurso a uma projeção em PowerPoint, é feito o primeiro diálogo³⁹⁷ entre o Miguel e a Maria, seguido de breve reflexão sobre a importância da alimentação/refeição como elemento indispensável às dimensões biológica e social da pessoa. Segue-se a colocação de duas questões: qual é a tua refeição favorita; qual é o teu prato favorito, registadas no Diário da Partilha com a recomendação de só serem respondidas em casa como trabalho de casa para a aula seguinte.

Apresenta-se e explica-se o Desafio II, “Missões Secretas de Partilha” com a realização de três ao longo da Unidade Letiva. Este desafio baseia-se num jogo em equipa fora da sala de aula, com a duração de vinte minutos. Tem como objetivo desenvolver o trabalho em equipa e os valores da partilha. Serve de apoio ao processo ensino-aprendizagem em alguns conteúdos. O jogo consta de um conjunto de

³⁹³ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=CKMgq3NZKWg>.

³⁹⁴ Cf. Anexo 1.

³⁹⁵ Cf. Anexo 2.

³⁹⁶ Cf. Anexo 2.

³⁹⁷ Cf. Anexo 3.

mensagens que remetem de uma para a outra, a descobrir no espaço escolar, fornecendo um conjunto de informações e saberes relativos a um conteúdo ou conteúdos. Para ir de encontro ao imaginário destas idades, onze, doze anos, caracterizado pelo gosto da descoberta, do explorar, do desconhecido, do mistério, da competição, da aventura, o meio de comunicação é mensagens codificadas através do código angular.³⁹⁸ Esta estratégia serve para desenvolver o sentido da linguagem simbólica.

Depois de explicar o código angular, são feitos alguns exercícios no quadro para uma melhor assimilação. É pedido aos alunos que o registem no Diário da Partilha, que não o divulguem aos outros colegas da escola, que o mantenham em segredo e que o decorem. Por fim, os alunos são desafiados a formar equipas de quatro elementos, segundo as suas afinidades, durante a semana e entregar ao professor, no início da aula seguinte, a lista das equipas formadas. Estas equipas servem de base ao trabalho em grupo nas aulas seguintes. O trabalho em grupo e o jogo em equipa servem para reforçar e desenvolver competências que levem à partilha e ao reforço das aprendizagens.

Para finalizar, os alunos copiam para o caderno diário o sumário: Introdução à Unidade Letiva, *A Partilha do Pão*. A importância da alimentação. Apresentação do Desafio II, “Missões Secretas de Partilha”.

Para efeitos de avaliação, será sempre tida em conta a assiduidade e a pontualidade, o cumprimento das regras na sala de aula, a participação ativa e a organizada, a atenção e a concentração, o respeito pelos outros, a participação organizada, o cumprimento das tarefas propostas e o seu envolvimento, a capacidade de síntese, o trabalho em grupo e a curiosidade.

2.2.2. Aula 2 – A importância da alimentação

A segunda aula da Unidade Letiva tem como sumário: A importância da alimentação e a experiência de encontro na refeição. Apresentação do Desafio I “Partilha em Cadeia”.

Assim, as metas de aprendizagem a alcançar pretendem amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, no domínio da ética e da moral. Os objetivos a atingir são os seguintes: descobrir a dimensão simbólica da refeição; saber trabalhar em grupo e saber partilhar.

O primeiro momento da aula destina-se ao acolhimento dos alunos, seguido do registo do sumário no caderno diário. É reforçada a explicação da aula anterior do

³⁹⁸ Cf. Anexo 4.

Desafio II “Missões Secretas de Partilha” a realizar ao longo da Unidade Letiva. É pedida a folha com a constituição das equipas. Os alunos são desafiados a trabalhar sempre em grupo dentro da sala de aula e em equipa fora dela.

De seguida, o professor verifica se todos os alunos têm o material necessário à aula, bem como se todos fizeram o trabalho de casa no Diário da Partilha. De seguida partilham o resultado do trabalho de casa por grupos, sendo apresentado por cada capitão do grupo. São entregues autocolantes³⁹⁹ relativos às perguntas para enriquecer as respostas.

Depois, recorre-se a uma projeção em PowerPoint⁴⁰⁰ de carácter expositivo sobre a importância da alimentação: a refeição como festa e experiência de encontro. Segue-se o diálogo com os alunos sobre o exposto. De seguida, os alunos são convidados a transcrever do retroprojetor um texto⁴⁰¹ com espaços em branco. Em grupo trabalham este pequeno texto no Diário da Partilha colocando as palavras em falta, após o que cada grupo partilha o resultado com as outras equipas, autocorrigindo-se.

O Miguel e a Maria entram em ação para a temática⁴⁰² e o professor, como trabalho de casa, pede a cada aluno um relato dos jantares em família ao domingo, a redigir no Diário da Partilha e entrega um autocolante⁴⁰³ para inspirar a resposta.

Passa-se à apresentação do vídeo sobre a partilha em cadeia intitulado “Gentileza”.⁴⁰⁴ Na sequência do vídeo, apresenta-se e explica-se o Desafio I “Partilha em Cadeia” a realizar ao longo da Unidade Letiva 3. Cada aluno é desafiado a fazer experiências de partilha a nível individual ao longo da unidade, ajudando três pessoas que precisem, querendo, em troca, que cada uma ajude outras três e assim sucessivamente. Elabora-se um esquema,⁴⁰⁵ no Diário da Partilha, para ir registando as pessoas ajudadas.

Para finalizar, procede-se à apresentação da página da Internet, criada para a Unidade letiva 3, acompanhada da devida explicação e entrega em papel do endereço eletrónico⁴⁰⁶ com um QR Code que, com a leitura através do telemóvel, permite aceder diretamente à página.

³⁹⁹ Cf. Anexo 5.

⁴⁰⁰ Cf. Anexo 6.

⁴⁰¹ Cf. Anexo 7.

⁴⁰² Cf. Anexo 8.

⁴⁰³ Cf. Anexo 9.

⁴⁰⁴ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=5wJkosbSjBA>.

⁴⁰⁵ Cf. Anexo 10.

⁴⁰⁶ Cf. Anexo 11.

Serão tidos em conta como elementos de avaliação a assiduidade e a pontualidade, o cumprimento das regras dentro da sala de aula, a atenção, a participação ativa e organizada no trabalho em grupo, valorizando as intervenções positivas e fundamentadas e o respeito pelos outros. Será dado especial realce à responsabilidade e ao empenho no trabalho cooperativo de grupo, bem como à curiosidade e envolvimento entre os pares.

2.2.3. Aula 3 - O significado simbólico-religioso do alimento

Na terceira aula da unidade letiva o sumário é: O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. Realização do Desafio II “Missão Secreta de Partilha”.

Assim, as metas de aprendizagem a alcançar pretendem dar a conhecer a mensagem e cultura bíblicas e descobrir a simbólica cristã no domínio da cultura e visão cristãs da vida. Os objetivos a atingir são os seguintes: Compreender o significado simbólico-religioso na cultura judaico-cristã da alimentação; compreender o significado simbólico do pão, do azeite, do vinho, da água e do cordeiro; saber trabalhar em grupo; e saber partilhar.

Os primeiros momentos da aula são destinados ao acolhimento dos alunos; depois regista-se o sumário no caderno diário.

De seguida, o professor verifica os trabalhos de casa no Diário da Partilha. Segue-se a contextualização e início do Desafio II “Missões Secretas de Partilha”. Este jogo tem como objetivo descobrir a importância do significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. Cada equipa dispõe de vinte minutos fora da sala de aula para executar o desafio. O jogo consta de um conjunto de mensagens que remetem de umas para as outras, a descobrir no espaço escolar (biblioteca, sala dos professores, secretaria, portaria, sala de aula, etc.). Estas mensagens estão em linguagem codificada através do código angular. Têm também informação relativa a um símbolo contextualizado no Antigo Testamento, no Novo Testamento e nas celebrações cristãs. As mensagens têm, de igual forma, atividades a realizar no momento ou posteriormente na sala. Cada equipa vai explorar um símbolo entre os seguintes: pão,⁴⁰⁷ azeite,⁴⁰⁸ vinho,⁴⁰⁹ água⁴¹⁰ e cordeiro.⁴¹¹ Para finalizarem o desafio, os alunos precisam de algumas informações

⁴⁰⁷ Cf. Anexo 12.

⁴⁰⁸ Cf. Anexo 13.

⁴⁰⁹ Cf. Anexo 14.

⁴¹⁰ Cf. Anexo 15.

⁴¹¹ Cf. Anexo 16.

presentes num cartaz⁴¹² afixado na sala de aula e criado para o efeito. Passados vinte minutos, as equipas regressam à sala e concluem o desafio no Diário da Partilha, seguido de partilha do conteúdo descoberto do símbolo proposto.

A aula termina com a avaliação de cada equipa do seu desempenho: o que correu bem ou mal como equipa.

Para a realização da avaliação, serão tidas em conta a assiduidade e a pontualidade, o cumprimento das regras nos espaços extra sala (biblioteca, sala de professores, corredores, secretaria, portaria etc.), a atenção, a participação ativa e organizada no jogo, valorizando o respeito pelos outros, a responsabilidade e o empenho, a curiosidade e o envolvimento com os pares.

Na planificação desta aula, face à importância que se atribui à participação ativa dos alunos e à quantidade de conteúdos e recursos utilizados, prevê-se que o tempo de quarenta e cinco minutos possa ser escasso para a concretização do planificado. No entanto, e como a planificação deve ser flexível, privilegia-se a interação dentro e fora da sala de aula. Caso não se consiga cumprir o planificado durante esta aula, iniciar-se-á a próxima com estes conteúdos e, na aula seguinte, sendo a última do segundo período dedicar-se-á o tempo restante à autoavaliação do mesmo.

2.2.4. Aula 4 – Autoavaliação

Como se referiu anteriormente, o início desta aula está dependente da concretização da anterior. A quantidade de conteúdos e a novidade de trabalhar em grupo dentro e fora da sala de aula pode tornar a aula mais demorada. No entanto, sendo a última aula do segundo período opta-se por concluir as dinâmicas de grupo reforçar o trabalho cooperativo e valorizar a autoavaliação do segundo período escolar.

A quarta aula da unidade letiva tem como sumário: Conclusão do Desafio II “Missão Secreta de Partilha I”. Autoavaliação.

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem, por um lado, conhecer a mensagem e cultura bíblicas, no domínio da cultura e visão cristãs da vida e, por outro, descobrir a simbólica cristã no domínio já referido.

Tem como objetivos a atingir os seguintes: compreender o significado simbólico religioso na cultura judaico-cristã da alimentação; compreender o significado simbólico do pão, azeite, vinho, água, cordeiro; saber trabalhar em grupo e saber partilhar.

⁴¹² Cf. Anexo 17.

Tal como nas aulas anteriores, os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos, seguida de cópia do sumário no caderno diário do quadro interativo. Depois, verifica-se se todos os alunos têm o material necessário à aula.

Dando seguimento à aula anterior, os alunos concluem o Desafio II “Missão Secreta de Partilha I”, no Diário da Partilha. Depois de concluída a atividade de grupo, o professor desencadeia um diálogo sobre a atividade fora da sala de aula, da aula anterior. As equipas são impelidas a fazer algumas considerações sobre a mesma. Partilham-se os resultados de cada equipa ao longo da atividade fora e dentro da sala de aula e faz-se a correção. A cada equipa é pedida uma avaliação sobre o seu desempenho, pontos fortes e fracos do trabalho em equipa.

De seguida, o professor explica a importância de uma autoavaliação bem feita e atendendo que é a última aula do segundo período pede para fazer a mesma individualmente e em silêncio e entrega uma folha para o efeito.⁴¹³

Para concluir a aula, propõe-se a cada aluno, durante as férias, instalar a aplicação de leitura de QR Code, no telemóvel, sendo necessária para as próximas aulas. Lembra-se também a importância de aceder à página da Internet, criada para esta unidade letiva e assim reforçar as aprendizagens dos conteúdos já instruídos, visionando pequenos filmes e outras informações oportunas lá disponibilizadas. Faz-se também o apelo para que, durante as férias, reforcem a memorização do código angular para um maior sucesso nas Missões Secretas de Partilha.

Por fim, faz-se um apelo à participação ativa e comprometida na Celebração Pascal da Escola e finaliza-se com o desejo de boas férias e a sugestão de colocação de algumas dúvidas através da página de Internet.

A avaliação continua a ser essencialmente formativa, valorizando, particularmente, nesta aula, a capacidade de comunicação e de partilha, o trabalho cooperativo, o envolvimento e a participação em todas as atividades realizadas em grupo no contexto de sala de aula.

2.2.5. Aula 5 – A solidariedade

Depois da interrupção das férias da Páscoa, a quinta aula da Unidade Letiva tem como sumário: A fome e a distribuição injusta dos bens. A importância da solidariedade. Proposta do Desafio III “Partilha na Escola”.

⁴¹³ Cf. Anexo 18.

A planificação desta quinta aula tem como metas de aprendizagem: amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, no domínio da ética e moral, tal como na terceira aula; e promover o bem comum e o cuidado do outro, no mesmo domínio.

Os conteúdos foram organizados tendo em conta a fome e a subnutrição, a pobreza e a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade, a falta e o desperdício de comida, bem como a importância da solidariedade.

A planificação e a sua execução têm como objetivos: reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injustiça na distribuição dos bens e descobrir a importância da solidariedade.

Começa por se acolher os alunos amavelmente, verificando se todos têm o material necessário à aula e faz-se o registo do sumário no caderno diário do quadro interativo. Depois, convidam-se os alunos a partilharem a experiência da Celebração Pascal da Escola.

Dando seguimento às aulas anteriores, faz-se uma breve introdução ao tema: a fome, a distribuição injusta dos bens e a importância da solidariedade seguida de um pequeno vídeo, para contextualizar os conteúdos, intitulado “Dia Mundial da Alimentação 2017”.⁴¹⁴ Na sequência do vídeo, exibe-se uma apresentação e a explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre a alimentação: um direito de todos; a fome e a subnutrição; o artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Entrega-se em papel do autocolante,⁴¹⁵ a colocar no Diário da Partilha, o artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Também na sequência do vídeo, projeta-se uma apresentação e a explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre a falta e o desperdício de comida. Os alunos são desafiados a responder oralmente à questão como podemos nós ajudar registando as respostas no Diário da Partilha. Segue-se uma intervenção⁴¹⁶ do Miguel e da Maria, provocando uma maior reflexão da pergunta anterior.

Para reforçar o direito à alimentação inscrito do artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, é apresentado e explicado um PowerPoint de carácter expositivo sobre as causas da fome, a pobreza e a injusta distribuição de bens, sendo a fome um dos maiores flagelos da humanidade. De seguida, os alunos são convidados a

⁴¹⁴ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=d_Aq3JuRAYQ.

⁴¹⁵ Cf. Anexo 19.

⁴¹⁶ Cf. Anexo 20.

copiar do quadro interativo, para o Diário da Partilha, as causas da fome.⁴¹⁷ Estando muito ativos, o Miguel e Maria fazem mais uma intervenção,⁴¹⁸ reforçando a necessidade da solidariedade.

Pegando nas palavras do Miguel e da Maria, e para dar consistência a uma ação ou reação ao flagelo da fome, introduz-se o conceito de solidariedade. Faz-se uma apresentação e explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre a importância da solidariedade; segue-se a apresentação sumária de cinco instituições vocacionadas para a solidariedade. No final da exposição, os alunos são convidados a copiar do quadro interativo uma síntese⁴¹⁹ do conceito de solidariedade para o Diário da Partilha.

Para finalizar a aula, faz-se a apresentação do Desafio III, “Partilha na Escola”.⁴²⁰ Este desafio tem como objetivo promover a partilha nos outros (comunidade escolar). Como trabalho de casa, cada aluno é desafiado a criar frases positivas que incentivem à partilha. Posteriormente, as frases serão distribuídas pela escola, em papel picotado, permitindo à comunidade educativa fazer experiências de partilha perante a reação ao desafio de partilha de cada frase. Inicialmente, serão colocados em vários pontos da escola, folhas de tamanho A4, com um ponto de interrogação e uma data que corresponde à colocação das frases de partilha em papel picotado. As frases da partilha serão colocadas na última aula da unidade letiva, dia vinte e três de março, antes dos alunos entrarem na escola. Depois dos alunos terem feito experiências de partilha a nível individual e a nível de grupo, agora vão desafiar os outros à partilha.

A cada aluno é entregue uma folha⁴²¹ para a realização do trabalho de casa a devolver na aula seguinte.

Por fim, é pedido a cada grupo que, na aula seguinte, disponha de um telemóvel por grupo com a aplicação de leitura de QR Code instalada, dado que vai ser necessário para a realização da segunda “Missão Secreta de Partilha”.

As estratégias de avaliação mantêm-se as utilizadas nas aulas anteriores, suscitando mais atenção às intervenções adequadas, oportunas e fundamentadas.

2.2.6. Aula 6 – O voluntariado

Após a planificação da quinta aula, e já interiorizado o valor da solidariedade como responsabilidade humana para combater a fome e a pobreza no mundo, achou-se

⁴¹⁷ Cf. Anexo 21.

⁴¹⁸ Cf. Anexo 22.

⁴¹⁹ Cf. Anexo 23.

⁴²⁰ Cf. Anexo 24.

⁴²¹ Cf. Anexo 25.

conveniente destacar o voluntariado como meio de realização pessoal e de desenvolvimento dos valores da partilha, referenciando as instituições de solidariedade nacionais e internacionais vocacionadas para dar resposta às necessidades e potencialidades dos mais necessitados e frágeis através da partilha.

Esta aula tem como sumário: A partilha e a importância do Voluntariado. Instituições vocacionadas para a luta contra a fome. Desafio II “Missões Secretas de Partilha II”.

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem promover o bem comum e o cuidado do outro, no domínio da ética e da moral e amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, nos mesmos domínios.

Neste contexto, os objetivos propostos para esta aula são os seguintes: valorizar a atitude de voluntariado; apreender o conceito de voluntariado; conhecer as motivações que devem presidir a um voluntariado autêntico; conhecer diferentes exemplos e áreas de voluntariado; identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome; conhecer o papel e a relevância das organizações de solidariedade social em diversos contextos sociais; reconhecer a importância das instituições nacionais e internacionais na luta contra a fome no mundo; saber trabalhar em grupo e saber partilhar.

Os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos, seguido da escrita do sumário no caderno diário, sendo copiado do quadro interativo e da recolha do trabalho de casa, folhas com frases positivas para a concretização do Desafio III.

Após o registo do sumário, questiona-se os alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior pedindo-lhes alguns exemplos de solidariedade. Pegando nos exemplos de solidariedade, apresenta-se um pequeno vídeo de introdução ao tema o Voluntariado, intitulado “O que é ser voluntário?”.⁴²²

Na sequência do vídeo, assiste-se à apresentação e explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre a importância do voluntariado; o voluntariado como ação de colaboração de forma desinteressada; as diversas áreas em se pode ser útil, de acordo com as qualidades de cada um. Por fim, pede-se aos alunos que transcrevam do quadro interativo uma síntese⁴²³ do que é ser voluntário.

Para perceber melhor o voluntariado e os valores da partilha que os movem, os alunos são desafiados a mais uma “Missão Secreta de Partilha”. Cada grupo, durante

⁴²² Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=E7QxOHltp1A>.

⁴²³ Cf. Anexo 26.

quinze minutos, fora da sala de aula, vai descobrir uma instituição de solidariedade (história, objetivos e principais atividades).

Cada grupo vai explorar uma instituição ou organização das seguintes: a FAO (Food and Agriculture Organization/Organização para a Alimentação e a Agricultura);⁴²⁴ o Banco Alimentar Contra a Fome;⁴²⁵ a Cáritas;⁴²⁶ a Sociedade de S. Vicente de Paulo;⁴²⁷ e a Comunidade Vida e Paz.⁴²⁸ Seguindo a metodologia da Missão Secreta de Partilha anterior é colocado um cartaz⁴²⁹ na sala de aula criado para o efeito, como chave finalizadora do desafio. Os alunos para terminarem o desafio precisam de algumas informações que ele contém. Passados quinze minutos, as equipas regressam à sala e concluem o desafio no Diário da Partilha, seguido de partilha do conteúdo descoberto sobre as instituições de solidariedade.

Esta dinâmica serve para criar uma maior relação entre o voluntariado e a solidariedade e para uma maior sensibilização dos alunos à partilha.

A metodologia deste jogo é muito igual à do jogo “Missão Secreta de Partilha I”, constando de um conjunto de mensagens, que remetem de umas para as outras, a descobrir no espaço escolar (biblioteca, sala dos professores, secretaria, portaria, sala de aula, etc.). Estas mensagens estão em linguagem codificada, através do código angular. A novidade está na utilização, em alguns momentos, do telemóvel para responder a questões através da leitura de um QR Code que aparece nas mensagens, bem como a tiragem de fotos e *selfies* como comprovativo da presença em alguns locais, a remeter para correio eletrónico criado para o efeito (heldersousa.abadebacal@gmail.com).

Depois da partilha dos resultados e da avaliação do desempenho dos grupos, o Miguel e a Maria concluem a aula com o conselho: fazer a experiência do voluntariado.⁴³⁰

Nesta aula, para a realização da avaliação, serão tidas em conta a assiduidade e a pontualidade, o cumprimento das regras nos espaços extra sala (biblioteca, sala de professores, corredores, secretaria, portaria etc.), a atenção, a participação ativa e organizada no jogo, valorizando o respeito pelos outros, a responsabilidade e o empenho, a curiosidade e o envolvimento com os pares.

⁴²⁴ Cf. Anexo 27.

⁴²⁵ Cf. Anexo 28.

⁴²⁶ Cf. Anexo 29.

⁴²⁷ Cf. Anexo 30.

⁴²⁸ Cf. Anexo 31.

⁴²⁹ Cf. Anexo 32.

⁴³⁰ Cf. Anexo 33.

2.2.7. Aula 7 – A Última Ceia

Após a planificação de seis aulas, e já interiorizada uma série de competências de trabalho em grupo, considera-se oportuno planificar uma aula inteiramente assente numa aprendizagem cooperativa. É planificada com os cinco grupos a trabalhar durante toda a aula.

A última aula desta Unidade Letiva tem como sumário: A Última Ceia como representação da entrega de Jesus: ser pão para os outros. Exemplos cristãos.

A meta de aprendizagens a alcançar pretende descobrir a simbólica cristã, no domínio da cultura e da visão cristãs da vida.

Neste contexto, os objetivos propostos para esta aula são os seguintes: reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã; tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si; saber trabalhar em grupo e saber partilhar.

Os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos, seguido da escrita do sumário no caderno diário e da avaliação por parte dos alunos dos efeitos na comunidade escolar do Desafio III. É explicado aos alunos toda a dinâmica: vão trabalhar a aula toda em grupo, tendo duas questões para resolver após o que segue a partilha das respostas com os colegas, finalizando com a resolução de um Quiz avaliativo de toda a Unidade Letiva. Este Quiz, atendendo que já estão familiarizados com o uso do telemóvel na aula, é feito em equipa com recurso a esta tecnologia.

A aula prossegue com a entrega de uma pergunta escrita, numa tira de papel, a cada grupo, de forma aleatória, a saber: qual a figura central?; quem a rodeia?; o que está em cima da mesa?; qual o significado que poderá ter a mesa?; quem é o autor do quadro? De seguida, cada aluno recebe em papel autocolante um quadro da Última Ceia⁴³¹ para colocar no Diário da Partilha. Depois de colada a imagem, é solicitado que cada grupo observe o quadro da Última Ceia com muita atenção e responda às perguntas no Diário da Partilha. Quando todos os grupos tiverem respondido às questões, segue-se um momento de partilha das respostas e um espaço de debate sobre outros aspetos que surjam da observação do quadro.

A cada aluno é entregue a passagem da Última Ceia de Mc 14,12-25,⁴³² em papel autocolante, para colar no Diário da Partilha. Depois de colada a passagem bíblica no Diário da Partilha, é pedido a cada aluno que leia uma frase da mesma, seguindo a ordem da direita para esquerda, fila a fila, da frente para trás.

Segue-se a entrega do segundo grupo de questões, distribuídas de forma aleatória, das que se seguem: o que significa para os povos orientais, estar à mesa?; o

⁴³¹ Cf. Anexo 34.

⁴³² Cf. Anexo 35.

que introduziram os judeus no estar à mesa?; quais as pessoas que Jesus tem à sua mesa?; quais são as palavras que Jesus usa para transformar o Pão e o Vinho?; que novo significado Jesus atribuiu ao Pão e ao Vinho?

Na sequência das perguntas, faz-se a apresentação e a explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre os povos orientais à mesa; os Judeus à mesa; que significado deu Jesus à Última Ceia; a mensagem da Última Ceia; pessoas com quem Jesus estava à mesa. Depois da exposição, é pedido a cada grupo que responda às questões no Diário da Partilha, seguindo-se a partilha das respostas entre os grupos. Para concluir este conteúdo, faz-se uma breve síntese apresentando a Eucaristia como mandamento do amor anunciado por Jesus Cristo e concretizado na Sua entrega à morte; o alimento como presença real de Jesus Cristo entre os discípulos relacionando o pão com o Seu corpo e o vinho com o Seu sangue (a Eucaristia); o gesto de Jesus de lavar os pés aos discípulos durante a ceia revelando a amplitude do amor de Deus e como exemplo de vida dos seus seguidores.

De seguida, é apresentada a “Missão Secreta de Partilha III” sobre o Santo António do Pão. Propõe-se realizar uma atividade com os pais na Igreja da Senhora das Graças, em Bragança, em tempo oportuno. A atividade consta de um guião⁴³³ em papel com várias atividades a desenvolver no guião e através do telemóvel com a leitura de QR codes⁴³⁴ posicionados em locais estratégicos da Igreja. Entrega-se aos alunos o guião em papel para levar para casa.

Esta atividade tem por objetivo levar à descoberta do que é “ser pão para os outros”, através do exemplo de um santo tão venerado na cidade de Bragança. Este exemplo cristão de “pão para os outros” surge no fim da unidade letiva, como o culminar da temática para proporcionar aos alunos o conhecimento de uma personalidade, que se alicerça nos valores do Evangelho, dedicam-se à partilha e à ajuda os mais necessitados. Tem também como objetivo envolver a família e suscitar o diálogo sobre a temática, por forma a reforçar a aprendizagem dos valores da partilha.

Esta temática é finalizada com uma última intervenção⁴³⁵ do Miguel e da Maria, provocando a reflexão sobre o ser pão para os outros.

Para finalizar a Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, os alunos são desafiados a testar os conhecimentos adquiridos ao longo da unidade letiva, através da realização de um Quiz⁴³⁶ em grupo executado através do telemóvel. Cada questão tem a duração de trinta segundos, sendo permitido a cada grupo repetir a prova, proporcionando assim uma maior reflexão sobre cada pergunta. A prova inicia com a ida de um elemento de

⁴³³ Cf. Anexo 36.

⁴³⁴ Cf. Anexo 37.

⁴³⁵ Cf. Anexo 38.

⁴³⁶ Cf. Anexo 39.

cada grupo ao retroprojeter para fazer a leitura de um código QR Code⁴³⁷ através do telemóvel. O Quiz vai permitir aos alunos, de uma forma sintética e resumida, perceber a sequência e a ligação de todos os conteúdos da unidade letiva.

Finalizada esta descrição pormenorizada das aulas da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, seguem-se os planos de aula lecionados.

⁴³⁷ Cf. Anexo 40.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "A Partilha do Pão"

Aula n.º 1/7

Ano: 6.º | Turma: A

Data: 26.02.2018

Tempo previsto: 45 mim.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Introdução à Unidade Letiva, "A partilha do pão". A importância da alimentação. Apresentação do Desafio II "Missões Secretas de Partilha".			- Acolhimento e apresentação. O professor irá recordar aos alunos o porquê de ser ele a lecionar esta Unidade Letiva.		08 mim.	Assiduidade e pontualidade
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (Domínio: ÉTICA E MORAL).	- Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	- A alimentação: a refeição como festa e experiência de encontro. - O ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.	- Apresentação da Unidade Letiva: "A Partilha do Pão" com a apresentação do vídeo sobre a partilha intitulado "Chichen a la Carte" consultado e retirado em 22 de fevereiro de 2018, da página da internet: https://www.youtube.com/watch?v=CKMgq3NZKWg - Debate/discussão sobre a temática apresentada. - Apresentação e entrega do "Diário da Partilha" como descoberta da Unidade Letiva. É solicitado a cada aluno que escreva o nome, número e turma. Este anexo ao "Caderno Diário" será usado em todas as aulas. - Apresentação das personagens Miguel e Maria que constam no manual do aluno em formato de fantoche. Ao longo da Unidade Letiva dois alunos em cada aula vão assumir estas duas personagens e as suas intervenções. Começando pelo Delegado e Subdelegado passado o testemunho a outros dois colegas à sua escolha e assim sucessivamente. - De seguida cada aluna e aluno vão apresentar-se utilizando de apoio o Miguel e a Maria.	Computador Videoprojetor Programa: Media Player Diário da Partilha Fantoche Miguel e Maria	10 mim. 05 mim. 10 mim.	Atenção, empenho e participação na aula Cooperação com os colegas Cumprimento das regras de sala de aula Atenção e concentração Participação pertinente e

		<p>- A refeição: a gastronomia como referência cultural e pratos típicos de Portugal.</p>	<p>- Diálogo entre Miguel e Maria do manual do aluno p. 82.</p> <p>- Entrega em papel autocolante do Miguel e da Maria a colocar no "Diária da Partilha". De seguida, colocação de duas questões: refeição favorita e prato favorito, a responder no Diário da Partilha como trabalho de casa.</p> <p>- Apresentação e explicação do Desafio 2 "Missões Secretas de Partilha" a realizar ao longo da Unidade Letiva. Este desafio baseia-se num jogo em equipa. Tem como objetivo desenvolver o trabalho em equipa e a partilha. Vai servir de apoio ao processo ensino-aprendizagem em alguns temas. Serão formadas 5 equipas. Cada equipa estará 20 mim. fora da sala de aula. O jogo consta de um conjunto de mensagens a descobrir na escola fornecendo um conjunto de informação e dinâmicas relativas a um tema, indo ao encontro do imaginário destas idades (descoberta, explorar o desconhecido, mistério, competição, o gosto pela aventura). O meio de comunicação no jogo far-se-á através de um código (código angular), recebendo todas as mensagens em código.</p> <p>- Registo no "Diário da Partilha".</p> <p>- É solicitado aos alunos que formem equipas com quatro elementos durante a semana, a entregar ao Professor no início da aula seguinte.</p> <p>- Entrega de cartão para formarem equipa.</p> <p>- Registo do sumário no Caderno Diário.</p>	<p>Manual do aluno</p> <p>Diário da Partilha Caneta</p> <p>Quadro e caneta</p> <p>Diário da Partilha</p> <p>Cartão em papel</p> <p>Caderno Diário</p>	<p>10 mim.</p> <p>02 mim.</p>	<p>oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.</p>
--	--	---	--	---	-------------------------------	--



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "A Partilha do Pão"

Aula n.º 2/7

Ano: 6.º | Turma: A

Data: 05.03.2018

Tempo previsto: 45 mim.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<p>SUMÁRIO: A importância da alimentação e a experiência de encontro na refeição. Apresentação do Desafio I "Partilha em Cadeia".</p>			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos. - Registo do Sumário. 	Caderno diário	05 mim.	Assiduidade e pontualidade
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (Domínio: ÉTICA E MORAL).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descobrir a dimensão simbólica da refeição. - Saber trabalhar em grupo e saber partilhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - A alimentação: a refeição como festa e experiência de encontro. - O ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitação aos alunos sobre o conteúdo lecionado na aula anterior. - Recolha da proposta de equipa (5 equipas). - Oficialização das equipas (grupos). - Reforço da explicação da aula anterior do Desafio 2 "Missões Secretas de Partilha" a realizar ao longo da Unidade Letiva. - Verificação no "Diário da Partilha" das respostas às perguntas "refeição favorita e prato favorito", como trabalho de casa. Partilha das respostas por equipas. Entrega de autocolantes relativos ao tema para enriquecer as respostas. - Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre a importância da alimentação: <ul style="list-style-type: none"> . A refeição; . A refeição como festa e experiência de encontro. 	<p>Diário da Partilha</p> <p>Autocolantes</p> <p>Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint</p>	<p>05 mim.</p> <p>05 mim.</p> <p>15 mim.</p>	<p>Atenção, empenho e participação na aula</p> <p>Cooperação com os colegas</p> <p>Cumprimento das regras de sala de aula</p>

		<p>- A refeição: a gastronomia como referência cultural e pratos típicos de Portugal.</p> <p>- A importância da alimentação no nosso dia a dia.</p>	<p>- Diálogo com os alunos sobre o exposto.</p> <p>- Realização e correção de um texto com lacunas para preencher palavras a realizar no Diário da Partilha sobre a importância da alimentação (trabalho de grupo).</p> <p>- Diálogo entre Miguel e Maria do manual do aluno p. 84.</p> <p>- Pedido como trabalho de casa de relato no "Diário da Partilha" do jantar em casa aos domingos. Entrega em papel autocolante para colocar no "Diário da Partilha" de um Miguel e uma imagem referente ao estar à mesa.</p> <p>- Apresentação do vídeo sobre a partilha em cadeia intitulado "Gentileza" consultado e retirado em 22 de fevereiro de 2018, da página da internet: https://www.youtube.com/watch?v=5wJkosbSjBA.</p> <p>- Na sequência do vídeo, apresentação e explicação do Desafio 1 "Partilha em Cadeia" a realizar ao longo da Unidade Letiva. Cada aluno é desafiado a fazer experiências de partilha a nível individual ao longo da unidade, ajudando três pessoas que precisem, querendo em troca que cada uma ajude outras três e assim sucessivamente.</p> <p>- Elaboração de um esquema, no Diário da Partilha, para ir registando as pessoas ajudadas.</p> <p>- Apresentação/esclarecimento de dúvidas relativas à plataforma online: https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao.</p>	<p>Diário da Partilha</p> <p>Manual do aluno Fantoche Miguel e Maria</p> <p>Diário da Partilha Autocolante</p> <p>Computador Videoprojetor Programa: Media Player</p> <p>Quadro e caneta</p> <p>Diário da Partilha</p> <p>Computador Videoprojetor</p>	<p>15 mim.</p>	<p>Atenção e concentração</p> <p>Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas</p> <p>Trabalho cooperativo de grupo</p> <p>Curiosidade</p>
--	--	---	---	--	----------------	---



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "A Partilha do Pão"

Aula n.º 3/7

Ano: 6.º | Turma: A

Data: 12.03.2018

Tempo previsto: 45 mim.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<p>SUMÁRIO: O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. Realização do Desafio II "Missão Secreta de Partilha I".</p>			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos. - Registo do Sumário. 	Caderno diário	05 mim.	Assiduidade e pontualidade
<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas (Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o significado simbólico-religioso na cultura judaico-cristã da alimentação. - Compreender o significado simbólico do pão, azeite, vinho, água, cordeiro. - Saber trabalhar em grupo e saber partilhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. - A importância da alimentação/refeição como dádiva de Deus. - A partilha em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Verificação no "Diário da Partilha" do relato dos jantares em família ao domingo. - Contextualização e início do Desafio II "Missões Secretas de Partilha I" (trabalho em equipa fora da sala de aula). Este jogo tem como objetivo descobrir a importância do significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. As 5 equipas terão 20 min fora da sala de aula para realizar o jogo. O jogo consta num conjunto de mensagens a descobrir na escola que vão fornecer informação relativa a um símbolo no Antigo e Novo Testamento e nas celebrações cristãs. - O jogo inicia com a entrega de um envelope a cada equipa que vai encaminhar ao próximo e assim sucessivamente. Cada envelope tem informação e atividades. - Ao fim de 20 mim cada equipa regressa à sala e conclui o jogo no "Diário da Partilha" e de seguida 	<p>Envelopes, papel e lápis</p> <p>Diário da Partilha</p>	<p>05 mim.</p> <p>05 mim.</p> <p>20 mim.</p> <p>10 mim.</p>	<p>Atenção, empenho e participação na aula</p> <p>Cooperação com os colegas</p> <p>Cumprimento das regras de sala de aula</p> <p>Atenção e concentração</p> <p>Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas</p>

			partilha com as restantes equipas o resultado da sua "Missão Secreta de Partilha I". - Diálogo com os alunos sobre o jogo.	Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint	05 mim.	Trabalho cooperativo de grupo Curiosidade
--	--	--	--	--	---------	--



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "A Partilha do Pão"

Aula n.º 4/7

Ano: 6.º | Turma: A

Data: 19.03.2018

Tempo previsto: 45 mim.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Conclusão do Desafio II "Missão Secreta de Partilha I". Autoavaliação.			- Acolhimento aos alunos. - Registo do Sumário.	Caderno diário	05 mim.	Assiduidade e pontualidade
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas (Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA).	- Compreender o significado simbólico religioso na cultura judaico-cristã da alimentação.	- Trabalho de grupo. - O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. - A importância da alimentação/refeição como dádiva de Deus.	- Continuação da conclusão do Desafio II Missão Secreta de Partilha I, no "Diário da Partilha". - Diálogo com os alunos sobre o jogo. - Cada equipa partilha com as restantes a sua Missão Secreta de Partilha. - Correção da Missão Secreta de Partilha.	Lápis Diário da Partilha	10 mim.	Atenção, empenho e participação na aula Cooperação com os colegas
J. Descobrir a simbólica cristã (Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA).	- Compreender o significado simbólico do pão, azeite, vinho, água, cordeiro. - Saber trabalhar em grupo e saber partilhar.		- Autoavaliação com os alunos. - Incentivo à participação na Celebração Pascal da Escola.	Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint Diário da Partilha Folha de papel	10 mim. 15 mim. 05 mim.	Cumprimento das regras de sala de aula Atenção e concentração Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "A Partilha do Pão"

Aula n.º 5/7

Ano: 6.º | Turma: A

Data: 09.04.2018

Tempo previsto: 45 mim.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A fome e a distribuição injusta dos bens. A importância da solidariedade. Proposta do Desafio III "Partilha na Escola".			- Acolhimento aos alunos. - Registo do Sumário.	Caderno diário	05 mim.	Assiduidade e pontualidade
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (Domínio: ÉTICA E MORAL).	- Reconhecer situações sociais nos quais esteja patente a injusta na distribuição dos bens.	- Alimentação um direito de todos. - A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.	- Solicitação aos alunos da experiência da Celebração Pascal da Escola. - Apresentação do vídeo de introdução ao tema A fome e injusta distribuição dos bens, intitulado "Dia Mundial da Alimentação 2017 - Organização FAO" consultado e retirado em 29 de março de 2018, da página da internet: https://www.youtube.com/watch?v=d_Aq3JuRAYQ . - Na sequência do vídeo, apresentação e explicação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: . A alimentação: um direito de todos; . A fome e subnutrição; (Entrega aos alunos de uma imagem autocolante de uma situação de pobre e em papel autocolante do artigo 25.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a colocar no Diário de Partilha). - Apresentação do vídeo de introdução ao tema A fome e injusta distribuição dos bens, intitulado "Dia Mundial	Computador Videoprojetor Programa: Media Player Computador Programa: PowerPoint Diário da Partilha Papel autocolante Computador Videoprojetor	05 mim. 05 mim. 05 mim.	Assiduidade e pontualidade Atenção, empenho e participação na aula Cooperação com os colegas Cumprimento das regras de sala de aula

<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro (Domínio: ÉTICA E MORAL).</p>	<p>- Reconhecer o valor da solidariedade.</p>	<p>- A fome e a subnutrição.</p>	<p>da Alimentação - United Nations" consultado e retirado em 29 de março de 2018, da página da internet: https://youtu.be/qE64NZw01ZM.</p> <p>- Na sequência do vídeo, apresentação e explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Falta e desperdício de comida; . Colocação da questão: como podemos nós ajudar? . Respostas orais. . Diálogo entre Miguel e Maria do manual do aluno p. 101, como resposta à pergunta. 	<p>Programa: Media Player</p>	<p>10 mim.</p>	<p>Atenção e concentração</p>
		<p>- Solidariedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> . A solidariedade como responsabilidade recíproca entre os elementos de um grupo social, profissional ou de uma comunidade; . A solidariedade como meio para a realização e felicidade da pessoa humana; . A importância da solidariedade na promoção da dignidade humana. 	<p>- Apresentação e explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Causas da fome; . A pobreza e a injusta distribuição de bens. . Diálogo entre Miguel e Maria do manual do aluno p. 103. Realização no Diário de Partilha da correspondência de duas colunas sobre as causas da fome, do manual do aluno na p. 103. <p>- Apresentação e explicação em PowerPoint de carácter expositivo sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> . A importância da solidariedade; . Apresentação sumária de 5 instituições vocacionadas para a solidariedade. <p>- Apresentação do Desafio III "Partilha na Escola". Promover a partilha nos outros (comunidade escolar) Cada aluno é desafiado a criar frases positivas que incentivem à partilha. Posteriormente serão colocadas pela escola em papel picotado em diversos locais.</p> <p>- Entrega de folha de papel personalizada para o efeito a fim de em casa escreverem frases de partilha.</p>	<p>Computador Programa: PowerPoint</p> <p>Fantoche Miguel e Maria Manual do aluno</p> <p>Computador Programa: PowerPoint</p> <p>Fantoche Miguel e Maria Manual do aluno Diário da Partilha</p> <p>Computador Programa: PowerPoint</p> <p>Folha de papel</p>		



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "A Partilha do Pão"

Aula n.º 6/7

Ano: 6.º | Turma: A

Data: 16.04.2018

Tempo previsto: 45 mim.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A partilha e a importância do Voluntariado. Instituições vocacionadas para a luta contra a fome. Desafio II "Missões Secretas de Partilha II".			- Acolhimento aos alunos. - Registo do Sumário.	Caderno diário	05 mim.	Assiduidade e pontualidade
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro (Domínio: ÉTICA E MORAL).	- Valorizar a atitude de voluntariado. - Apreender o conceito de voluntariado. - Conhecer as motivações que devem presidir a um voluntariado autêntico.	- A diversidade de carismas no serviço: . O que é o voluntariado? . As diferentes áreas de voluntariado; . As qualidades de cada pessoa colocadas ao serviço da comunidade.	- Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior. - Recolha do trabalho de casa, folha com frases positivas de partilha para o Desafio III. - Apresentação do vídeo de introdução ao tema O Voluntariado, intitulado "O que é ser voluntário? – Canção Nova Portugal" consultado e retirado em 29 de março de 2018, da página da internet: https://www.youtube.com/watch?v=E7QxOHtp1A .	Computador Videoprojetor Programa: Media Player	05 mim. 02 mim.	Atenção, empenho e participação na aula
Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (Domínio: ÉTICA E MORAL).	- Conhecer as motivações que devem presidir a um voluntariado autêntico. - Conhecer diferentes exemplos e áreas de voluntariado.		- Na sequência do vídeo, apresentação e explicação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: . A importância do voluntariado; . O voluntariado como ação de colaboração de forma desinteressada; . As diversas áreas em que podemos ser útil de acordo com as nossas qualidades; . Apresentação sumária de 5 instituições assentes no voluntariado.	Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint	05 mim.	Cooperação com os colegas

	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome. - Conhecer o papel e a relevância das organizações de solidariedade social em diversos contextos sociais. - Reconhecer a importância das instituições nacionais e internacionais na luta contra a fome no mundo. - Saber trabalhar em grupo e saber partilhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho de grupo. - Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: <ul style="list-style-type: none"> - A FAO (Food and Agriculture Organization/Organização para a Alimentação e a Agricultura): <ul style="list-style-type: none"> . História; . Objetivos; . Principais atividades. - O Banco Alimentar Contra a Fome: <ul style="list-style-type: none"> . História . Objetivos; . Principais atividades. - Cáritas: <ul style="list-style-type: none"> . História; . Objetivos; . Principais atividades. - Sociedade de S. Vicente de Paulo: <ul style="list-style-type: none"> . História; . Objetivos; . Principais atividades. - Comunidade Vida e Paz: <ul style="list-style-type: none"> . História; . Objetivos; . Principais atividades. - A partilha em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualização e início do Desafio II "Missões Secretas de Partilha II". Este jogo tem como objetivo levar os alunos à descoberta de 5 instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome. Jogam em 5 equipas, as já formadas para a Missão Secreta de Partilha I. Cada equipa estará 15 mim., fora da sala de aula. O jogo consta de um conjunto de mensagens a descobrir na escola que vão fornecer informação relativa a uma Instituição, sua história, objetivos e suas atividades. - O jogo inicia com a entrega de um envelope a cada equipa que vai encaminhar ao próximo e assim sucessivamente. Cada envelope tem informação e atividades a desenvolver. - Ao fim de 15 mim cada equipa regressa à sala e conclui o jogo no "Diário da Partilha" e partilha com as restantes equipas a sua Missão Secreta de Partilha. - Diálogo com os alunos sobre o jogo. - Colação da questão em PowerPoint "Como poderei eu ajudar no combate à fome?". - Diálogo com os alunos sobre a questão. - Diálogo entre Miguel e Maria do manual do aluno p. 106. 	<ul style="list-style-type: none"> Envelopes, papel e lápis Telemóvel Diário da Partilha Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint Fantoches Miguel e Maria Manual do aluno 	<ul style="list-style-type: none"> 05 mim. 15 mim. 05 mim. 03 mim. 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprimento das regras de sala de aula Atenção e concentração Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas Trabalho cooperativo de grupo Curiosidade
--	--	--	---	---	--	--



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "A Partilha do Pão"

Aula n.º 7/7

Ano: 6.º | Turma: A

Data: 23.04.2018

Tempo previsto: 45 mim.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A Última Ceia como representação da entrega de Jesus: ser pão para os outros. Exemplos cristãos.			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos. - Registo do Sumário. 	Caderno diário	05 mim.	Assiduidade e pontualidade
J. Descobrir a simbólica cristã (Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA).	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho de grupo. - A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor (Mc 14,12-25). - O alimento como presença real de Jesus entre os seus discípulos. - A Eucaristia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior. - Avaliação dos efeitos na comunidade escolar do Desafio III. - Os alunos vão trabalhar a aula toda em grupo tendo duas questões para resolver e sua partilha com os colegas, finalizando com a resolução de um Quiz avaliativo de toda a Unidade Letiva. - Entrega de uma pergunta a cada grupo das que se seguem: Qual a figura central?; Quem O rodeia?; O que está em cima da mesa?; Qual o significado que poderá ter a mesa?; Quem é autor do quadro? - Entrega em papel autocolante de um quadro da Última Ceia a colocar no Diário da Partilha. - É solicitado a cada grupo que observe o quadro com muita atenção e responda por escrito no Diário da Partilha à pergunta que lhe calhou. Cada grupo partilha com os outros a sua resposta oralmente. 	<ul style="list-style-type: none"> Folha de papel Diário da Partilha Papel autocolante Diário da Partilha Lápis 	<ul style="list-style-type: none"> 05 mim. 20 mim. 	<ul style="list-style-type: none"> Atenção, empenho e participação na aula Cooperação com os colegas Cumprimento das regras de sala de aula Atenção e concentração

<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro (Dominio: ÉTICA E MORAL).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si. - Saber trabalhar em grupo e saber partilhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - A partilha em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrega a cada aluno, em papel autocolante da passagem da Última Ceia de Mc 14,12-25, a colocar no Diário da Partilha. É solicitado a cada aluno que leia uma frase da passagem da Última Ceia. - Entrega de uma segunda pergunta a cada grupo das que se seguem: O que significa, para os povos orientais, estar à mesa?; O que introduziram os judeus no estar à mesa?; Quais as pessoas que Jesus tem à sua mesa?; Quais são as palavras que Jesus usa para transformar o Pão e o Vinho?; Que novo significado Jesus atribuiu ao Pão e ao Vinho? As respostas só serão dadas depois de feita a reflexão sobre estes conteúdos. - Na sequência das perguntas, apresentação e explicação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: <ul style="list-style-type: none"> . Os povos orientais à mesa; . Os Judeus à mesa; . Que significado deu Jesus à Última Ceia; . A mensagem da Última Ceia; . Pessoas com quem Jesus estava à mesa. - É solicitado a cada grupo que responda por escrito no Diário da Partilha à pergunta que lhe calhou. Cada grupo partilha com os outros a sua resposta oralmente. 	<ul style="list-style-type: none"> Papel autocolante Diário da Partilha Folha de papel Computador Programa: PowerPoint Lápis Diário da Partilha 	<ul style="list-style-type: none"> Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas Trabalho cooperativo de grupo Curiosidade
	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar a atitude do voluntariado. 	<ul style="list-style-type: none"> - A importância do serviço na relação com os outros. - Exemplo cristão de "pão para os outros": Santo António. - Ser pão para os outros. - A doação de si mesmo. - O amor partilhado com os mais necessitados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da Missão Secreta de Partilha III, sobre o Santo António. Os alunos são desafiados em momento oportuno em família a visitar a Igreja de Nossa Senhora das Graças e a executar esta Missão. - Entrega em papel do Guião da Missão. - Diálogo entre Miguel e Maria do manual do aluno p. 114. - Diálogo da Maria do manual do aluno p. 115. - Para finalizar a Unidade Letiva 3, "A Partilha do Pão", os alunos são desafiados a testar os conhecimentos adquiridos através de um Quiz realizado em grupo através do telemóvel. Cada questão terá a duração de 0.30 segundos, sendo permitido a cada grupo repetir a prova. Cada grupo irá ao retroprojetor com o telemóvel fazer a leitura do código QR Code. Depois do telemóvel fazer a leitura do Qr inicia-se o Quiz. 	<ul style="list-style-type: none"> Guião em papel Fantoches Miguel e Maria Manual do aluno Telemóvel Quiz Qr Code Telemóvel 	<ul style="list-style-type: none"> 05 mim. 10 mim.

2.3. Avaliação

Apresentados os planos de aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, depois de pensadas, problematizadas, esquematizadas e lecionadas no sexto ano de escolaridade, surge, agora a fase da avaliação das aulas lecionadas através da análise dos conteúdos, estratégias, recursos e modelos de ensino utilizados na procura de uma eficaz e consistente aprendizagem por parte dos alunos. A partir desta experiência de leção, procurou-se abrir e partilhar novas perspetivas didático pedagógicas para a instrução desta Unidade Letiva.

A avaliação é o processo que determina até que ponto os objetivos educacionais são realmente alcançados pelos alunos. Para esse efeito, o trabalho do professor na sala de aula é recolher uma série de informação sobre o aluno e registá-la para que a avaliação seja um processo de controlo das aprendizagens.

O ato de avaliar é um processo exigente, nem sempre justo, pela complexidade que envolve. Assim, define-se avaliação como processo complexo e global, que tem como função atribuir valor, sobretudo na avaliação das aprendizagens do aluno.

Por conseguinte, a avaliação é o momento em que o professor se apercebe se o modelo de ensino, as estratégias e as dinâmicas surtiram efeito positivo nos alunos. Serve para fornecer indicações sobre os alunos de forma a ajudá-los a conduzir o seu trabalho, contemplando positivamente as necessidades, curiosidades e solicitações dos mesmos, na medida em que, quando se avalia, reconhece-se o progresso de cada aluno e as suas características.

A planificação foi sempre cumprida, fazendo uma gestão do tempo centrado nas necessidades, interesses e ritmos dos alunos, tornando o papel destes mais ativo no processo de ensino aprendizagem. Os objetivos propostos, de uma forma geral, foram atingidos. Houve uma alteração de seis para sete aulas planificadas porque a quarta aula coincidiu com o final do segundo período, sendo necessário dedicar grande parte dessa aula à autoavaliação do referido período de leção, tornando, desta forma, este acréscimo de tempo uma mais-valia para efetivar aprendizagens. Teve-se sempre a preocupação de adaptar a planificação à realidade da turma, bem como a ligação dos temas e das estratégias utilizadas, de modo a haver uma coerência e estes serem acessíveis aos alunos.

Desde o início de cada aula até à transcrição do sumário, todas as aulas foram planificadas de forma semelhante, com exceção da primeira aula, cujo sumário foi

escrito no final da aula, atendendo ser a primeira aula da Unidade Letiva com o professor estagiário.

No começo de cada aula houve um momento para o acolhimento dos alunos. Apesar de este ser curto, foi fundamental para desenvolver uma relação humana de proximidade entre o professor e o aluno.

Ao nível dos recursos utilizados, segundo a percepção que se teve pelas reações dos alunos no decorrer das aulas, destacam-se as várias “Missões Secretas de Partilha”, contribuindo para que houvesse uma maior socialização dos alunos, desenvolvendo competências que permitem o trabalho cooperativo e alicerçar os valores da partilha entre pares. Para além destes, foram usados outros recursos, procurando-se utilizar estratégias diferenciadas, embora algumas delas não tenham surtido o efeito desejado.

Os conteúdos foram apresentados utilizando uma linguagem clara de acordo com o nível etário dos alunos e não esquecendo o rigor científico. Procurou-se também, fazer uma movimentação correta na sala de aula, implementando um clima favorável às aprendizagens dos alunos.

Os alunos participaram ativamente, no entanto existiram algumas intervenções inoportunas e alguns momentos de maior agitação e desordem provocados pela novidade das dinâmicas.

No fim de cada aula houve sempre uma sintetização dos conteúdos abordados para uma maior consolidação dos mesmos.

Relativamente à página da internet criada exclusivamente para a leção da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, esta permitiu um maior aprofundamento da Unidade por parte dos alunos, servindo como suporte complementar às aulas e meio de interação entre o professor estagiário, os pais e os alunos. Como o tempo de adaptação e interiorização desta tecnologia em contexto de sala de aula foi reduzido, não permitiu a eficácia desejada como se o recurso tivesse sido utilizado ao longo de todo o ano letivo para as diversas unidades letivas do programa. No entanto, considerou-se esta estratégia pertinente e com potencialidades que podem enriquecer o processo ensino-aprendizagem. Tenciona-se utilizar esta ferramenta futuramente em leções anuais. Muitos dos alunos acederam a esta página principalmente na pesquisa dos recursos, ou para jogar via telemóvel, fazendo-se uma avaliação positiva da mesma.

Ao longo da instrução da Unidade Letiva 3, do sexto ano de escolaridade, a avaliação dos alunos esteve sempre presente. Utilizou-se como instrumentos de avaliação a assiduidade, a pontualidade, a participação ativa e organizada, a

atenção/concentração, o respeito pelos outros, o trabalho cooperativo de grupo, a curiosidade e a realização das tarefas dos desafios I, II e III. Para tal, foi utilizado uma grelha de registo diário do desempenho dos alunos.⁴³⁸

O pouco tempo de lecionação e o facto do professor estagiário não ter participado nas reuniões de conselho de turma levou a que não fosse feita uma articulação conjunta de interdisciplinaridade. No entanto, a mesma esteve presente no decorrer das aulas aquando da instrução dos conteúdos. Procurou-se fazer a melhor articulação possível com os conteúdos das diversas áreas disciplinares, nomeadamente de Português, História e Geografia de Portugal, Ciências Naturais, Educação Visual e Educação Musical.

No cômputo geral, a planificação e execução da unidade letiva tiveram um conjunto significativo de práticas pedagógicas inovadoras, bem como de recursos utilizados.

Porém, isto não é o fim de uma etapa, mas simplesmente um começo para melhorar a lecionação. A Prática de Ensino Supervisionada foi uma experiência muito enriquecedora para o desenvolvimento no desempenho de docente.

⁴³⁸ Cf. Anexo 41.

CONCLUSÃO

A chegada ao final de mais uma etapa não significa a conclusão de um caminho, mas sim o desafio da busca de uma nova etapa a nível profissional e pessoal.

Todo este percurso foi extremamente enriquecedor na aquisição de novas competências, capacitando para as novas exigências da educação, particularmente da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, na atualidade. Este percurso de desenvolvimento pedagógico e didático, permitiu, a partir da investigação, uma maior aprendizagem e amadurecimento de conceitos. Neste contexto, destacam-se as aprendizagens que esta reflexão proporcionou, nomeadamente ao nível da definição de estratégias e de metodologias pedagógico-didáticas capazes de melhor conduzir os alunos à aquisição de conhecimentos e ao desenvolvimento de capacidades, a partir dos conteúdos do programa de EMRC, permitindo assim o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.

A concretização desta etapa leva a uma avaliação da capacidade de trabalho, sendo determinada pela vontade, pelo espírito de sacrifício, mas, acima de tudo, é o resultado de um trabalho conjunto, o qual nunca se conseguiria realizar individualmente. É uma lição do verdadeiro sentido da partilha. Para tal, foram preponderantes as pessoas que me acompanharam neste projeto: a família, os amigos, a professora orientadora, o professor cooperante e os colegas da Prática do Ensino Supervisionada. Sem o bom ambiente e o excelente trabalho cooperativo entre todos os intervenientes, teria, sem dúvida, sido muito mais difícil a realização deste projeto.

O trabalho *Educar para a Partilha* resulta da experiência teórica e prática, que poderá contribuir para o exercício da atividade docente dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica e servir como meio de sensibilização para a pertinência da educação para os valores e compreensão da importância decisiva dos valores da partilha na formação integral de cada criança e jovem.

Pretende-se, assim, que a educação nas escolas através da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica possa contribuir para uma maior vivência solidária, assente nos valores da partilha, aberta aos mais necessitados, modificando atitudes e comportamentos.

Ser pão para os outros é medicamento para combater o individualismo, a indiferença, o egoísmo, conceitos que caracterizam o mundo contemporâneo e, conseqüentemente, as crianças e os jovens de hoje. Cada vez mais ligados em rede, cada vez mais distantes em presença, as crianças e os jovens foram perdendo a capacidade de olhar a realidade à sua volta e perceber que todos somos responsáveis por todos.

O desafio é educar para a partilha.

Tal como se começou, termina-se com um pensamento do Arcebispo José Tolentino Mendonça, “Alimentamo-nos uns dos outros. Somos uns para os outros, na escuta e na palavra, no silêncio e no riso, no dom e no afeto, um alimento necessário, pois é de vida (e de vida partilhada) que as nossas vidas se alimentam”⁴³⁹.

⁴³⁹ Mendonça, *Pai-Nosso que estais na terra*, 109.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora Bíblica, 1995.

2. Documentos do Magistério da Igreja

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Constituição sobre a sagrada Liturgia* «*Sacrosanctum Concilium*». AAS 96 (1964) 97-134, consultado http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html, acedido em 28 de maio de 2018.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Declaração sobre a educação cristã* «*Gravissimum Educationis*». AAS 58 (1966) 728-739, consultado http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html, acedido em 5 de julho de 2018.

Papa João Paulo II. *Carta Encíclica* «*Ecclesia de Eucharistia*», AAS 95 (2003) 433-475, consultado http://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia_eucharistia_po.html, acedido em 28 de maio de 2018.

Papa João Paulo II. *Mensagem ao Padre Lanfranco Serrini por ocasião do VIII centenário do nascimento de Santo António de Pádua*, AAS 87 (1994) 968-971, consultado http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_19940613_padre-serrini.html, acedido em 28 de maio de 2018.

Papa Bento XVI. *Carta Encíclica* «*Deus caritas est*». AAS 98 (2006) 217-252, consultado http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html, acedido em 1 de agosto de 2018.

Papa Bento XVI. *Carta Encíclica* «*Caritas in Veritate*», AAS 101 (2009) 641-709, consultado http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html, acedido em 1 de agosto de 2018.

Papa Bento XVI. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis*, AAS 99 (2007) 105-180, consultado http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html#Sant%C3%ADssima_Trindade_e_Eucaristia_, acedido em 30 de maio de 2018.

Papa Francisco. *Carta Encíclica* «*Lumen Fidei*», AAS 105 (2013) 555-596, consultado http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html, acedido em 28 de maio de 2018.

Papa Francisco. *Carta Encíclica* «*Laudato si'*», ASS 107 (2015) 847-945, consultado http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html, acedido em 28 de maio de 2018.

Pontifício Conselho Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, consultado http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html, acessado em 16 de agosto de 2018.

3. Conferência Episcopal Portuguesa

Conferência Episcopal Portuguesa. *Educação: Direito e dever - missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Responsabilidade solidária pelo bem comum*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2003.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2006.

Conferência Episcopal Portuguesa. *A Escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*. Moscavide: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008.

4. Enciclopédias e Dicionários

Cremaschi, Lisa, “A Páscoa de Jesus e a Páscoa na Igreja”. In *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, coordenada por Gianni Ambrosio. Lisboa: Editora Verbo, 2004.

Freitas, Cândido Varela de, “Educação”. In *Enciclopédia Verbo, Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, coordenada por Jorge Colaço e George Vicente, 1227-1228. Braga: Editorial Verbo, 1999.

Oliveira, António de, “pão”. In *Enciclopédia Verbo, Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XXII, coordenada por Jorge Colaço e George Vicente, 52-53. Braga: Editorial Verbo, 2002.

Peres, Emílio, “pão”. In *Enciclopédia Verbo, Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XXII, coordenada por Jorge Colaço e George Vicente, 53-55. Braga: Editorial Verbo, 2002.

Machado, José Pedro, “Educação”. In *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

Ferreira (Direção Editorial), Maria Fernanda M. Soares e Vitor Wladimiro, “Pão”. In *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, vol. XIII. Alfragide: Ediclube, 1996.

Lisboa, Academia das Ciências de, “Partilha”. In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

Lisboa, Academia das Ciências de, “Valor”. In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

5. Legislação consultada

Parlamento. “Constituição da República Portuguesa”. Acedido em 20 de junho de 2018. <http://www.parlamento.pt/Legislacao/PAGINAS/CONSTITUICAOREPUBLICAPORTUGUESA.ASPX>.

Diário da República Eletrónico. “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Acedido em 20 de junho de 2018. <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

UNICEF. “A Convenção sobre os Direitos da Criança”. Acedido em 20 de junho de 2018. <https://www.unicef.pt/actualidade/publicacoes/0-a-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca/>.

Diário da República Eletrónico. “Lei n.º 46/86 – Lei de Bases do Sistema Educativo”. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 237/1986, de 14 de outubro de 1986. Acedido em 6 de agosto de 2018. https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/222418/details/normal?_search_WAR_drefrontofficeportlet_print_preview=print-preview.

Diário da República Eletrónico. “Decreto-Lei n.º 240/2001”. *Diário da República*, 1.ª Série A, n.º 201/2001, de 30 de agosto de 2001. Acedido em 25 de agosto de 2018. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/631837/details/maximized>.

Diário da República Eletrónico. “Despacho n.º 6478/2017”. *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 143/2017, de 26 de julho de 2017. Acedido em 20 de junho de 2018. <https://dre.pt/home/-/dre/107752620/details/2/maximized>.

Diário da República Eletrónico. “Decreto-Lei n.º 54/2018”. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 129/2018, de 6 de julho de 2018. Acedido em 20 de junho de 2018. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/115652961/details/maximized>.

6. Bibliografia Geral

Afonso, Belarmino. *O cozer do Pão - aspetos de uma atividade artesanal transmontana*. Bragança: Escola Tipográfica, 1982.

Alves, Herculano. *Símbolos na Bíblia*. Fátima: Difusora Bíblica, 2017.

Andrade, Júlio Vaz de. *Os Valores na Formação Pessoal e Social*. Lisboa: Texto Editora, 1992.

Antunes, Carlos Maria. *Só o Pobre se faz Pão*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

Arends, Richard. *Aprender a ensinar*. Alfragide: Editora McGraw-Hill de Portugal, 1997.

Ávila, António. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Basurko, Xabier. *Para compreender a Eucaristia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.

- Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.
- Bestaniel, Sérgio. *Moralidade pessoal na história. Temas de ética social*. Lisboa: Editora Caritas Portuguesa, 2013.
- Bessa, Nuno, e Anne-Marie Fontaine. *Cooperar para aprender. Uma introdução à aprendizagem cooperativa*. Lisboa: Edições ASA, 2002.
- Breyner, Sophia de Mello. *Contos Exemplares*. Braga: Figueirinhas, 1996.
- Brites, Carla Moita, e Margarida Guerreiro. *O Pão através dos Tempos*. Lisboa: Apenas Livros Lda, 2008.
- Cardoso, Jorge Rio. *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra & Paz, 2013.
- Carneiro, Roberto. “O lugar dos valores na educação.” In *Urgência de educar para valores*, coordenado por Lourenço Xavier de Carvalho, 7-40. Lisboa: LED on Values, 2010.
- Carvalho, Cristina Sá, coord. *Estou contigo, Manual do aluno - EMRC - 6.º Ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.
- Delors, Jacques, coord. *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA, 1996.
- Eliade, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- . *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1999.
- Espeja, Jesús. *Para compreender os Sacramentos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2003.
- Franciscana. *Fontes Franciscanas III - Santo António de Lisboa*. Vol. I. Braga: Editorial Franciscana, 1998.
- Freitas, Luísa Varela de, e Cândido Varela de Freitas. *Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Edições ASA, 2003.
- Gleitman, Henry. *Psicologia*. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 1996.
- Guardini, Romano. *Sinais Sagrados*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- Jacob, Heinrich Eduard. *6000 Anos de Pão*. Lisboa: Antígona, 2003.
- Leite, José, organ. *Santos de cada dia*. Vol. II. Braga: Editorial A.O., 1985.
- Lima, Jorge. “O papel do professor nas sociedades contemporâneas.” *Educação, Sociedade & Culturas* 6 (1996): 47-72.
- Lopes, ofm, P. Fernando Félix. *Santo António de Lisboa-Doutor Evangélico*. Braga: Editorial Franciscana, 1992.

- Lopes, José, e Helena Santos Silva. *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Um Guia Prático para o Professor*. Lisboa: LIDEL, 2009.
- Marques, Ramiro. *Ensinar valores: Teorias e Modelos*. Porto: Porto Editora, 1998.
- Martins, Guilherme d'Oliveira, coord. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação, 2017.
- Matta, Isabel. *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
- Mendonça, José Tolentino. *Nenhum Caminho Será Longo. Para uma Teologia da Amizade*. Prior Velho: Paulinas, 2017.
- . *Pai-Nosso que estais na terra*. Prior Velho: Paulinas, 2014.
- Moita, Fernando. "A missão do professor de EMRC no contexto escolar atual." *Pastoral Catequética* 26 (2013): 53-74.
- Morin, Edgar. *Os sete saberes para a educação futura*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- Muller, Margariada Pereira. *Pão feito em Casa*. Feitoria dos Livros, 2011.
- Neuenschwander, Markus. *Desenvolvimento e identidade na adolescência*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.
- Nunes, D. Tomaz Silva. "Identidade e Metodologia do ensino religiosa escolar." *Pastoral Catequética* 8 (2007): 11-25.
- Parafita, Alexandre. *Antologia de Contos Populares*. Vol. I. Lisboa: Plátano Editora, 2001.
- Patrício, Manuel Ferreira. *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1992.
- Piaget, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- Postic, Marcel. *A relação pedagógica*. Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2008.
- Rema, ofm, Henrique Pinto. *Santo António de Lisboa. Obras Completas*. Vol. I. Lisboa: Editorial Restauração, 1970.
- Rocha, Filipe. *Educar em Valores*. Aveiro: Estante Editora, 1996.
- Savater, Fernando. *O valor de educar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.
- Scicolone, Ildebrando. *A Eucaristia faz a Igreja*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2016.
- Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Guia do Catequista do 6º Ano*. Lisboa: SNEC, 2012.
- . *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: SNEC, 2014.

Serrelheiro, Deolinda. *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*. Lisboa: Editora Reis dos Livros, 1990.

—. *O Ato Educativo Religioso e Moral*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1996.

Sesboüé, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001.

Silva, Valcilene, e Carmen Cadernas. “A comida e a sociabilidade na velhice.” *Revista Kayros*. Vol. X, 1 (2007): 51-69.

Silvestre, Augusto. *Educação, Desenvolvimento e Equidade em Portugal*. Lisboa: Chiado Editora, 2011.

Tavares, José, e Isabel Alarcão. *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1985.

Tavares, José, Anabela Sousa Pereira, Ana Allen Gomes, Sara Marques Monteiro, Alexandra Gomes. *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora, 2007.

Tedesco, Juan Carlos. *O novo pacto educativo*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2008.

Veiga, Américo Martins. *A educação hoje ou a realização integral e feliz da pessoa humana*. Vila Nova de Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2012.

7. Sitiografia

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. “Projeto Educativo.” Acedido a 24 de agosto de 2018.

http://www.aemidiogarcia.pt/images/DocsOrientadores/Projeto_Educativo__Atualizado_em_20_08_2018.pdf.

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. “Escola EB2 Paulo Quintela.” Acedido a 24 de agosto de 2018. <http://www.aemidiogarcia.pt/index.php/aeeg/pq>.

D. José Policarpo. “A Escola Católica ao serviço da missão da Igreja.” *Agência Ecclesia*. Acedido a 1 de agosto de 2018.

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/a-escola-catolica-ao-servico-da-missao-da-igreja/>.

David Rodrigues. “Os direitos humanos e a educação inclusiva.” *Jornal Público*. Acedido em 20 de junho de 2018.

<https://www.publico.pt/2014/01/03/sociedade/opiniao/os-direitos-humanos-e-a-educacao-inclusiva-1618165>.

Frei Alberto Beckhauser. “O Pão de Santo António.” *Franciscanos*. Acedido a 22 de abril de 2018. <http://franciscanos.org.br/?p=18122>.

Guilherme D'Oliveira Martins. "Educação: aproveitar condições únicas..." *Gazeta do Interior*. Acedido a 22 de julho de 2018. <http://www.gazetadointerior.pt/noticias/ano-2018/1533/opiniaio/educacao-aproveitar-condicoes-unicas.aspx>.

Maria Olívia Dias. "Voluntariado e Solidariedade - Realidades Complementares." *Revista Didaskalia*, vol. XXXI, fasc. 1 (2001) 125-151. Acedido a 22 de agosto de 2018. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18559/1/V03101-125-151.pdf>.

Papa Francisco "Audiência Geral, 1 de outubro de 2014." *Vaticano*. Acedido a 20 de agosto de 2018.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html.

Paula Alves e Manuela Raposo. "A inclusão de tecnologias digitais na educação: (re)construção da identidade profissional docente na prática." *Revista Practicum*, vol. II, nº 2 (2017) 2-17. Acedido a 1 de setembro de 2018.

<https://revistapracticum.com/index.php/iop/article/view/27/72>.

Ramiro Marques. "Educar em valores." Acedido a 1 de agosto de 2018.

http://www.eses.pt/usr/Ramiro/docs/etica_pedagogia/EDUCAR%20EM%20VALORES.pdf.

Ramiro Marques. "Modelo da clarificação de valores." Acedido a 1 de agosto de 2018.

http://www.eses.pt/usr/Ramiro/docs/etica_pedagogia/modelo_clarifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20valores.pdf.

The Chicago Manual of Style. "Chicago-Style Citation Quick Guide." Acedido 22 de abril de 2018. http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html.

UNESCO. "Declaração Mundial sobre Educação para Todos." Acedido a 1 de agosto de 2018. <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>.

UNESCO. "A escola e a educação moral face aos imperativos do mundo contemporâneo." Acedido a 1 de agosto de 2018.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0003/000301/030114eb.pdf>.

Wikipedia. "Teoria do Desenvolvimento Moral." Acedido a 1 de agosto de 2018.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lawrence_Kohlberg.

- ANEXOS -

Anexo 1 – Diário da Partilha (caderno)



Anexo 2 – Maria e Miguel (fantoche)



Anexo 3 – Diálogo 1 (Miguel e Maria)



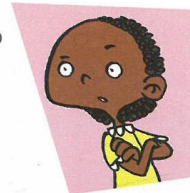
Maria, qual é a tua refeição favorita?

É o almoço. E a tua?

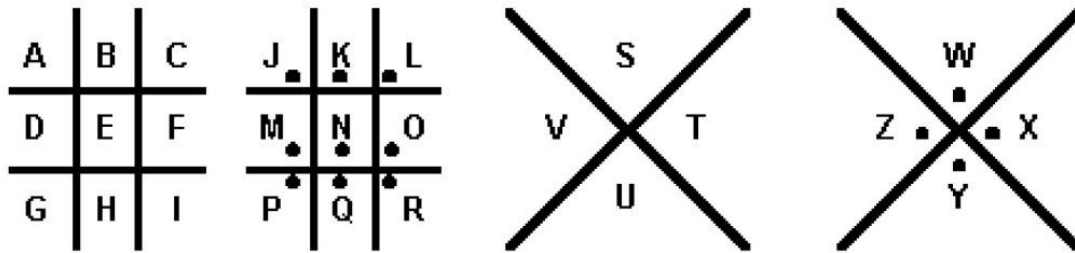
Eu por mim, são todas!... em minha casa eu até sou conhecido como o “limpa restos”. Ainda outro dia, a minha mãe queria aproveitar uns restos de carne do almoço, para fazer empadão de carne para o jantar... só que eu “limpei” a carne toda numa sandes ao lanche!

Que exagero, então uma fatia de queijo não chegava?

Maria, eu estou em crescimento, preciso de me alimentar!... agora queijo, isso é para meninos!



Anexo 4 – Código Angular



Anexo 5 – Refeição e prato favorito



Anexo 6 – Importância da alimentação

Para a sobrevivência;

Proporciona momentos de prazer (**saborear**);

Como espaço de encontro e confraternização (**convívio**)

A ALIMENTAÇÃO

Transporta-nos para as diversas realidades culturais.



A REFEIÇÃO, EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO



- O ser humano começa a «humanizar-se» através da refeição;
- Distingue-se dos restantes animais através da refeição;
- A refeição é um espaço de encontro entre pessoas.



A ALIMENTAÇÃO

Todos percebemos **a importância que a alimentação tem no nosso dia a dia**. Pela manhã sentimos necessidade de tomar uma boa refeição que nos reconforta e nos fornece a **energia** necessária para iniciarmos as nossas atividades. Ao longo do dia, quando as energias começam a faltar, é muito agradável interrompermos as nossas tarefas para tomarmos as várias refeições. Estas são tão importantes que lhes dedicamos muito tempo do nosso dia, tanto na sua preparação como na sua ingestão.

Anexo 7



A ALIMENTAÇÃO

A importância da alimentação no nosso dia a dia:

r_____ pela manhã;

fornecer a e_____ necessária para as nossas atividades;

i_____ as nossas tarefas para descansar.

Anexo 8



Ouviste o Carlos dizer ao professor que em casa dele raramente o jantar é em família, com toda a gente à mesa? Fiquei espantada! E ele a dizer que come no sofá?! Com um tabuleiro?!

É porque o tabuleiro deve ser boa companhia... e a televisão também!
Ah, já sei! Ele deve gostar assim porque nem o tabuleiro nem a televisão lhe pedem para partilhar a refeição!
Por isso é que ele está um bocadito pesado, é por não partilhar com ninguém...

Eu não passo sem a companhia de toda a família à mesa!
É tão bom! Mesmo quando a mãe faz batatas cozidas com pescada e hortaliça!... Com a companhia deles até nem me dou conta, porque entre as garfadas, vamos falando.
Às vezes o meu pai até tem de me mandar calar, porque não se fala de boca cheia!

... no fundo tenho pena do Carlos e de ele não poder fazer o mesmo.

Anexo 9 – Jantar de domingo (Miguel)

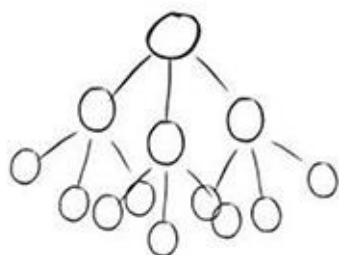


Anexo 10 – Desafio I



DESAFIO 1

“Partilha em Cadeia”



Anexo 11

UNIDADE LETIVA 3 “A PARTILHA DO PÃO”
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA



<https://heldersousaabadeba.wixsite.com/partilhadopao>

Anexo 12 – O Pão



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Ciências Bíblicas e Religião Católica
Faculdade de Ensino Superveniente



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018

וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ אֵלֶיךָ נִשְׁתַּחֲוֶה

וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ אֵלֶיךָ נִשְׁתַּחֲוֶה

A ALIMENTAÇÃO

Todos percebemos **a importância que a alimentação tem no nosso dia a dia**. Pela manhã sentimos necessidade de tomar uma boa refeição que nos reconforta e nos fornece a **energia** necessária para iniciarmos as nossas atividades. Ao longo do dia, quando as energias começam a faltar, é muito agradável interrompermos as nossas tarefas para tomarmos as várias refeições. Estas são tão importantes que lhes dedicamos muito tempo do nosso dia, tanto na sua preparação como na sua ingestão.

A importância da alimentação no nosso dia a dia:
r. _____ pela manhã;
fornecer a e _____
necessária para as nossas atividades;
l. _____ as nossas tarefas para descansar.

Quando chegares à sala transcreve o texto verde no "Diário da Partilha" colando o autocalante a baixo



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Ciências Bíblicas e Religião Católica
Faculdade de Ensino Superveniente



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018

וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ אֵלֶיךָ נִשְׁתַּחֲוֶה – וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ אֵלֶיךָ נִשְׁתַּחֲוֶה

וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ אֵלֶיךָ נִשְׁתַּחֲוֶה



O P ____ (léhem)

No Antigo Testamento - O Pão simboliza:

Pão ázimo (sem fermento)

Privações do povo hebreu escravizado no E _____



O Maná (Ex 16),



Pão caído do c ____ para alimentar o povo hebreu durante a travessia do d ____ do Sinai

URULFE<QLJ

LR>FE E FJJ> JE RFJJJV JV FVLJV



No Novo Testamento - O Pão simboliza:



J _____, o novo maná

Alimenta uma grande multidão de pessoas, depois de multiplicar alguns p _____ e alguns p _____.

Oração do P _____ N _____ (Lc 11, 3) **Sacramento**

Alimento diário necessário à s _____ de cada pessoa.

Procura a definição de Partilha no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de partilha colando o autocolante

VJLJ JEV RFECOVVEFOV

RFELAFJ J JEBJ JΛ>QBKFOJ

Nas celebrações cristãs - O Pão simboliza:

Sacramento da E _____



FOFQVVJ J VJLJ

CFJ JQ JFVVJE

O pão (léhem) é o símbolo do alimento e _____.
 (a palavra em falta encontra-se na sala - imagem do Pão)

Fim de Jogo fora da sala de aula.

Resta na sala no "Diário da Partilha" realizar as 3 tarefas proposta ao longo da Missão.

Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.

Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 1.ª Missão

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a frase colando o autocolante a baixo

Anexo 13 – O Azeite



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Faculdade de Ensino Superioridade

Agupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018

וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ
נִשְׁמְרֵם וְנִשְׁמָרְכֶם

A ALIMENTAÇÃO

Todos percebemos **a importância que a alimentação tem no nosso dia a dia**. Pela manhã sentimos necessidade de tomar uma boa refeição que nos reconforta e nos fornece a **energia** necessária para iniciarmos as nossas atividades. Ao longo do dia, quando as energias começam a faltar, é muito agradável interrompermos as nossas tarefas para tomarmos as várias refeições. Estas são tão importantes que lhes dedicamos muito tempo do nosso dia, tanto na sua preparação como na sua ingestão.

A importância da alimentação no
nosso dia a dia:
r _____ pela manhã;
fornecer a e _____
necessária para as nossas atividades;
i _____ as nossas tare-
fas para descansar.

Quando chegares à sala transcreve o texto verde no "Diário da Partilha" colando o autocalante a baixo

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Faculdade de Ensino Superioridade

Agupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018

וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ נִשְׁמְרֵם וְנִשְׁמָרְכֶם
וְכָל יְמֵי חַיֵּינוּ נִשְׁמְרֵם וְנִשְׁמָרְכֶם

O A _____

No Antigo Testamento - O Azeite simboliza:



Unção dos r _____, p _____ e s_cerdot_ de Israel
Bênção de Deus para o exercício de uma m _____ importante
Al gr_ , frate_nid_de, nq_za e abun_cia
P_z e reco_cili_ção

U N U L E F E < O L U J
L E > F E E F U J J > J E J E J E J V F F V L J V

No Novo Testamento - O Azeite simboliza:

Jesus, o Messias, o ungido, o escolhido de Deus



Presença do Espírito Santo

Procura a definição de Partilha no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de partilha colando o autocolante

V J L J J E V J F E E O V V E F O V
J F E L A F J J J E Q J J A > O O < F O J



Nas celebrações cristãs - O Azeite simboliza:

Sacramento do Batismo



Sacramento da Comunhão ou do Crisma



Sacramento da Ordem

Sacramento da Unção dos Enfermos

F O J F O V V J J V J L J
E F J J F V V J E

O Azeite está presente nos sacramentos.
(a palavra em falta encontra-se na sala - imagem do Azeite)

Fim de jogo fora da sala de aula.
Resta na sala no "Diário da Partilha" realizar as 3 tarefas proposta ao longo da Missão.
Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.
Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 1.ª Missão

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a frase colando o autocolante a baixo

WVUUEKOLJ
LW>FE E FJN> JE FJNJV JV FVUJV

No Novo Testamento - O Vinho simboliza:

Sa_gue do Senhor

V_____ árvore sagrada



Procura a definição de Partilha no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de partilha colando o autocolante

VJLJ JEV FFEQVVEFOV
FRELAFJ J JEQJ JΛ>QKFOJ

Nas celebrações cristãs - O Vinho simboliza:

Sacramento da E_____



FQFQVVJ J VJLJ
EQJ JQJ JFVVJE

O Vinho é associado ao sangue. Na tradição bíblica, simboliza a _____ .
(a palavra em falta encontra-se na sala - imagem do Vinho)

Fim de Jogo fora da sala de aula.

Resta na sala no "Diário da Partilha" realizar as 3 tarefas proposta ao longo da Missão.

Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.

Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 1.ª Missão

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a frase colando o autocolante a baixo

Anexo 15 – A Água



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Instituto em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017/2018

> J Γ J V O L F O K J Γ Γ J
 Γ Γ > E L E J Γ Γ E J E L J Γ K J E

A ALIMENTAÇÃO

Todos percebemos a **importância que a alimentação tem no nosso dia a dia**. Pela manhã sentimos necessidade de tomar uma boa refeição que nos reconforta e nos fornece a **energia** necessária para iniciarmos as nossas atividades. Ao longo do dia, quando as energias começam a faltar, é muito agradável interrompermos as nossas tarefas para tomarmos as várias refeições. Estas são tão importantes que lhes dedicamos muito tempo do nosso dia, tanto na sua preparação como na sua ingestão.

A importância da alimentação no nosso dia a dia:
 r _____, pela manhã;
 fornecer a e _____
 necessária para as nossas atividades;
 i _____ as nossas tare-
 fas para descansar.

Quando chegares à sala transcreve o texto verde no "Diário da Partilha" colando o autocalante a baixo

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Instituto em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017/2018

> J Γ J V O L F O K J Γ Γ J – J Γ O J J O J J L A O E V
 J Γ > E L E J Γ Γ E J E L J Γ K J E

A Á _____

No Antigo Testamento - A Água simboliza:

- Cri_ção
- Elemento pri_rdi_l a partir do qual tudo foi feito
- Elemento indispensável à prospr_da_e e à v_da
- Elemento Pu_fi_dor

W F U L F E K O L J

L F > F E E F U J J > J E F F J J J J V F F V L J V

No Novo Testamento - A Água simboliza:

Jesus e Nicodé ____ (Jo 3,1-8)

V _ d _ nova

Pur _ fic _ ão da pessoa

Jesus e a Samar _ tan ____ (Jo 4,1-42)

Jesus é a "água v _ v _ " que dá a v _ d _ et _ ma

Procura a definição de Partilha no DICIONÁRIO:

Após chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de partilha colando o autocolante

V J L J J E V F F E C O V V E F O V

F F E L A F J J J E O J J A > O O K F O J

Nas celebrações cristãs - A Água simboliza:

Sacramento do B _____



F O M F O V V J J V J L J

F F J J O J F V V J E

A água está vinculada à ideia de ser a fonte da _____.
(a palavra em falta encontra-se na sala - imagem da Água)

Fim de Jogo fora da sala de aula.
Resta na sala no "Diário de Partilha" realizar as 3 tarefas proposta ao longo da Missão.
Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.
Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 1.ª Missão

Após chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a frase colando o autocolante a baixo

Anexo 16 – O Cordeiro



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Ciências Morais e Religiosas Católicas
Pólo de Ensino Superiorizado

Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018

> J F J V O L F O K J F F J - J F O J J O J L A B O E V
 J F > E L E J F F E J E L J F K J E

A ALIMENTAÇÃO

Todos percebemos **a importância que a alimentação tem no nosso dia a dia**. Pela manhã sentimos necessidade de tomar uma boa refeição que nos reconforta e nos fornece a **energia** necessária para iniciarmos as nossas atividades. Ao longo do dia, quando as energias começam a faltar, é muito agradável interrompermos as nossas tarefas para tomarmos as várias refeições. Estas são tão importantes que lhes dedicamos muito tempo do nosso dia, tanto na sua preparação como na sua ingestão.

A importância da alimentação no
 nosso dia a dia:
 r _____ pela manhã;
 fornecer a e _____
 necessária para as nossas atividades;
 i _____ as nossas tare-
 fas para descansar.

Quando chegares à sala transcreve o texto verde no "Diário da Partilha" colando o autocalante a baixo

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Pólo de Ensino Superiorizado

Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia
Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018

> J F J V O L F O K J F F J - J F O J J O J L A B O E V
 J F > E L E J F F E J E L J F K J E

O C _____

No Antigo Testamento - O Cordeiro simboliza:

Imolação de um cordeiro para comemoração da libertação da **escr_v_dão** do Egito
Ali_ça entre Deus e o povo judeu

U N U L F E < Q L J
L > F E E F J J > J E J J J J J V F F V L J V

No Novo Testamento - O Cordeiro simboliza:

Jesus é o Cor____ro de Deu__, sacrificado na cr__z pelo nossos pecados e para nossa remissão através do Seu Sacri__ci__

Nova Ali__ça de Deus, realizada pelo Seu Filh__, com todos os pov__s

Procura a definição de Partilha no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de partilha colando o autocolante

V J L J J E V J F E < Q V V E F O V
J F E L A F J J J E Q J J A > Q Q < F Q J

Nas celebrações cristãs - O Cordeiro simboliza:

Sacramento da E_____



F O T F O V V J J V J L J
E F J J O J F V V J E

Para os cristão, o Cordeiro é o próprio _____.
(a palavra em falta encontra-se na sala - imagem do Cordeiro)

Fim de jogo fora da sala de aula.
Resta na sala no "Diário da Partilha" realizar as 3 tarefas proposta ao longo da Missão.
Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.
Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 1.ª Missão

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a frase colando o autocolante a baixo

O SIGNIFICADO SIMBÓLICO-RELIGIOSO DO ALIMENTO E DA REFEIÇÃO

Na cultura hebraica, os alimentos são uma dádiva de Deus.

Deus criou os alimentos para que todos tenham acesso a eles.

De acordo com a Bíblia, os bens alimentares e as refeições assumem um importante destaque na vida do povo e na sua relação com Deus.

A abundância de alimento é sinal da bênção divina.

O pão (lôhem) é o símbolo do alimento essencial.



O azeite está presente nos sacramentos do batismo, na confirmação ou crisma, no sacramento da ordem (sacerdotes) e no sacramento da unção dos enfermos.



O vinho é frequentemente associado ao sangue. Na tradição bíblica, simboliza a alegria.



A água está vinculada à ideia de ser a fonte da vida.



A água é muitas vezes referida na Bíblia, livro sagrado do Judaísmo e do Cristianismo.

Simboliza, habitualmente, a purificação da pessoa e a sua admissão num determinado grupo.

O cordeiro é o símbolo mais antigo da Páscoa, é o símbolo da aliança feita entre Deus e o povo judeu na páscoa da antiga lei.



Para os cristãos, o cordeiro é o próprio Jesus.

Anexo 18 – Autoavaliação



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018



AUTOAVALIAÇÃO

2.º PERÍODO | EMRC



NOME

Ano Turma Número

NOTA SUGERIDA

Justificação da nota

Avaliação das aulas

Sugestões



Anexo 19 – Artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos



A FOME E SUBNUTRIÇÃO

Excerto do artigo 25.º da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*

Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda aos serviços sociais necessários.



Anexo 20



FALTA E DESPERDÍCIO DE COMIDA

Como podemos chamar a atenção para o desperdício de comida?

Todos os dias na cantina vejo alguns colegas nossos a estragar a comida!
Devia ser punido por lei estragar comida! Todos deviam fazer como a minha mãe:
cozinha muitas vezes "Redon"!



Tu não sabes? Então "Redon" são os "restos de ontem",
mas para parecer um prato "gourmet" dizemos "Redon"!

Miguel, és radical, mas acabo por concordar contigo.
Estragar comida é uma falta de respeito para com aqueles
que gostariam de ter um bocadinho de comida,
e não podem ter... e explica lá que prato é esse "Redon"...



Anexo 21



CAUSAS DA FOME

Causas de responsabilidade humana

Conflitos e Guerra
Desflorestação e Desertificação
Exploração excessiva
Ambição desmedida

Causas naturais

Seca
Inundações
Terramotos
Incêndios



Anexo 22



Eu gostava tanto que toda a gente pudesse comer, nem acredito quando ouço falar de pessoas que não podem comer, por causa da ambição dos outros... parece um filme de terror!

Mas é real Miguel. Também me custa acreditar como é que há pessoas que não se importam com os outros, com o planeta! Temos de fazer alguma coisa...

Sim, Maria, concordo contigo, vamos já começar a anotar nomes dos responsáveis... será que eles têm caderneta? Deviam levar um recado!



Anexo 23



SOLIDARIEDADE

- *Sentimento que leva a prestar auxílio a alguém;*
- *Responsabilidade recíproca entre elementos de um grupo social, profissional, institucional ou de uma comunidade;*
- *Sentimento de partilha do sofrimento alheio.*



<https://www.youtube.com/watch?v=214vE2mH7d76ok>

Anexo 24



DESAFIO III

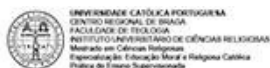
Desafio-te a criar fases positivas que incentivem à partilha.

Posteriormente serão colocadas pela escola em papel picotado em diversos locais.

EX: Dá um abraço ao primeiro professor que encontrares; Partilha o lanche com quem não tenha; Elogia um colega teu numa aula.



Anexo 25



DESAFIO III “Partilha na Escola” | 6.º A

Anexo 26



O VOLUNTARIADO

Ação de colaboração/ajuda de uma forma livre e desinteressada a favor de alguém ou de uma comunidade.

Sentirmo-nos disponíveis para ajudar sem esperar algo em troca.

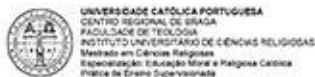


<https://www.youtube.com/watch?v=ELZqOttu3A>

“MISSÕES SECRETAS DE PARTILHA” | 6.º A



UNIDADE LETIVA 3 “A PARTILHA DO PÃO”
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA



»JF J VOLFOKJFFJ – JFOJ JQ JLAEV
JF» E LEJFE JE LJFKJE



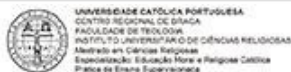
FAO - ORGANIZAÇÃO PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA
Organismo das Nações Unidas fundada a 16 de outubro de 1945.

Tira uma Selfie de toda a Equipa com a Senhora da Secretária

Envia sempre as fotografias para o email heldersousa.abadebacal@gmail.com

No assunto do email, deves colocar o NOME DA EQUIPA

No caso de enviases mais que uma foto, será apenas considerada a última



WFLFEKQLJ
LF»FE E FJ»» JE FJFJ JV FVLJV



Quando chegares à sala transcreve o Nome da Organização no “Diário da Partilha”
colando o autocalante por cima

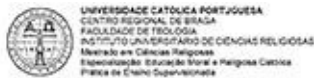
Anexo 28 – Banco alimentar contra a fome

“MISSÕES SECRETAS DE PARTILHA” | 6.º A



**Bancoalimentar
contra a fome**

UNIDADE LETIVA 3 “A PARTILHA DO PÃO”
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA



2017 2018
2017 2018



Primeiro Banco Alimentar Contra a Fome abriu em 1966, nos Estados Unidos.

Em Portugal, o primeiro foi aberto em Lisboa no ano de 1992.

Tira uma Selfie de toda a Equipa com a Senhora da Secretária

Envia sempre as fotografias para o email heldersousa.abadebacal@gmail.com

No assunto do email, deves colocar o NOME DA EQUIPA

No caso de enviares mais que uma foto, será apenas considerada a última



2017 2018
2017 2018



Quando chegares à sala transcreve o Nome da Organização no “Diário da Partilha” colando o autocalante por cima

וְנִצְחָנוּ אֶת הַמִּלְחָמָה

וְנִצְחָנוּ אֶת הַמִּלְחָמָה



Banco Alimentar
contra a fome

Objetivo – Recolha de bens alimentares para distribuição, de forma gratuita, pelos mais carenciados.

Procura a definição de VOLUNTARIADO no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de VOLUNTARIADO

וְנִצְחָנוּ אֶת הַמִּלְחָמָה

וְנִצְחָנוּ אֶת הַמִּלְחָמָה



Banco Alimentar
contra a fome

Atividades - Recolha de bens alimentares principalmente através de campanhas realizadas em superfícies comerciais, da oferta de empresas e particulares, ofertas da União Europeia, excedentes (sobras) da produção agroalimentar.

Apresenta duas causas da FOME:

1 -

2 -

Tira uma foto a este cartão

וְנִצְחָנוּ אֶת הַמִּלְחָמָה

וְנִצְחָנוּ אֶת הַמִּלְחָמָה

Tira uma Selfie de toda a Equipa com os Professores

Tira uma foto aos Cartazes que estão na parede da sala de aula

Fim de Jogo fora da sala de aula.

Resta na sala no "Diário da Partilha" realizar as 2 tarefas proposta ao longo da Missão.

Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.

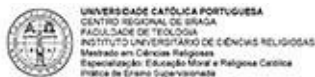
Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 2.ª Missão

Anexo 29 – **Cáritas**

“MISSÕES SECRETAS DE PARTILHA” | 6.º A



UNIDADE LETIVA 3 “A PARTILHA DO PÃO”
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agupamento de Escolas
Emídio Garcia
Ano Letivo 2017/2018

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agupamento de Escolas
Emídio Garcia
Ano Letivo 2017/2018



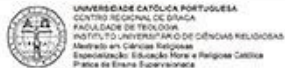
Organismo da Igreja Católica.
Presente em mais de 200 países.
Nas 20 dioceses portuguesas.

Tira uma Selfie de toda a Equipa com a Senhora da Secretária

Envia sempre as fotografias para o email heldersousa.abadebacal@gmail.com

No assunto do email, deves colocar o NOME DA EQUIPA

No caso de enviáres mais que uma foto, será apenas considerada a última



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agupamento de Escolas
Emídio Garcia
Ano Letivo 2017/2018



Quando chegares à sala transcreve o Nome da Organização no “Diário da Partilha”
colando o autocalante por cima

> J C J 7 E F < J F C J

J C > E 0 0 0 0 J J 0 7 8 7 7



Objetivo – Ser testemunho da fraternidade da comunidade cristã para com os mais pobres a partir da Ação Social da Igreja construtora de uma sociedade solidária e participativa.

Procura a definição de VOLUNTARIADO no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de VOLUNTARIADO

V J L J J E V 7 F E 0 V V E F 0 V

7 F E L A F J J J E 0 J J A > 0 0 < F 0 J



Atividades - Através da animação da Pastoral Social, fomenta a partilha de bens e a assistência em situações de calamidade e emergência.

Apresenta duas causas da FOME:

- 1 -
- 2 -

Tira uma foto a este cartão

F 0 7 F 0 V V J J V J L J

[F] J 0 J 7 F V V J E

Tira uma Selfie de toda a Equipa com os Professores

Tira uma foto aos Cartazes que estão na parede da sala de aula

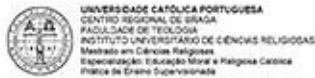
Fim de Jogo fora da sala de aula.
Resta na sala no "Diário da Partilha" realizar as 2 tarefas proposta ao longo da Missão.
Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.
Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 2.ª Missão

Anexo 30 – Sociedade de São Vicente de Paulo

“MISSÕES SECRETAS DE PARTILHA” | 6.º A



**UNIDADE LETIVA 3 “A PARTILHA DO PÃO”
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**



»JF J VOLFOKJFFJ – JFOJ JQ JLΛQEV
JF» E LEJFTE JE LJFKJE



A Sociedade de S. Vicente de Paulo é uma organização católica internacional de leigos fundada em Paris, em 1833, por Frederico Ozanam e seus companheiros.

1859 – A.S.S.V.P. entra em PORTUGAL pela mão do Padre Sena de Freitas, Padre Miel, Conde de Aljezur e outros, e funda-se a primeira Conferência em Lisboa.

Tira uma Selfie de toda a Equipa com a Senhora da Secretaria

Envia sempre as fotografias para o email heldersousa.abadebaca@gmail.com

No assunto do email, deves colocar o NOME DA EQUIPA

No caso de enviarestes mais que uma foto, será apenas considerada a última



UFULFEKOLJ
LF»FE E FJFJ» JE FJFJJJ JV FVLJV



Quando chegares à sala transcreve o Nome da Organização no “Diário da Partilha” colando o autocalante por cima

1. Ler o texto e identificar as palavras-chave.

2. Escrever as palavras-chave no quadro.



Objetivo – Ser uma resposta oportuna para cada situação de sofrimento ou pobreza.

Procura a definição de VOLUNTARIADO no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o "Diário de Partilha" a definição de VOLUNTARIADO

1. Ler o texto e identificar as palavras-chave.

2. Escrever as palavras-chave no quadro.



Atividades - Oferta de roupa, livros, medicamentos, ajuda na procura de empregos e internamentos, visitas a lares, hospitais, cadeias, ou à fundação das chamadas «obras especiais» (lares de 3.ª idade, centros de dia, casas de trabalho, salas de estudo, cantinas, lares para jovens, colónias de férias, etc.).

Apresenta duas causas da FOME:

- 1 -
- 2 -

Tira uma foto a este cartão

1. Ler o texto e identificar as palavras-chave.

2. Escrever as palavras-chave no quadro.

Tira uma Selfie de toda a Equipa com os Professores

Tira uma foto aos Cartazes que estão na parede da sala de aula

Fim de Jogo fora da sala de aula.
Resta na sala no "Diário da Partilha" realizar as 2 tarefas proposta ao longo da Missão.
Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.
Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 2.ª Missão



Comunidade Vida e Paz

UNIDADE LETIVA 3 “A PARTILHA DO PÃO”
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLÓGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia

Ano Letivo 2017/2018

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

AGUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA



Comunidade
Vida e Paz

Organização da Igreja, criada em 1988.

O mais importante é a Dignidade da Pessoa Humana, com particular atenção às mais pobres e socialmente excluídas ou vulneráveis, independentemente da sua etnia, credo ou nacionalidade.

Tira uma Selfie de toda a Equipa com a Senhora da Secretaria

Envia sempre as fotografias para o email heldersousa.abadebaca@gmail.com

No assunto do email, deves colocar o NOME DA EQUIPA

No caso de enviarestes mais que uma foto, será apenas considerada a última



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLÓGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia

Ano Letivo 2017/2018

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

AGUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA



Quando chegares à sala transcreve o Nome da Organização no “Diário da Partilha” colando o autocalante por cima

> J J J J J J J J J J

J J J J J J J J J J



Objetivo – Ir ao encontro e acolher os sem-abrigo, ou em situação de vulnerabilidade social, ajudando-as a recuperar a sua dignidade e a (re)construir o seu projeto de vida.

Comunidade
Vida e Paz

Procura a definição de VOLUNTARIADO no DICIONÁRIO:

Ao chegar à sala transcreve para o “Diário de Partilha” a definição de VOLUNTARIADO

V J J J J J J J J J J J

J J J J J J J J J J J J



Atividades - Criação e dinamização de respostas às necessidades e potencialidades das pessoas em condição de sem-abrigo ou em situação de vulnerabilidade social.

Comunidade
Vida e Paz

Apresenta duas causas da FOME:

- 1 -
- 2 -

Tira uma foto a este cartão

J J J J J J J J J J

J J J J J J J J J J

Tira uma Selfie de toda a Equipa com os Professores

Tira uma foto aos Cartazes que estão na parede da sala de aula

Fim de Jogo fora da sala de aula.

Resta na sala no “Diário da Partilha” realizar as 2 tarefas proposta ao longo da Missão.

Depois toda a missão será apresentada ao Professor e à Turma.

Terás uma nota em Grupo e Individual a ser colocada no cartão da equipa na 2.ª Missão

INSTITUIÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS QUE LUTAM CONTRA A FOME



ORGANIZAÇÃO PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA

Organismo das Nações Unidas fundada a 16 de outubro de 1945.

Objetivo – desenvolvimento rural e elevação dos níveis de nutrição dos povos.

Atividades - Organiza programas para o aperfeiçoamento e eficiência da produção agrícola e criação de gado com a aplicação de novas tecnologias nos países em vias de desenvolvimento.



Instituições particulares de solidariedade social. Primeiro Banco Alimentar Contra a fome abriu em 1966, nos Estados Unidos. Em Portugal, o primeiro foi aberto em Lisboa no ano de 1992.

Banco Alimentar contra a fome

Objetivo – Recolha de bens alimentares para distribuição, de forma gratuita, pelos mais carenciados.

Atividades - Recolha de bens alimentares principalmente através de campanhas realizadas em superfícies comerciais, da oferta de empresas e particulares, ofertas da União Europeia, excedentes (sobras) da produção agroalimentar.



Organismo da Igreja Católica. É um serviço para a animação da Ação Social da Igreja em Portugal. Presente em mais de 200 países. Nas 20 dioceses portuguesas.

Objetivo - Ser testemunho da fraternidade da comunidade cristã para com os mais pobres a partir da Ação Social da Igreja construtora de uma sociedade solidária e participativa.

Atividades - Através da animação da Pastoral Social, fomenta a partilha de bens e a assistência em situações de calamidade e emergência.



A Sociedade de S. Vicente de Paulo é uma organização católica internacional de leigos fundada em Paris, em 1833, por Frederico Ozanam e seus companheiros. Posta sob o patrocínio de S. Vicente de Paulo, inspira-se no seu pensamento e na sua obra, esforçando-se por avaliar aqueles que sofrem, em espírito de justiça e de caridade e por um compromisso pessoal. 1859 – A.S.S.V.P. entra em PORTUGAL pela mão do Padre Sena de Freitas, Padre Miel, Conde de Aljezur e outros, e funda-se a primeira Conferência em Lisboa.

Objetivo - Ser uma resposta oportuna para cada situação de sofrimento ou pobreza detectada.

Atividades - Oferta de roupa, livros, medicamentos, ajuda na procura de empregos e internamentos, visitas a lares, hospitais, cadeias, ou à fundação das chamadas «obras especiais» (lares de 3.ª idade, centros de dia, casas de trabalho, salas de estudo, cantinas, lares para jovens, colónias de férias, etc.).




Comunidade Vida e Paz

A Comunidade Vida e Paz, organização da Igreja, criada em 1988. Rege-se pelos princípios da Doutrina Social da Igreja. O mais importante é a Dignidade da Pessoa Humana, com particular atenção às mais pobres e socialmente excluídas ou vulneráveis, independentemente da sua etnia, credo ou nacionalidade.

Objetivo - Ir ao encontro e acolher os sem-abrigo, ou em situação de vulnerabilidade social, ajudando-as a recuperar a sua dignidade e a (re)construir o seu projeto de vida.

Atividades - Criação e dinamização de respostas às necessidades e potencialidades das pessoas em condição de sem-abrigo ou em situação de vulnerabilidade social.

Anexo 33



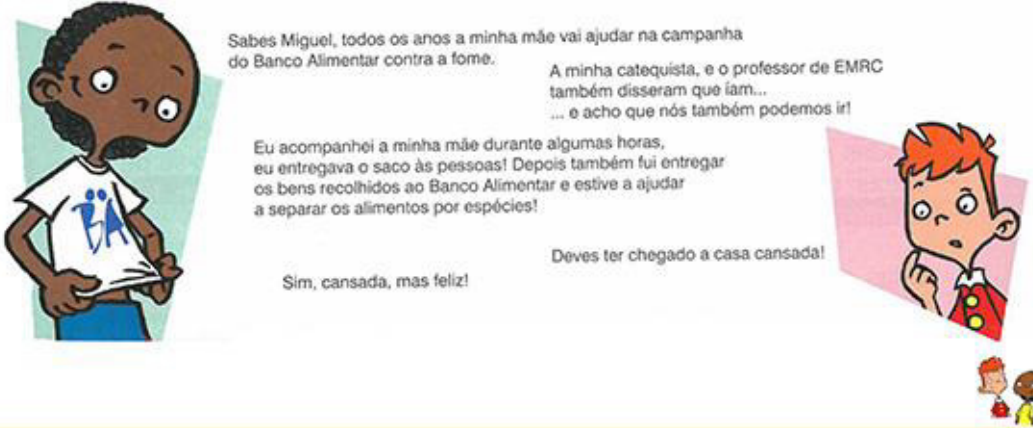
Sabes Miguel, todos os anos a minha mãe vai ajudar na campanha do Banco Alimentar contra a fome.

A minha catequista, e o professor de EMRC também disseram que iam...
... e acho que nós também podemos ir!

Eu acompanhei a minha mãe durante algumas horas, eu entregava o saco às pessoas! Depois também fui entregar os bens recolhidos ao Banco Alimentar e estive a ajudar a separar os alimentos por espécies!

Deves ter chegado a casa cansada!

Sim, cansada, mas feliz!



Anexo 34 – Quadro da Última Ceia



Última ceia (1997). Walter Rane



Mc 14, 12-25

No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava a Páscoa, os discípulos perguntaram-lhe: «Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Páscoa?»¹³ Jesus enviou, então, dois dos seus discípulos e disse: «Ide à cidade e virá ao vosso encontro um homem trazendo um cântaro de água. Segui-o¹⁴ e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa: O Mestre manda dizer: 'Onde está a sala em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?'¹⁵ Há de mostrar-vos uma grande sala no andar de cima, mobilada e toda pronta. Fazei aí os preparativos.»¹⁶ Os discípulos partiram e foram à cidade; encontraram tudo como Ele lhes dissera e prepararam a Páscoa.

¹⁷Chegada a tarde, Jesus foi com os Doze. ¹⁸Estavam à mesa a comer, quando disse: «Em verdade vos digo: um de vós há de entregar-me, *um que come comigo*.»¹⁹ Começaram a entristecer-se e a dizer-lhe um após outro: «Porventura sou eu?»²⁰ Jesus respondeu-lhes: «É um dos Doze, aquele que mete comigo a mão no prato.»²¹ Na verdade, o Filho do Homem segue o seu caminho, como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por quem o Filho do Homem vai ser entregue! Melhor fora a esse homem não ter nascido!»

²² Enquanto comiam, tomou um pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e entregou-o aos discípulos dizendo: «Tomai: isto é o meu corpo.»

²³ Depois, tomou o cálice, deu graças e entregou-lho. Todos beberam dele.

²⁴ E Ele disse-lhes: «Isto é o meu sangue da aliança, que vai ser derramado por todos.»²⁵ Em verdade vos digo: não voltarei a beber do fruto da videira até ao dia em que o beba, novo, no Reino de Deus.»

Anexo 36



MISSÃO SECRETA DE PARTILHA III

IGREJA SENHORA DAS GRAÇAS "ô descoberta da partilha do Pão"

GUIÃO

Ser Pão para os outros.

O cristão sabe que o verdadeiro amor a Deus passa pelo amor ao próximo e exige ações concretas. Quem vive numa situação privilegiada em relação à maioria, usufruindo de abundância de bens, deve agir em benefício dos mais pobres.

Às vezes os mais necessitados estão mesmo ao nosso lado e nós nem sequer os conseguimos ver.

Doarmo-nos a nós mesmos é estar atentos aos outros, preocuparmo-nos com os seus sentimentos, mesmo com os daqueles que tem dificuldade em falar de si ou simplesmente de pedir ajuda.

DESAFIO-TE a descobrir o exemplo cristão de um Santo em "Ser Pão para os outros".

DESAFIO-TE a seguires o seu exemplo.

Nome da Equipa: _____

Data ____/____/____

Hora de partida ____h ____

Hora de chegada ____h ____

Aproveita e Diverte-te!

Dirige-te à IGREJA DA SENHORA DAS GRAÇAS

IGREJA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Entra na Igreja, ajoelha-te, faz o sinal da cruz e reza um Pai-Nosso e uma Ave-Maria pelos mais pobres.

Nota: Também conhecida por igreja de Santa Clara, insere-se num convento datado de 1569, destinado a acolher as filhas dos cidadãos de Bragança. Destaca-se: o portal renascentista datado de 1597 e, na capela-mor, as pinturas do teto da nave e o arco triunfal revestido de talha. Venera-se Nossa Senhora das Graças, padroeira desta cidade.

Missão Secreta de Partilha III | UNIDADE LETIVA 3 – Partilha do Pão | 6.º A | EMRC

1



«Se conhecesses o Dom de Deus» Jo 4, 5-42



TAREFA 1

Nesta igreja está em destaque a padroeira da cidade, encontra-a!
TIRA FOTO À IMAGEM

Envia a fotografia para o email baldeirosyca.abadebasz@gmail.com
No assunto do e-mail, deves colocar o Nº DA TAREFA e o NOME DA EQUIPA.
No caso de enviáres mais que uma resposta a esta tarefa, será apenas considerada a última.

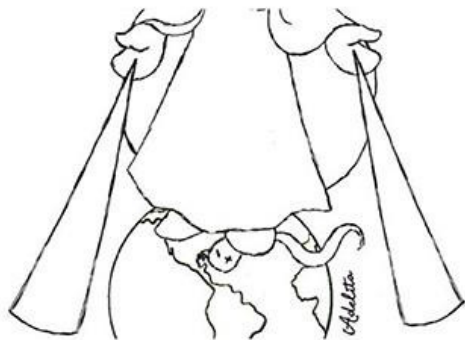
TAREFA 2

Realizar através do QR code

Para cada grupo da mão esquerda faz um pedido.

Para cada grupo da mão direita agradece um facto ou acontecimento.

Desenha as que faltam!



Missão Secreta de Partilha III | UNIDADE LETIVA 3 – Partilha do Pão | 6.º A | EMRC

2



TAREFA 3

Realizar através do QR code

PARA SABER MAIS

"Pão de santo António"

António comovia-se tanto com a pobreza que, certa vez, distribuiu aos pobres todos o pão do convento em que vivia. O frade padeiro ficou em apuros, quando, na hora da refeição, percebeu que os frades não tinham que comer, "os pães tinham sido roubados".

António, foi contar ao santo o ocorrido. Este mandou que verificasse melhor o lugar em que os tinha deixado. O irmão padeiro voltou estupefacto e alegre: os céstos transbordavam de pão, tantos que foram distribuídos aos frades e aos pobres que visitavam o convento.

A partir de acontecimentos como este, espalhou-se por todo o mundo, o costume de colocar nas igrejas uma caixa para esmolas do "Pão dos pobres".

Ser pão para os outros implica partilhar o nosso tempo, escolher, escutar, estar disponível, ajudar em tarefas...

Obrigado por teres participado!

Missão Secreta de Partilha III | UNIDADE LETIVA 3 – Partilha do Pão | 6.º A | EMRC

3

Anexo 37



Tarefa II



Tarefa III

Anexo 38



Sabias que hoje existe muita pobreza
e as pessoas não querem dizer que estão a passar mal?

Sabias que tenho uns vizinhos que só agora soubemos
que precisavam de ajuda e nós nunca suspeitámos?
Agora já vão à Cáritas buscar comida, mas foi difícil convencê-los.



Ser pão para os outros
implica partilhar
o nosso tempo,
acolher, escutar,
estar disponível,
ajudar em tarefas...



Anexo 39 - Quiz

Preenche os teus dados nos espaços seguintes:

Nome da Equipa

Data

Q.2

O que simboliza o «pão»?

- A alegria.
- O alimento.
- O Reino de Deus.
- A paz.

Q.3

Quando ajudamos os outros estamos a ser...

- Solidários.
- Egoístas.
- Camaradas.
- Discípulos.

Q.4

Qual das seguintes organizações pertence à ONU e dedica-se exclusivamente à erradicação da fome.

- Banco Alimentar Contra a Fome.
- Caritas.
- FAO.
- UNICEF.

Q.5

Qual o documento internacional que declara a alimentação como um direito fundamental das pessoas?

- Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Regulamento Externo da Escola.
- Declaração de Roma.
- Tratado de Tordezuellas.

Q.6

Qual o alimento associado à Páscoa?

- A uva.
- O cordeiro.
- O azeite.

- A maçã.

Q.7

Qual o acontecimento conhecido pela Última Ceia?

- A última ceia de Maomé com os seus amigos.
- A última ceia de Moisés com os seus discípulos.
- A última ceia de Jesus com os seus discípulos, antes da sua morte.
- A última ceia dos apóstolos Pedro e Paulo.

Q.8

Quais os alimentos que se destacaram à mesa, na Última Ceia?

- Pão e cordeiro.
- Pão e vinho.
- Pão e leite.
- Bife e cerveja.

Q.9

Indica a palavra que melhor traduz a expressão «dar-se aos outros».

- Negócio.
- Voluntariado.
- Investidor.
- Oferecer (um bem material).

Q.10

Indica qual a instituição que utiliza este símbolo como logótipo.



- Cruz Vermelha
- Caritas
- FAO
- Banco Alimentar Contra a Fome.
- Unicef.

Q.11

Esta é uma imagem da Última Ceia. Depois do que foi apresentado nas aulas ainda te lembras qual foi o seu autor?



- Leonardo Di Caprio.
- Miguel Ângelo.
- Walter Rane.
- Graça Moraes.
- Cristiano Ronaldo.

Q.12

Para os cristãos, qual o sacramento em que Jesus Cristo se torna presente no meio dos seus amigos?

- Eucaristia.
- Batismo.
- Confirmação.

Q.13

A palavra: "Gastronomia" está associada a...

- Alimentação.
- Escola.
- Desporto.

Q.15

Qual a atitude que nos permite tornar o mundo mais solidário?

- Partilha.
- Inimizade.
- Angústia.
- Egoísmo.

Anexo 40



Quiz

Anexo 41



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia
Ano letivo 2017 | 2018

ESCOLA PAULO QUINTELA | 6.º A
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

AVALIAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 3 "A PARTILHA DO PÃO"

NOME	assiduidade	pontualidade	participação	atenção	respeito	material	tarefas	desafio 1	desafio 2	desafio 3	MÉDIA
01											
02											
03											
04											
06											
08											
09											
10											
11											
12											
13											
14											
15											
16											
17											
19											
20											
21											
22											
23											